



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

IRMÃOS GRIMM:

UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA AOS CONTOS DA
INFÂNCIA E DO LAR

CATARINA GUIMAS DE ALMEIDA CALAMOTE

Nº 14566

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR JOAQUIM EDUARDO NUNES DE SÁ

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR JOAQUIM EDUARDO NUNES DE SÁ

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Eduardo Nunes Sá, apresentada no ISPA- Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

“...Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo...”

(Fernando Pessoa)

Não construí nenhum castelo, mas sim um caminho, por vezes sombrio mas que me levou à concretização deste projeto de investigação, deste sonho tornado realidade, com enorme orgulho e dedicação.

Durante o meu percurso académico inúmeras pessoas estiveram presentes e contribuíram para a conclusão desta etapa tão importante na minha vida. Cabe-me agora agradecer-lhes e retribuir-lhes todo o carinho recebido, pois sem elas não teria chegado até aqui.

Um especial agradecimento ao meu marido, pelo infinito investimento, por ter sempre acreditado que eu era capaz de alcançar este objetivo, pelo orgulho infinito no meu talento, por me ter ensinado que a vida é feita de sacrifícios mas que no fim vale a pena o esforço e por ter sido graças a ele que nunca desisti do meu sonho. Pelo companheiro e amigo que é, pelo amor e apoio incondicional, pela dedicação infinita, pela sabedoria e simplicidade únicas, pela presença incomparável, pela capacidade em tornar cada momento da minha vida mais feliz e por ser eternamente incansável.

À minha filha Mariana, por ter estado presente em todas as etapas deste processo, mesmo quando ainda era do tamanho de uma ervilhinha. Por ter sido a sua alegria, o seu carinho, que me fizeram lutar por uma vida melhor, por me ter ensinado que não há nada mais belo que ser mãe. Por me brindar todos os dias com um abraço do tamanho do mundo e tornar-me a mulher mais feliz do mundo. Amo-te daqui até á lua.

À Cláudia, à Liliana, à Marina, à Susana e à Gravata pela prova de que a distância não impediu de caminharmos juntas nesta etapa, pelo apoio incondicional, pelos incentivos diários, pelos contributos singulares no decorrer deste projeto de investigação e pelos momentos inesquecíveis no ISPA.

A todos os meus colegas Ispanios, que me acompanharam neste percurso e que directa ou indirectamente contribuíram significativamente para a conclusão deste trabalho.

Ao professor Eduardo Sá, pela sua orientação, pelos conhecimentos partilhados, pelas indicações, sugestões e comentários tecidos a este trabalho, pela capacidade em relativizar os obstáculos, pelos incentivos constantes na elaboração deste projeto de investigação, pelo seu

apoio inesgotável e sobretudo por me ter ensinado que não há nada melhor no mundo que as crianças.

Ao professor Pedro Aleixo, por ter revelado em mim uma veia artística e criativa que eu desconhecia.

Ao professor José Morgado, pela sua sabedoria, pela forma carinhosa com que se dedica aos alunos.

Ao professor Victor Cláudio, pelas acesas discussões, pela sua garra contagiante e por me ter ensinado que a psicologia não é só psicanálise.

Ao professor Victor Amorim, por me ter ensinado a diagnosticar, por me fazer acreditar no que via e sobretudo a não questionar as minhas inferências.

Um especial agradecimento a todos os professores do ISPA que me acompanharam neste percurso académico e fizeram com que me apaixonasse, mais e mais, por este mundo da Psicologia.

MUITO OBRIGADA A TODOS!

Para a Mariana

RESUMO

Pretendeu-se com este estudo analisar o imaginário infantil inerente aos contos de fadas, os pais e mães dos heróis dos contos infantis dos Irmãos Grimm que, apesar de ausentes ou omissos, não deixam de ser figuras relevantes. Colocou-se assim a seguinte questão de partida para a nossa investigação: Será que as figuras biológicas (pais) apesar de ausentes, ou de não terem a possibilidade de acompanharem o crescimento e desenvolvimento dos seus filhos, têm impacto na vida dos mesmos? Outras questões igualmente pertinentes foram colocadas: Estarão de facto omissos os pais biológicos nos contos infantis dos irmãos Grimm? Existirão, a par dos cuidadores biológicos, outras figuras cuidadoras? Qual a qualidade parental destas figuras parentais (biológicas ou não)? Para dar resposta a estas questões, escolhemos analisar os contos da infância e do lar escritos pelos Irmãos Grimm com o propósito de compreendermos a influência da história de vida dos autores por detrás desta obra – Jacob e Wilhelm Grimm. Como tal, os contos analisados serão: Os Doze Irmãos, Irmãozinho e Irmãzinha, Rapúncia (Rapunzel), Os Três Homenzinhos na Floresta, As Três Fiadeiras, Joãozinho e Margarida (Hänsel e Gretel), Gata Borralheira, A Menina Sem Mãos e Branca de Neve. Caracterizaremos o sistema familiar e alargado das personagens principais, com o recurso ao Genograma Familiar e ao Ecomapa, Como procedimento, recorrer-se-á à Análise de Conteúdo para criar categorias temáticas, nomeadamente, Figuras de Vinculação, Competência/Qualidade Parental e Estilo Parental, quer para os pais biológicos, quer para os substitutos parentais.

Palavras-chave: Contos de fadas, Irmãos Grimm, Funções Parentais, Substitutos Parentais

ABSTRACT

The intention of this study was to analyze a child's imagination inherent in fairy tales, the fathers and mothers of the heroes of fairy tales of the Brothers Grimm that, despite absent or missing, are nonetheless relevant figures. We put the following question to our research: Does the biological figures (parents) although absent, or not being able to monitor the growth and development of their children, have an impact in their lives? Other issues were also raised pertinent: Are indeed missing biological parents in fairy tales of the Brothers Grimm? Are there, along with biological caregivers, other caregivers figures? What is the quality of these parental figures (biological or otherwise)? To answer these questions, we chose to analyze the book "Household Tales" written by the Brothers Grimm in order to understand the influence of the life story of the authors behind this work - Jacob and Wilhelm Grimm. As such, the tales that will be analyzed are: The Twelve Brothers, Little Brother and Little Sister, Rapunzel, The Three Little Men in the Wood, The Three Spinners, Hansel and Gretel, Cinderella, The Girl Without Hands and Little Snow-White. We will characterize the extended family system and the main characters, with the use of Family Genograms and Ecomaps, As a procedure, shall be used the Content Analysis to create thematic categories, namely Figures Attachment, Competency / Quality Parenting and Parenting Style for both biological parents and parental substitutes.

Keywords: Fairy Tales, the Brothers Grimm, Parental Roles, Parental substitutes

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	
1.1. Grimm's.....	3
1.2. A Obra dos Irmãos Grimm.....	5
1.3. A Vida de Jacob e Wilhelm Grimm.....	38
2. MÉTODO	
2.1. Delineamento.....	39
2.2. Procedimento.....	40
2.3. Instrumentos.....	42
3. ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS CONTOS DA INFÂNCIA E DO LAR DOS IRMÃOS GRIMM	
3.1. Análise de Conteúdo dos Contos Infantis dos Irmãos Grimm.....	43
3.2. Discussão.....	45
<i>Figuras de Vinculação:</i>	45
<i>O papel das figuras parentais biológicas como figuras de vinculação principal.....</i>	45
<i>Figuras de Vinculação:</i>	50
<i>Ausência das Figuras Parentais Biológicas e os Substitutos Maternos e/ou Paternos.....</i>	50
<i>Competências Parentais/Qualidade Parental:</i>	56
<i>O papel dos Pais Biológicos em oposição aos Substitutos Paternos e/ou Maternos.....</i>	56
<i>Estilo Parental:</i>	62
<i>Os padrões parentais dos Pais Biológicos em oposição ao dos substitutos Paternos e/ou Maternos.....</i>	62
4. DISCUSSÃO	
4.1. Considerações Finais.....	65
4.3. Limitações e Estudos Futuros.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69

LISTA TABELAS

Tabela 1 - Resumo do Contos Objectos de Estudo	33
Tabela 2 - Análise de Conteúdo.....	43
Tabela 3 – Figuras de Vinculação Presentes nos Contos Objectos de Estudo.....	55

LISTA FIGURAS

Figura 1 - Genograma de 12 Irmãos.....	9
Figura 2 - Ecomapa de 12 Irmãos.....	10
Figura 3 - Genograma de Irmãozinho e Irmãzinha.....	12
Figura 4 - Ecomapa de Irmãozinho e Irmãzinha.....	13
Figura 5 - Genograma de Rapúncia	15
Figura 6 - Ecomapa de Rapúncia	16
Figura 7 - Genograma de Três Homenzinhos na Floresta.....	18
Figura 8 - Ecomapa de Três Homenzinhos na Floresta.....	19
Figura 9 - Genograma de Três Fiadeiras.....	20
Figura 10 - Ecomapa de Três Fiadeiras.....	21
Figura 11 - Genograma de Joãozinho e Margarida.....	23
Figura 12 - Ecomapa de Joãozinho e Margarida.....	24
Figura 13 - Genograma de Gata Borracheira	26
Figura 14 - Ecomapa de Gata Borracheira	27
Figura 15 - Genograma de Menina Sem Mãos.....	29
Figura 16 - Ecomapa de Menina Sem Mãos.....	30
Figura 17 - Genograma de Branca de Neve	32
Figura 18 - Ecomapa de Branca de Neve.....	33

1. INTRODUÇÃO

1.1. Grimm's

Os contos de fada não têm igual, não só como forma de literatura mas como obras de arte plenamente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Tal como a verdadeira arte, o sentido mais profundo do conto de fadas difere de pessoa para pessoa, e difere para a mesma pessoa em momentos diferentes da sua vida. A criança extrairá um sentido diferente de um mesmo conto, segundo os seus interesses e as necessidades de momento. Na primeira oportunidade, ela regressará ao mesmo conto, quando estiver pronta para alargar velhos sentidos ou substituí-los por outros novos.

(Bettelheim, 1975/1976/2011, p.23)

Segundo Bettelheim (1975/1976/2011), o gosto por estas histórias deve-se ao facto de que “(...) os contos de fadas falam para a vida mental interior da criança” (p. 154). Os contos de fadas transmitem significações latentes e manifestas, oferecendo à imaginação da criança novas dimensões. “Ao mesmo tempo que distrai a criança, o conto de fadas elucida-a sobre si própria e promove o desenvolvimento da sua personalidade” (Bettelheim, 1975/1976/2011, p. 20). Cada história assume uma importância diferente, consoante o estágio de desenvolvimento da criança (Bettelheim, 1975/1976/2011). Actualmente, os contos de fadas apresentam quase sempre com um final feliz, mas nem sempre foi assim. A concepção do “viveram felizes para sempre”, vinculado intrinsecamente aos Contos de Fadas é errónea. Na sua origem, os contos apresentavam diversos fins, até mesmo os trágicos, pois assim, permitia-se aos ouvintes a possibilidade de lidarem com as suas frustrações. O “viveram felizes para sempre” (final feliz) foi uma maneira esperançosa de transmitir aos leitores que, no final, tudo dará certo, mesmo para aqueles que tenham uma vida sofrida e cheia de desgraças. No entanto, essa é uma ideia nova nos Contos de Fadas, e o precursor dessa mudança foi o escritor americano Walt Disney. Walt Disney popularizou esse género literário, modificando muitas histórias, e ainda, vendendo imagens e estereótipos para cada personagem - o que não acontecia nos contos originais, que exploravam o imaginário do ouvinte (ou ainda, do leitor, quando alguns foram publicados) apenas pela história.

A cultura de contar histórias para as crianças não é algo recente. “Pelos escritos de Platão sabemos que as mulheres mais velhas contavam às suas crianças histórias simbólicas – “mythoi”. Desde então, os contos de fada estão vinculados à educação das crianças” (Franz, 1990, p.11). Segundo Bettelheim: “Para a criança e para o adulto que, como Sócrates, sabe que ainda existe uma criança dentro do indivíduo mais sábio os contos de fadas exprimem verdades sobre a humanidade e sobre a própria pessoa” (Bettelheim, 1975/1976/2011, p.82). Desde então, os contos de fadas cumprem um importante papel educativo. Eles foram e ainda são destinados para crianças e adultos. Na Europa, até os séculos XVII e XVIII, transmitir contos era uma ocupação espiritual essencial. Tendo em vista que naquela época a espiritualidade era uma forma de educar, podemos dizer que eles eram importantes na formação humana. E ainda o são, pois trabalham dilemas existenciais que a sociedade evita apresentar para as crianças, como morte, envelhecimento, desejo de vida eterna, luta entre o bem o mal, entre outros. Segundo Franz (1990), por interesse científico, no século XVIII, Winckelmann, Haman e J.G.Heder (cit. por Franz, 1990) tentaram interpretar os contos. Herder (cit. por Franz, 1990) dizia que nos contos havia uma antiga crença neopagã, o que o induziu os “irmãos Jacob e Wilhelm Grimm a colecionar contos folclóricos. Bairos (2012), na introdução do livro “Contos da Infância e do Lar” (Grimm, 2012), explica que “dois irmãos professores da Universidade de Göttingen, na Alemanha, filólogos eminentes, foram destituídos de suas funções em consequência de um fato político: Jacob Grimm leccionava literatura alemã quando foi abolida a Constituição de Hannover e, por protestar contra tal acto, foi demitido do cargo que ocupava e Wilhelm Grimm foi sub-bibliotecário em Göttingen, e mais tarde, professor nessa mesma universidade, abandonando o magistério pelas mesmas razões que afastaram o seu irmão Jacob. Em 1849, morando em Berlim, Jacob fez parte da Assembleia Geral da Gota, trabalhando em favor da unidade alemã até o momento em que essa Assembleia foi dissolvida e ele decidiu abandonar a política para dedicar-se, juntamente com o seu irmão Wilhelm, às publicações e estudos de história, literatura e linguística (...). Conhecidos mundialmente como “Irmãos Grimm”, realizaram importantes pesquisas no campo da tradição popular, deixando um riquíssimo acervo de histórias, lendas, anedotas, superstições e fábulas das velhas germânicas, preservadas graças à sua iniciativa e hoje conhecidas como “contos da infância e do lar dos Irmãos Grimm”. “Os irmãos Grimm escreveram os contos de fadas, como eram contados pelas pessoas das redondezas, mas mesmo eles, não resistiram algumas vezes a misturar um pouco as versões” (Franz, 1990, p.14).

Segundo Bettelheim, “(...) os contos de fadas têm grande significado psicológico para as crianças de todas as idades, tanto meninas quanto meninos, independentemente da idade e sexo do herói da história” (Bettelheim, 1975/1976/2011, p.21). Dessa forma, não devemos esconder o

lado mau da vida às crianças, mesmo porque, a criança não se sente boa o tempo todo e, a polarização auxilia na formação, conforme mostra a seguinte passagem: “As personagens dos contos de fadas não são ambivalentes – não são boas e más ao mesmo tempo, como na realidade o somos. Mas uma vez que a polarização domina o espírito da criança, ela domina também os contos de fadas.” (Bettelheim, 1975/1976/2011, p.18). O desenvolvimento acontece dessa forma, porque “(...) as escolhas das crianças baseiam-se não tanto na oposição entre o bem e o mal como em quem desperta a sua simpatia ou a sua antipatia.” (Bettelheim, 1975/1976/2011, p.19). Assim, o facto de o mal não compensar é demonstrado por uma bruxa má, que não tem amigos. E nos contos amorais, podemos observar que mesmo o medíocre pode ter sucesso, como cita Bettelheim (1975/1976/2011), no conto das três fiadeiras (Grimm, 2012), por exemplo. Assim, a criança tem o modelo do que é certo e do que é errado.

Como tal, pretendemos com este estudo analisar o imaginário infantil inerente aos contos de fadas, os pais e mães dos heróis dos contos infantis dos Irmãos Grimm que, apesar de ausentes ou omissos, não deixam de ser figuras relevantes. Torna-se assim pertinente este estudo por um lado, porque desde sempre que a psicologia e, em particular a psicanálise se interessou pelas relações primárias na infância, pelos cuidadores e pela qualidade dos seus cuidados. Por outro lado, porque estudar o imaginário infantil dos contos de fadas permite-nos como afirma Bettelheim (1975/1976/2011, p.15) “(...) é aqui que os contos de fadas têm um valor ímpar, porque oferecem à imaginação da criança novas dimensões que seria impossível ela descobrir por só por si. Mais: a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem à criança imagens através das quais ela pode estruturar os seus devaneios, e com isso orientar a sua vida”.

Colocou-se assim a seguinte questão de partida para a nossa investigação: Será que as figuras biológicas (pais) apesar de ausentes, ou de não terem a possibilidade de acompanharem o crescimento e desenvolvimento dos seus filhos, têm impacto na vida dos mesmos? Outras questões igualmente pertinentes foram colocadas: Estarão de facto omissos os pais biológicos nos contos infantis dos irmãos Grimm? Existirão, a par dos cuidadores biológicos, outras figuras cuidadoras? Qual a qualidade parental destas figuras parentais (biológicas ou não)?

No intuito de dar resposta a estas questões, iremos primeiramente visitar a Obra dos Irmãos Grimm.

1.2. A Obra dos Irmãos Grimm

A obra dos irmãos Grimm não se cinge aos “Contos da Infância e do Lar”, apesar dessa ser a sua obra mais famosa. A primeira publicação dos contos aconteceu em 1812 e era uma recolha de

histórias que viviam na tradição oral germânica. A obra tinha um carácter académico e demonstrava o trabalho minucioso que os Grimm lhe dedicaram. Esta obra foi sucessivamente editada e o seu carácter académico foi abandonado pelos Grimm quando perceberam que o seu público-alvo eram as crianças. Os contos foram suavizados e foram adicionadas ilustrações. Esta mudança foi forçada pela débil situação económica em que os irmãos se encontravam. A versão final comporta 200 histórias e dez fábulas infantis.

Em 1813 surgiu a obra “Florestas Germânicas Antigas” (*Altdutsche Wälder*) era composta por estudos medievais, estudos sobre folclore e linguísticos.

Em 1815 publicaram uma edição comentada de um épico medieval germânico intitulada “Pobre Heinrich por Harmann von der Aue” (*Der arme Heinrich von Hartmann von der Aue*). Também nesse ano foi publicada a obra “Canções do Velho Edda” (*Lieder der alten Edda*).

Em 1816 foi publicada a obra “Lendas Germânicas” (*Deutsche Sagen*).

Em 1826 publicaram a tradução da obra de Thomas Crofton Croker, “Contos de Fadas Irlandeses” (*Irish Fairy Tales - Irische Elfenmärchen*). A tradução era acompanhada de um ensaio introdutório às fábulas e tradições do sul da Irlanda.

A obra colossal que é o “Dicionário Germânico” (*Deutsches Wörterbuch*) foi começada em 1852 pelos irmãos Grimm e finalizada em 1960, cem anos após a sua morte. Nesta obra trabalharam várias gerações de estudiosos.

Jacob Grimm publicou a título pessoal quatro obras importantes. A “Gramática Germânica” (*Deutsche Grammatik*) de 1819. A obra “Antiguidades Legais Germânicas” (*Deutsche Rechtsaltertümer*) de 1828. “Mitologia Germânica” (*Deutsche Mythologie*) de 1835. E uma “História da Língua Germânica” (*Geschichte der deutschen Sprache*) em 1848.

Wilhelm Grimm também publicou a título pessoal três obras. Em 1811 publicou uma tradução de “Antigas Canções Heróicas, Baladas e Contos Dinamarqueses” (*Altdänische Heldenlieder, Balladen und Märchen*). Em 1821 publicou a obra “Sobre Runas Germânicas” (*Über deutsche Runen*) e em 1829 publicou a obra intitulada “A Lenda Heróica Germânica” (*Die deutsche Heldensage*).

A obra dos irmãos Grimm reveste-se de uma peculiar importância para os estudos germânicos. O seu carácter académico e a sua precisão marcaram uma revolução na forma como os contos, o folclore e as tradições orais eram encarados. Toda a carga supersticiosa que despoletava uma atribuição cultural inferior e mesmo uma falta de educação, foi suplantada pelo trabalho dos Grimm. Subitamente os contos que sobreviviam na tradição oral deixaram de ser consideradas provas míticas de lições de vida para passarem a ser objecto de estudo. A atitude

dos Grimm elevou a importância da tradição oral como veículo preservador da cultura germânica.

Escolhemos analisar os contos da infância e do lar escritos pelos Irmãos Grimm com o propósito de compreendermos a influência da história de vida dos autores por detrás desta obra – Jacob e Wilhelm Grimm. Como tal, os contos analisados serão: Os Doze Irmãos, Irmãozinho e Irmãzinha, Rapúncia, Os Três Homenzinhos na Floresta, As Três Fiadeiras, Joãozinho e Margarida (Hänsel e Gretel), Gata Borralheira, A Menina Sem Mãos e Branca de Neve. Foram excluídos alguns contos presentes na obra dos Irmãos Grimm, por não serem relevantes para o objecto de estudo em questão.

Com o intuito de dar a conhecer os contos, faremos um breve resumo dos mesmos, e com o recurso do Genograma Familiar e do Ecomapa, caracterizaremos o sistema familiar e alargado das personagens principais.

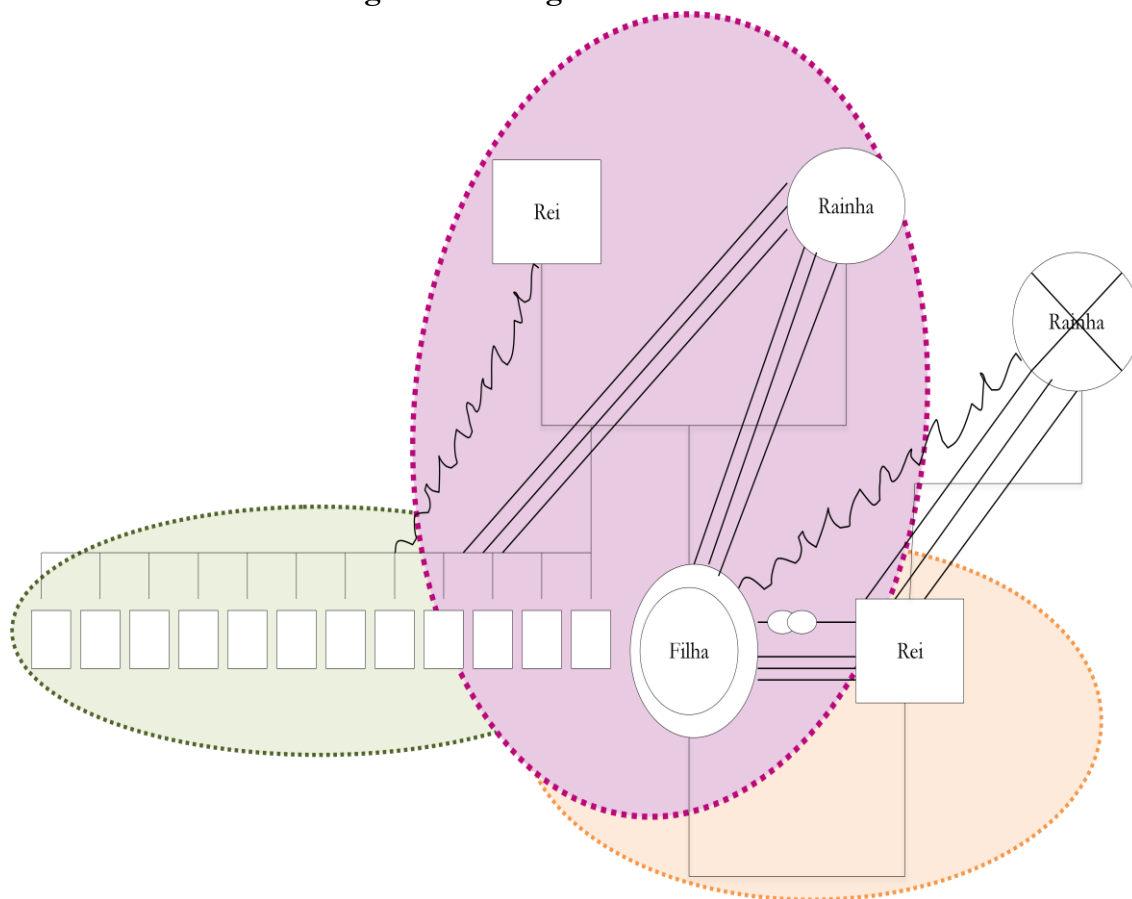
Os seguintes resumos baseiam-se nos respectivos contos presentes na obra “Contos da Infância e do Lar” dos Irmãos Grimm (2012).

- Doze irmãos

A história dos doze irmãos é a história de doze rapazes filhos de um rei e uma rainha. O rei mandou fazer doze caixões, depois foi ter com a rainha e disse que se a próxima criança que der à luz for uma menina então os doze rapazes terão de morrer. Levou a rainha até um quarto e mostrou-lhe os doze caixões, deu-lhe a chave e pediu para não dizer nada. O filho mais novo, que era muito chegado à mãe, reparou que esta andava triste e chorosa. Perguntou-lhe o que se passava mas a mãe não quis dizer nada. Depois de muito insistir a rainha contou ao filho o que o rei tinha dito e mostrou-lhe os doze caixões. O rapaz acalmou a mãe e juntos engendraram um plano para se porem a salvo. Foram todos para a floresta e, do cimo da árvore mais alta, vigiaram a torre do palácio. Tinha sido estabelecido que ao nascer a criança a rainha mandaria hastear uma bandeira branca se fosse menino, mas se fosse menina seria hasteadada uma bandeira vermelha. Passados doze dias foi hasteadada no alto da torre uma bandeira vermelha. Os doze irmãos decidiram que por terem de partir para longe do seu reino iriam matar todas as meninas que encontrassem. Esconderam-se numa casa encantada no fundo da floresta, bem longe do palácio. O rapaz mais novo ficava em casa e os irmãos iam caçar, passaram-se dez anos. A irmã dos doze rapazes era agora crescida. Um dia, quando faziam uma grande lavagem de roupa no palácio, reparou em doze camisas de homem. Como eram demasiado pequenas para serem do pai, perguntou à mãe de quem eram. A mãe contou-lhe a história dos seus irmãos e mostrou-lhe os doze caixões. A menina decidiu que iria procurar os irmãos. Pegou nas doze camisas e dirigiu-se

para a floresta. Passado algum tempo encontrou a casinha encantada e lá encontrou o seu irmão mais novo. A menina contou que andava à procura dos seus doze irmãos e mostrou-lhe as camisas. O rapaz respondeu que ele era um dos seus irmãos, no entanto havia o problema da jura que os irmãos tinham feito. Ele escondeu-a debaixo de uma cuba e quando os irmãos chegaram fez com que estes prometessem não matar a primeira menina que vissem. Depois apresentou-lhes a irmã. Eles gostaram muito dela e permitiram que ficasse com eles. A menina e o rapaz mais novo tratavam da casa e os restantes caçavam. Certo dia, para agradar aos rapazes, a menina colheu doze lírios que cresciam no jardim da casa, mas no momento que os colheu os seus irmãos transformaram-se em corvos. A casa e o jardim desapareceram e a menina ficou sozinha na floresta. Encontrou uma anciã que lhe disse: “porque não deixaste estar as doze flores brancas?” (p. 116). A menina quis saber o que podia fazer para os libertar do feitiço e a anciã respondeu que para trazer os irmãos de volta teria de ficar sem falar nem sorrir durante sete anos. A menina propôs-se a passar pela privação de falar e sorrir para salvar os seus doze irmãos, subiu a uma árvore alta e pôs-se a fiar. Certo dia passou por ali um rei que a encontrou e falou com ela mas ela não lhe respondeu, então o rei subiu à árvore e tomou-a, pô-la no seu cavalo e levou-a para o palácio. Casaram e foram felizes durante alguns anos, mas a mãe do rei começou a falar mal dela e convenceu o rei de que ela era má. Ao princípio o rei não lhe deu ouvidos mas acabou por aceder às pressões da mãe e condenar a sua mulher à morte na fogueira. Quando as chamas estavam quase a queimá-la acabaram os sete anos de provação e desceram do céu sete corvos que, ao tocar o chão se transformaram nos doze irmãos. Estes libertaram a sua irmã e contaram ao rei a sua história. O rei ficou satisfeito pela inocência da sua amada e condenou a sua mãe à morte.

Figura 1 - Genograma de 12 Irmãos



Legenda

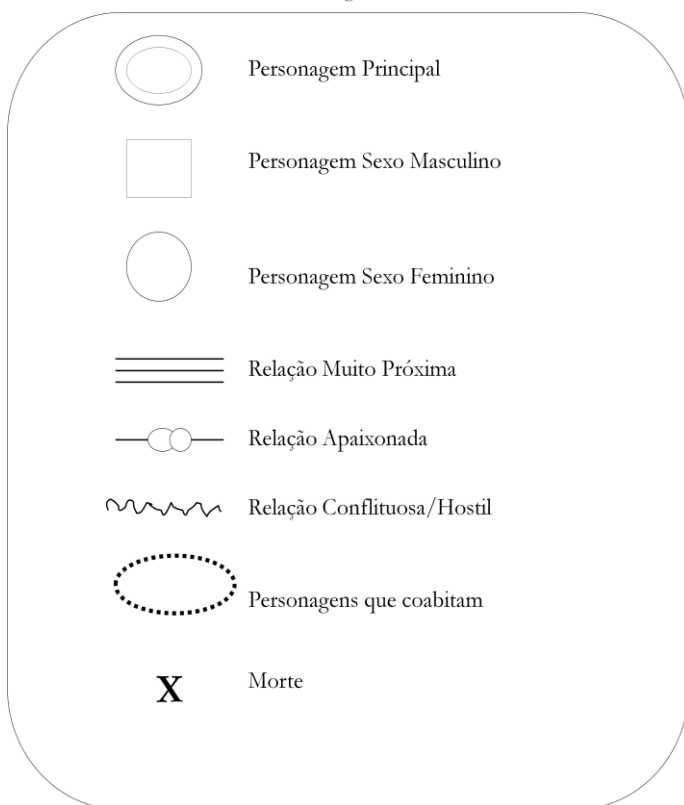
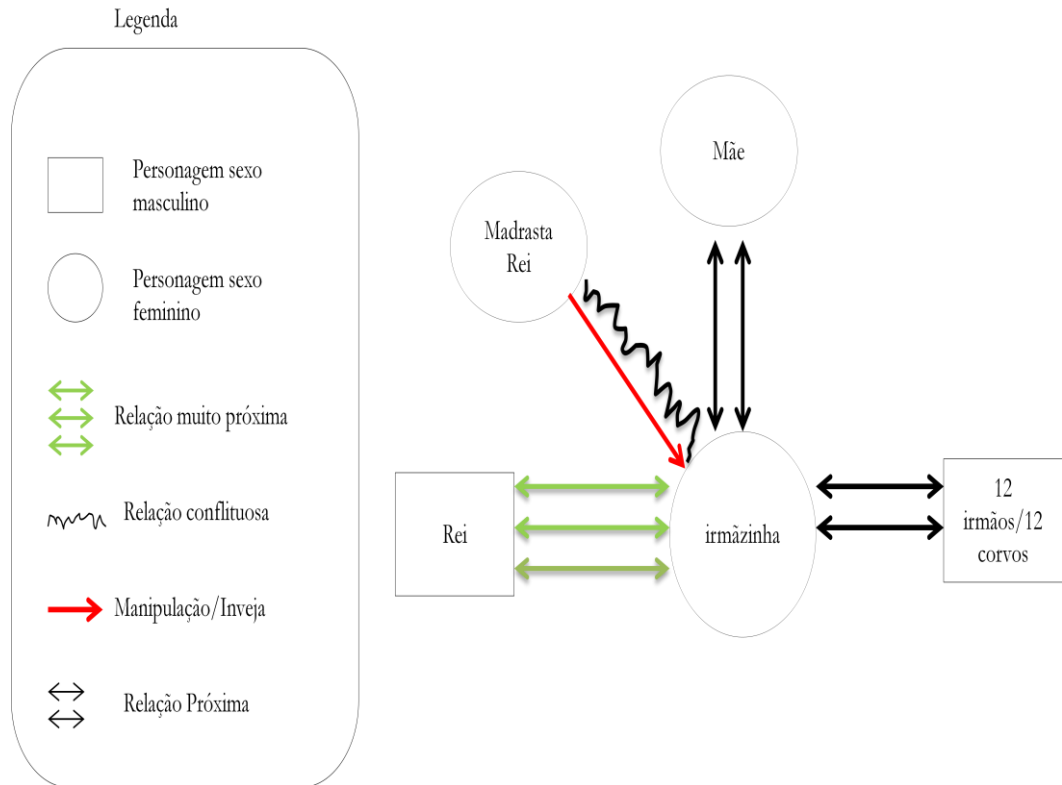


Figura 2 - Ecomapa de 12 Irmãos

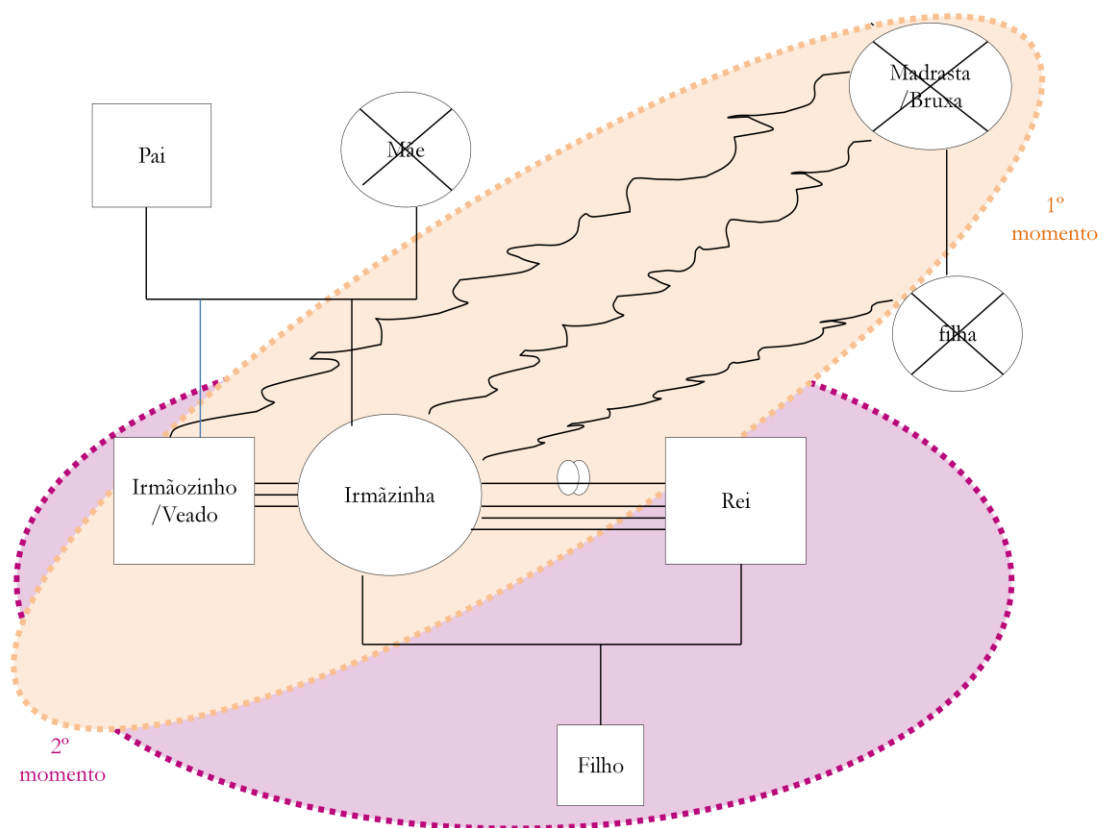


- Irmãozinho e Irmãzinha

Dois irmãos que eram muito mal tratados pela madrasta decidiram fugir para longe. Andaram o dia todo e ao cair da noite chegaram à orla de uma floresta, como estavam cansados e esfomeados decidiram dormir no interior de uma árvore oca. Quando acordaram já o sol ia alto e o rapaz estava com muita sede. Pegou na mão da rapariga e foram procurar uma fonte, mas a madrasta tinha enfeitado todas as fontes da floresta. Quando chegaram à primeira fonte, o rapaz quis beber mas a sua irmã escutou a água que dizia: “ Quem de mim beber, fica em tigre. Quem de mim beber, em tigre fica.” (p. 124). A rapariga alertou o irmão que se bebesse da água da fonte iria transformar-se em tigre e devorá-la. O rapaz aceitou não beber, apesar da sede. Caminharam mais um pouco e chegaram a uma segunda fonte cuja água dizia: “Quem de mim beber, fica em lobo. Quem de mim beber, em lobo fica.” (p. 124). A rapariga alertou o rapaz e este, apesar da sede aceitou não beber, mas na próxima fonte beberia fosse qual fosse o feitiço. Chegaram a uma terceira fonte e a rapariga escutou a água dizer: “Quem de mim beber, fica em veado. Quem de mim beber, em veado fica.” (p. 124). O irmão não quis saber e bebeu transformando-se em veado. Caminharam juntos pela floresta durante muito tempo e chegaram a uma pequena casa desabitada. A rapariga decidiu que ficariam ali e viveram juntos durante algum

tempo. Certo dia o rei organizou uma caçada, soaram cornetas pela floresta e ao ouvi-las o veado inquietou-se. Não conseguindo aguentar mais, pediu à irmã que o deixasse sair. A irmã acedeu mas avisou-o que só abriria a porta se ele disse-se: “irmãzinha, deixa-me entrar” (p. 125) O veado correu à frente dos caçadores e estes nunca o conseguiram apanhar. À noite bateu à porta e ao dizer as palavras combinadas, a irmã deixou-o entrar. No dia seguinte aconteceu a mesma coisa e o veado correu à frente dos caçadores sem estes o conseguirem apanhar. Pelo cair da noite estava cercado de caçadores e um conseguiu feri-lo numa pata, depois seguiu até à casa e memorizou o que se passou. O caçador foi contar ao Rei o que tinha sucedido e este ordenou que se fizesse mais uma caçada no dia seguinte, mas não deviam fazer mal ao veado pois ele queria ver que lhe abria a porta da pequena casa. No dia seguinte soaram cornetas pela floresta e o veado, como já estava bom da pata saiu. À noite bateram à porta de pequena casa e foram proferidas as palavras combinadas, a menina abriu a porta mas quem entrou foi o Rei e não o irmão em forma de veado. Como era muito bela, o Rei quis levar a rapariga para o palácio e fazer dela sua Rainha. A rapariga aceitou com a condição do seu irmão veado ir também. O Rei acedeu e foram os três para o palácio onde celebraram o casamento. O tempo passou e a Rainha deu à luz um rapaz. A madrasta tinha ouvido que a rapariga era Rainha e quis vingar-se. Tomou a forma de uma criada e levou a Rainha para o banho com a desculpa de poder recuperar do parto. Fechou a Rainha no quarto de banho onde, por estar demasiado quente, sufocou. Depois deu à sua feia filha a forma da Rainha e deitou-a de lado na cama de forma que não desse para ver que lhe faltava um olho. À noite o Rei chegou da caçada e quis saber da mulher e do filho, mas a bruxa da madrasta tinha o quarto escuro e disse ao Rei que a Rainha estava a recuperar do parto. O Rei não desconfiou. À meia-noite a Rainha entrou silenciosamente no quarto onde estava o filho e amamentou-o, depois desapareceu. Uma criada que estava no quarto assistiu a tudo silenciosamente, não tendo coragem para proferir uma palavra. Quando a Rainha desapareceu, a criada foi contar ao Rei o sucedido. Na noite seguinte o Rei estava no quarto com o filho e a cena repetiu-se, mas não ousou dizer uma palavra. Na noite seguinte, quando a Rainha entrou no quarto o Rei tomou-a dizendo: “só podes ser a minha mulher querida” (p. 129). Nesse instante a Rainha voltou a viver e contou o que lhe tinha sucedido. O Rei julgou e condenou a bruxa à morte na fogueira e a sua filha deveria ser devorada por animais selvagens. Quando a bruxa foi reduzida a cinzas o veado readquiriu a forma humana.

Figura 3 - Genograma de Irmãozinho e Irmãzinha



Legenda

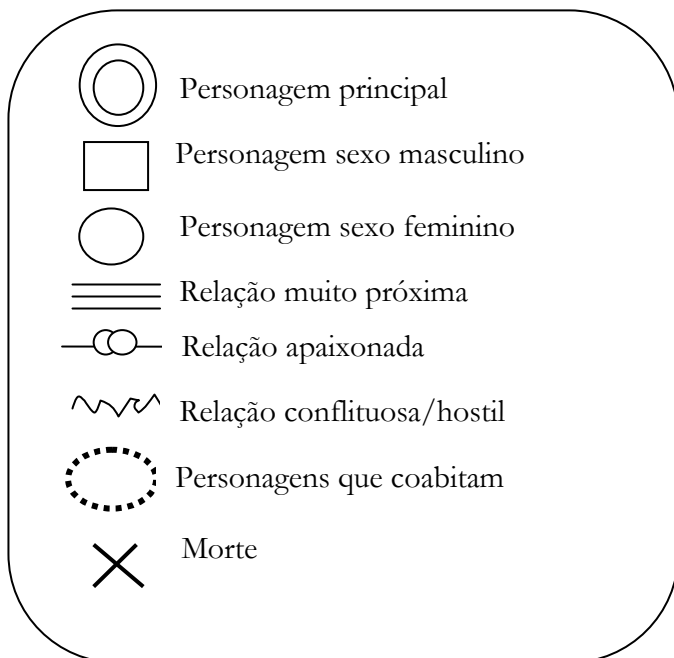
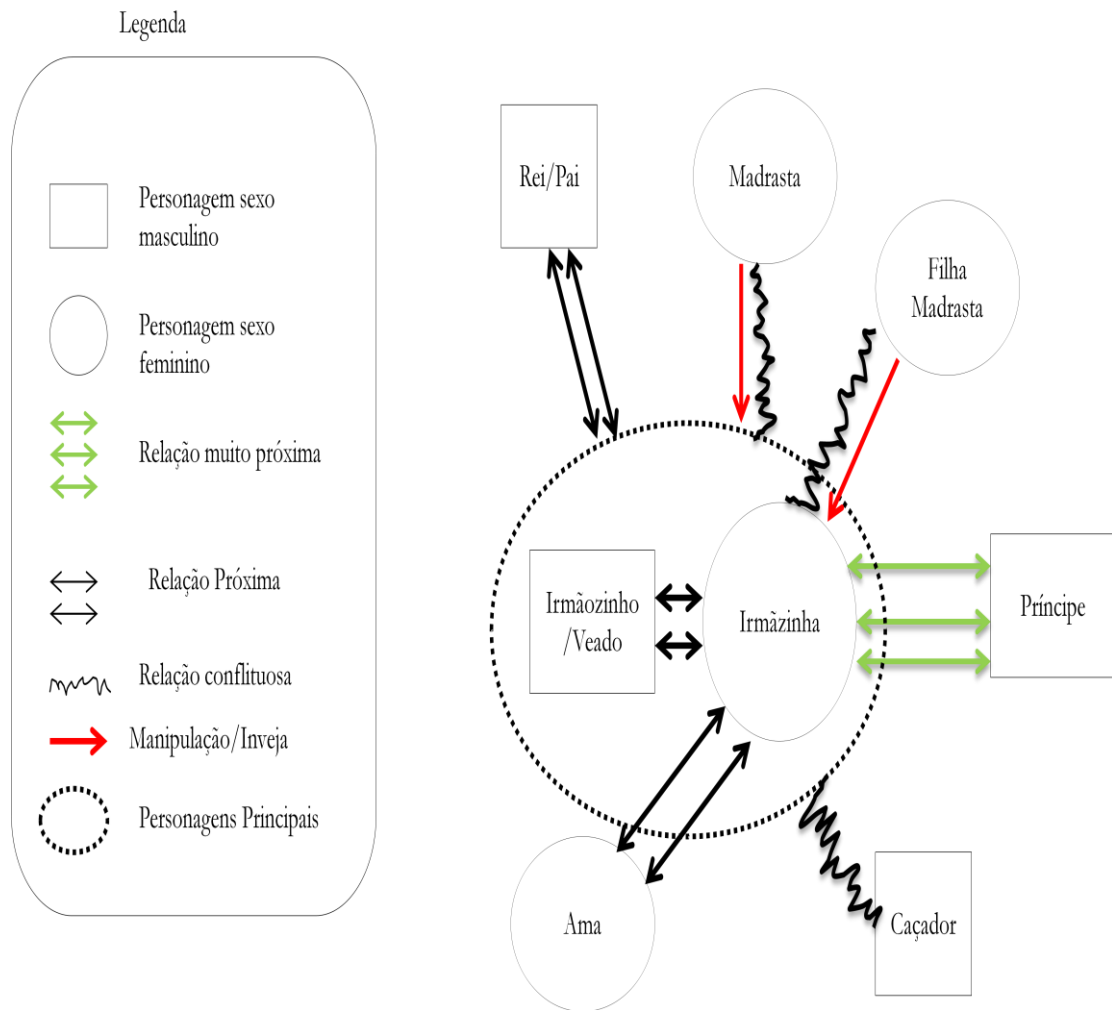


Figura 4 - Ecomapa de Irmãozinho e Irmãzinha



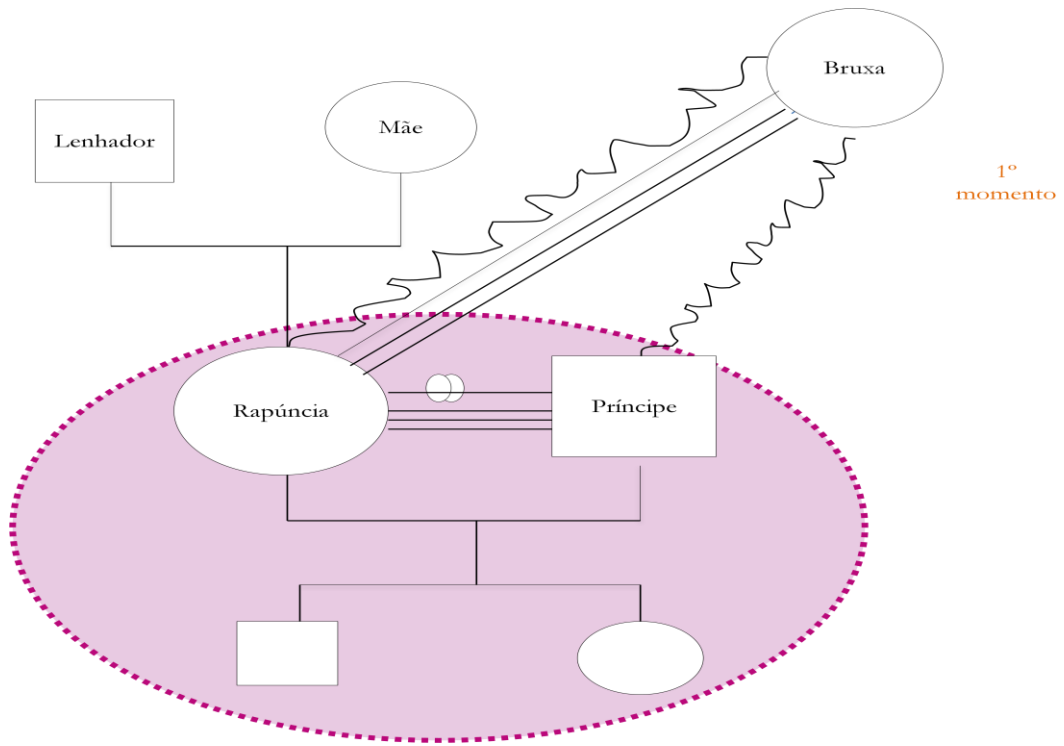
- Rapúnçia (*Rapunzel*)

Rapunzel conta a história de uma menina muito desejada por seus pais e levada para longe deles por uma terrível feiticeira, de acordo com o que o pai da menina prometera à bruxa malvada num momento de desespero, quando esta o ameaçava por ter invadido o seu quintal para apanhar rabanetes e saciar o desejo de sua mulher ainda grávida de *Rapunzel*. Quando *Rapunzel* completou doze anos, foi levada para o alto de uma enorme torre para que ficasse isolada do mundo. Quando a feiticeira queria vê-la gritava para que *Rapunzel* atirasse as suas belas tranças de cabelos louros e finos nunca cortados, pelos quais a feiticeira subia, pois a torre não possuía escadas. Certo dia, o filho do Rei passeava pelo local da torre quando ouviu o belo canto de *Rapunzel*, a menina cantava para si mesma a fim de distrair-se e espantar a solidão; o príncipe apaixonou-se de imediato, porém, não sabia o que fazer para chegar até o alto da torre e declarar-se à amada. Passados alguns dias o príncipe conseguiu observar a chegada da velha bruxa e a

mancira pela qual ela subia ao alto da torre, e no dia seguinte, colocou-se ao pé da torre a gritar pelas tranças de *Rapunzel*. Assim como acontecia à bruxa, as tranças caíram e o príncipe subiu. Quando chegou ao encontro de *Rapunzel*, declarou-se à menina acalmando o coração da bela, ainda assustada por ver pela primeira vez a figura de um homem. *Rapunzel* encantada pelos sentimentos e beleza do príncipe, não hesitou em aceitar o seu convite para fugir e viver com o rapaz, mas, sabia que o seu exílio era a razão da existência da bruxa que jamais aceitaria a sua liberdade. Assim, a menina pediu ao príncipe que a cada visita levasse um pedaço de seda que *Rapunzel* teceria até formar uma escada que pudesse descer para viver junto de seu amado.

Numa das visitas da bruxa, *Rapunzel* distraiu-se e ingenuamente perguntou-lhe porque demorava tanto tempo a subir a torre, enquanto o filho do rei subia rapidamente. A bruxa no mesmo instante descobriu o segredo de *Rapunzel* e, irada, cortou-lhe os longos e belos cabelos, esbofeteou-a e depois mandou-a para um deserto para que vivesse em miséria e sofresse. De seguida prendeu as tranças cortadas de *Rapunzel* em dois ganchos, e quando o príncipe gritou para subir ao encontro de *Rapunzel*, a feiticeira jogou-lhe as tranças. Quando o príncipe chegou ao alto da torre e soube da maldade que a bruxa fizera, desesperado atirou-se da janela caindo em cima de espinhos que perfuraram os seus olhos. Nessa situação, o príncipe vagueou acompanhado com a sua tristeza até chegar coincidentemente ao deserto no qual *Rapunzel* vivia já com os seus filhos, um casal de gémeos. Ao escutar o canto de *Rapunzel*, o príncipe aproximou-se e *Rapunzel* reconheceu-o e abraçou-o de imediato. As suas lágrimas de alegria caíram sobre os olhos cegos do príncipe e fizeram com que ele voltasse a ver. O casal e os seus filhos caminharam para o reino onde foram recebidos com alegria e viveram felizes para sempre.

Figura 5 - Genograma de Rapúncia



Legenda

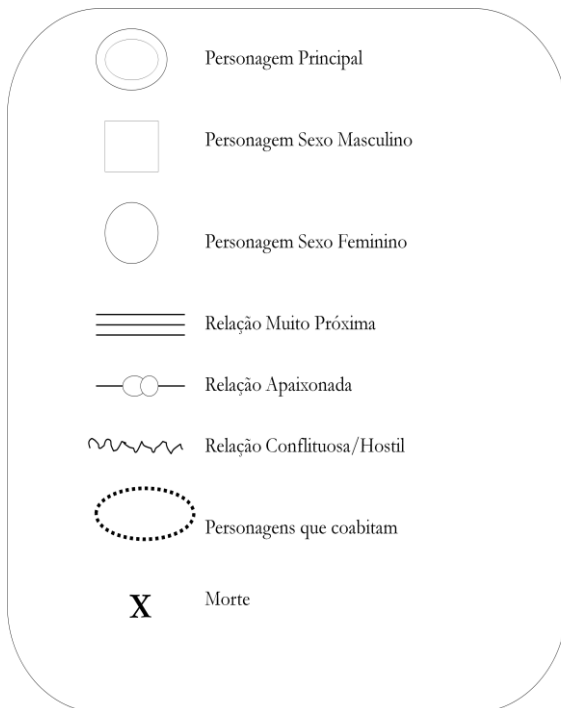
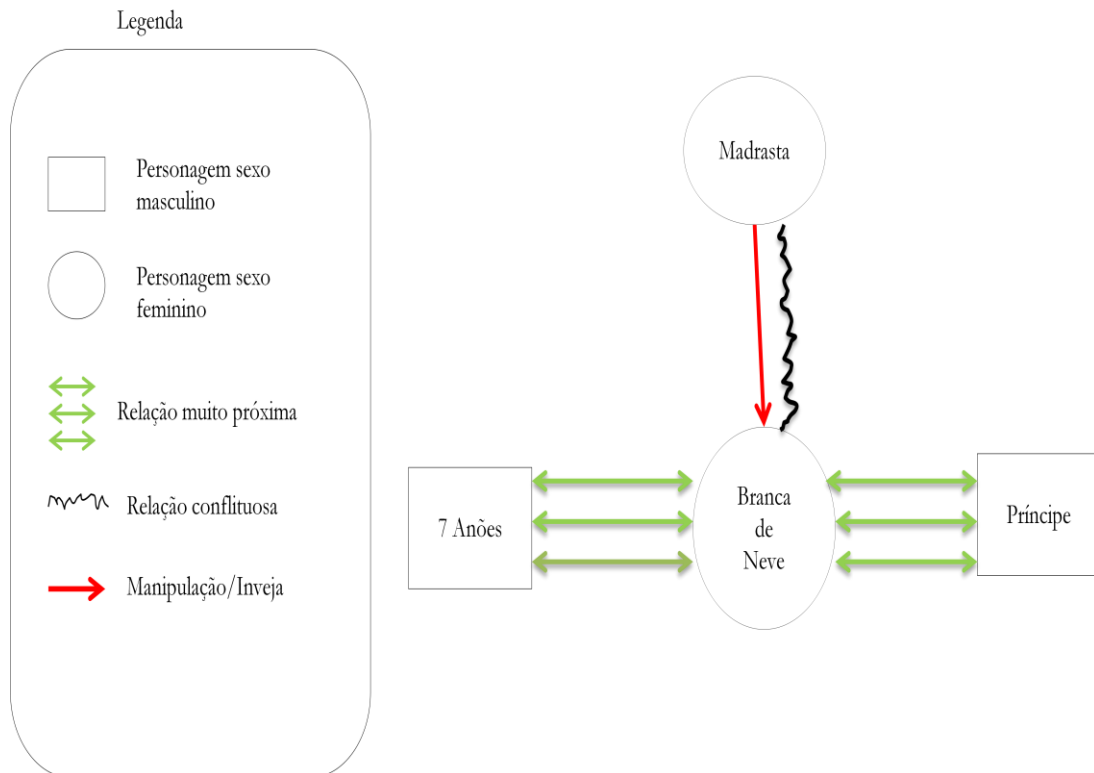


Figura 6 - Ecomapa de Rapúncia



- Três homenzinhos na Floresta

A história dos três homenzinhos na floresta fala-nos de um homem viúvo que tinha uma filha e de uma mulher viúva que também tinha uma filha. As duas raparigas conheciam-se e a mulher viúva disse à filha do homem para dizer ao pai se ele queria casar com ela. Quando estivessem casados lhe daria vinho para beber e leite para se lavar, enquanto à sua filha lhe daria água para beber e água para se lavar. A rapariga foi ter com o pai e deu-lhe o recado, mas o homem como não queria decidir ordenou à filha que enchesse uma bota rota com água e casaria com a mulher se a água não saísse. A rapariga assim fez e a água dilatou o couro da bota, a tal ponto que a bota ficou cheia. O homem foi ter com a viúva e pediu-a em casamento. Na manhã a seguir à boda foi dado à rapariga vinho para beber e leite para se lavar, mas foi só nesse dia pois nos restantes foi-lhe dado água para beber e água para se lavar. A mulher, cheia de inveja porque a sua filha era feia e repugnante e a rapariga era bonita e encantadora, passou a tratá-la muito mal e a fazer-lhe a vida difícil. Certo dia fez um vestido de papel e ordenou à rapariga que o vestisse e fosse à floresta apanhar morangos. Como era inverno, tudo estava coberto de neve e a rapariga não encontrou morangos. Ao vaguear pela floresta encontrou uma casinha e bateu à porta. Lá de dentro três homenzinhos disseram para entrar. Ela entrou e sentou-se ao pé do fogão para se aquecer. Tirou

o pedaço de pão duro que a madrasta lhe tinha dado e começou a comê-lo. Os três homenzinhos pediram-lhe um bocado e a rapariga partiu metade e deu-lhes. Perguntaram-lhe porque andava na floresta com um vestido tão fresco e a rapariga contou o seu infortúnio. Quando acabaram de comer os três homenzinhos pediram-lhe para ela varrer a neve na porta das traseiras. Ela assim fez e encontrou debaixo da neve morangos. Encheu o cesto que a madrasta lhe tinha dado, despediu-se dos homenzinhos e correu para casa. Os três homenzinhos ficaram a comentar a simpatia e a amabilidade da rapariga. O primeiro disse: “a minha prenda é que fique mais bela a cada dia que passa” (p. 139), o segundo disse: “a minha prenda é que lhe caiam pepitas de ouro da boca a cada vez que proferir uma palavra” (p. 139), o terceiro disse: “a minha prenda é que apareça um rei e case com ela” (p. 139). A rapariga chega a casa com o cesto cheio de morangos e à primeira palavra caiu-lhe uma pepita de ouro da boca. Contou a sua história com os homenzinhos da floresta e a filha da madrasta, apesar da oposição da mãe, quis ir também ter com os homenzinhos na floresta. A mãe vestiu-lhe um casaco de peles e deu-lhe pão com manteiga e bolo. A rapariga foi pela floresta fora, mas desta vez não bateu à porta, não os cumprimentou, simplesmente entrou pela casa dentro, sentou-se ao fogão e começou a comer. Os três homenzinhos pediram que ela compartilha-se com eles mas ela não o fez e recusou varrer a neve da porta das traseiras. Como resultado voltou para casa com o cesto vazio. Os três homenzinhos ficaram a comentar a sua maldade e o primeiro disse: “a minha prenda é que fique mais feia a cada dia que passa” (p. 140), o segundo disse: “a minha prenda é que lhe caiam sapos da boca de cada vez que proferir uma palavra” (p. 140), o terceiro disse: “a minha prenda é que morra de má morte” (p. 140). A rapariga chegou a casa e ao contar a sua história começou a cair-lhe sapos da boca. A madrasta ficou muito zangada e cozeu fio, depois ordenou à enteada para o ir lavar ao rio gelado. Quando a rapariga estava a escavar um buraco no gelo do rio apareceu o rei e perguntou-lhe o que estava a fazer. Ela contou o seu infortúnio ao Rei, este apaixonou-se por ela e pediu-a em casamento. Passado um ano a rapariga, agora rainha, deu à luz um filho e a madrasta fez-lhe uma visita pois tinha ouvido falar da sua boa fortuna. Como não estava ninguém no palácio, a madrasta e a sua filha pegaram na rainha e lançaram-na ao rio. Quando o rei quis falar com a rainha, a madrasta disse que estava muito cansada e o Rei não desconfiou. A rainha, sob a forma de pata, esgueirou-se para o quarto do bebé e amamentou-o, isto repetiu-se durante duas noites. À terceira a pata pediu ao ajudante de cozinha para ir ter com o Rei e dizer-lhe para brandir a sua espada três vezes por cima dela. O ajudante de cozinha assim fez e o rei brandiu a sua espada e a pata transformou-se na sua mulher. O Rei manteve a rainha escondida até ao dia do baptizado do filho. Nesse dia o Rei perguntou à madrasta: “o que merece uma pessoa que arrasta outra para fora da cama e a atira para a água?” (p. 142). A madrasta respondeu: merece

“ser enfiada num barril cheio de pregos e atirada encosta abaixo até à água” (p. 142). O Rei condenou a madrasta à sentença que ela própria acabara de proferir.

Figura 7 - Genograma de Três Homenzinhos na Floresta

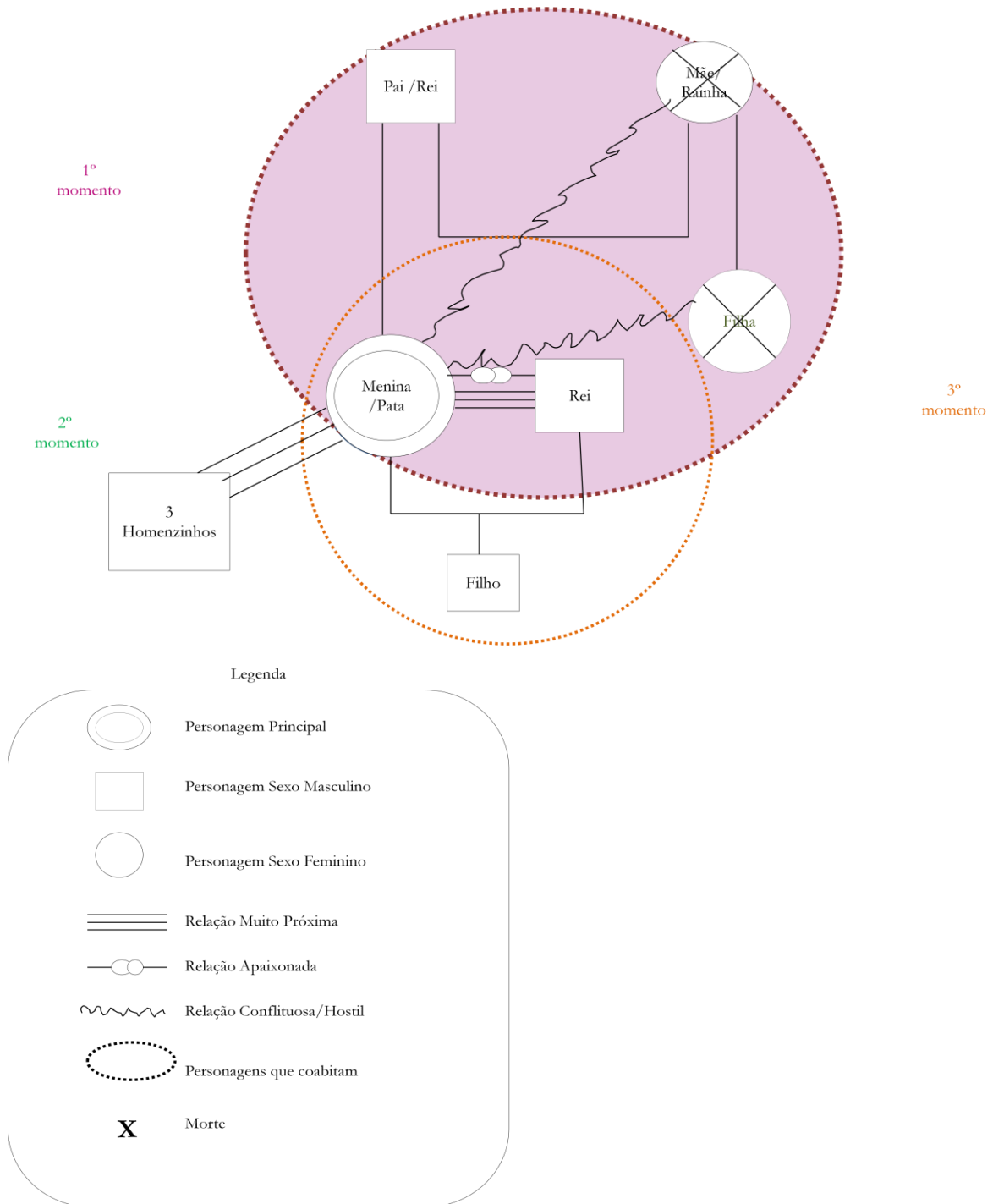
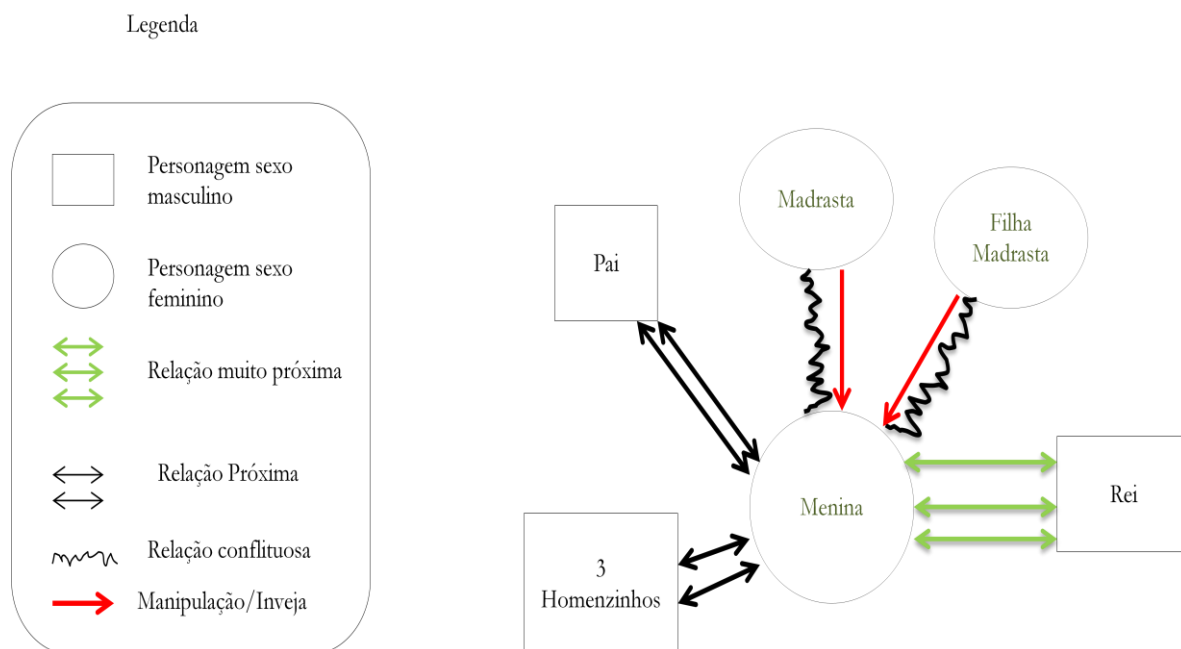


Figura 8 - Ecomapa de Três Homenzinhos na Floresta

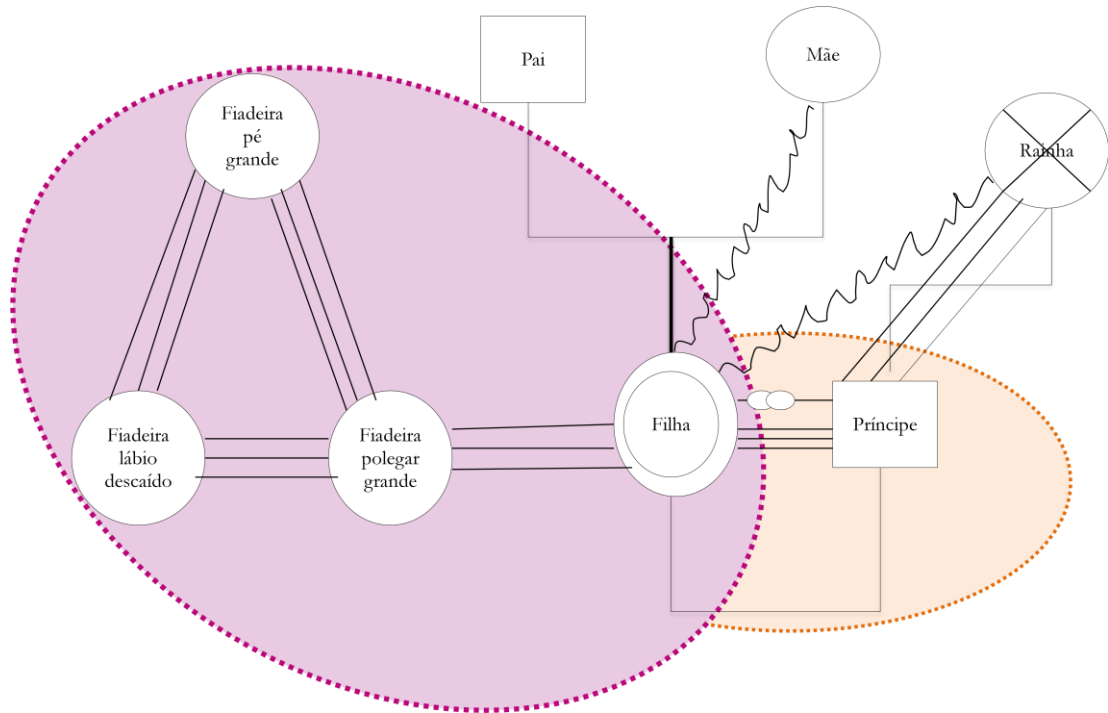


- As três fiadeiras

As três fiadeiras é a história de uma rapariga muito preguiçosa que odiava fiar. Certo dia a mãe perdeu a paciência e bateu-lhe, a rapariga começou a chorar e a Rainha, que passava perto, ouviu os gritos da rapariga. Entrou na casa de onde vinha o choro e perguntou à mãe porque bateu na filha. A mãe, cheia de vergonha, disse à Rainha que, apesar de não ter linho, não conseguia fazer com que a filha parasse de fiar. A Rainha pediu para que a mãe deixasse a rapariga ir com ela para o palácio, pois lá tinha imenso linho e o som da fiação alegrava-a. A mãe concordou e a Rainha levou a rapariga para o palácio onde tinha três aposentos cheios de linho até ao teto. Disse à rapariga que quando acabasse de fiar todo o linho casaria com o seu filho. A rapariga, que nunca fiara, ficou desolada e durante três dias ficou sentada sem se mexer. Ao terceiro dia assomou-se à janela e viu passar três mulheres, uma com um enorme pé chato, a outra com um “lábio inferior tão grande que lhe caía abaixo do queixo” (p. 146) e a terceira tinha um polegar descomunal. As mulheres quando passaram por baixo da janela perguntaram à rapariga o que se passava, qual o motivo da sua tristeza. A rapariga contou o seu infortúnio. As mulheres ofereceram-se para a ajudar, com a condição de as convidar para o seu casamento, não se envergonhando delas teria de as tratar como tias sentando-as à sua mesa. A rapariga concordou e as mulheres fiaram o linho todo em pouco tempo. A Rainha cumpriu a sua promessa e celebrou-se o casamento. Como tinha prometido convidou as mulheres e tratou-as por tias. Sentadas à mesa com a rapariga, o

príncipe olhava-as com embaraço, mas acabou por perguntar a cada uma a razão das suas deformidades. A primeira respondeu que o enorme pé chato era de fazer andar a roda, a segunda respondeu-lhe que o lábio grande e descaído era de humedecer o fio e a terceira disse ao príncipe que o polegar descomunal era de enrolar o fio. O príncipe com medo ordenou que a sua bela noiva nunca mais fiasse.

Figura 9 - Genograma de Três Fiadeiras



Legenda

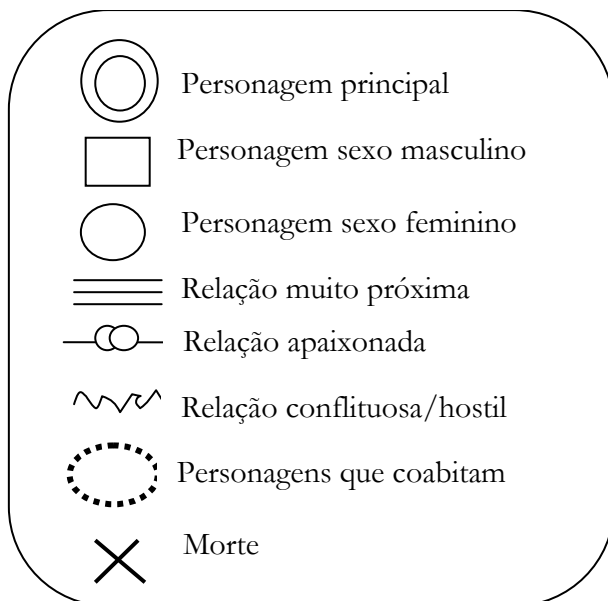
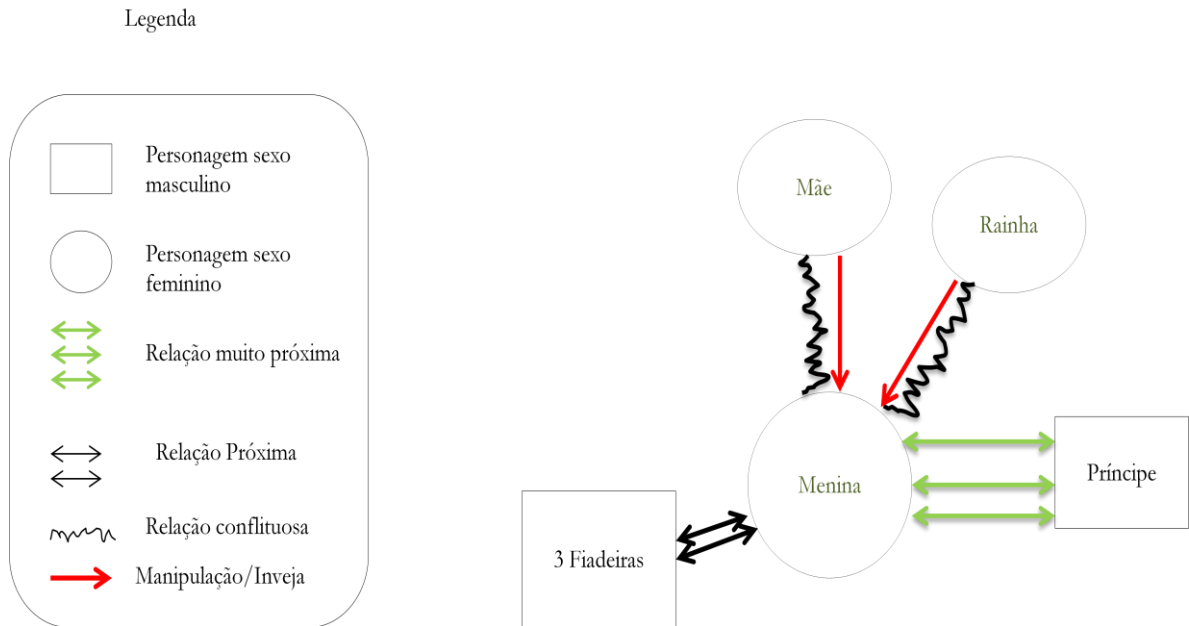


Figura 10 - Ecomapa de Três Fiadeiras

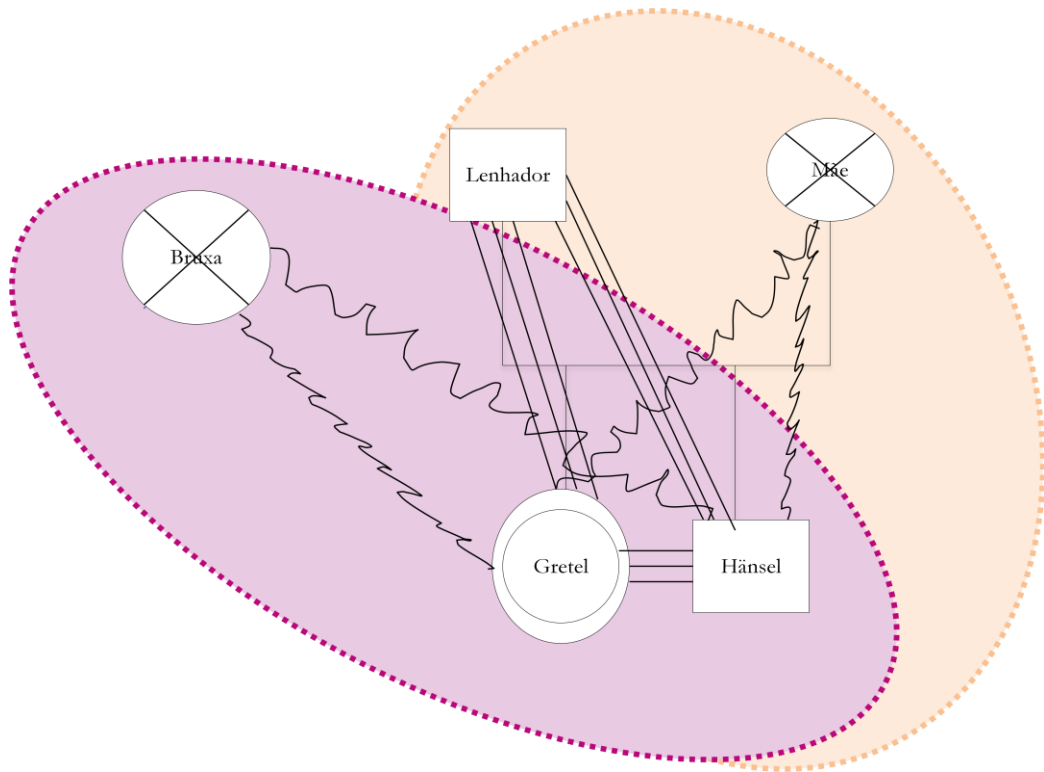


- Joãozinho e Margarida (*Hänsel e Gretel*)

Hänsel e Gretel viviam com o pai e a sua madrasta na orla de uma grande floresta. O seu pai era um lenhador muito pobre e não conseguiu providenciar o sustento da casa. Certa noite o lenhador e a sua mulher, enquanto falavam da situação desesperante em que se encontravam, combinaram, por iniciativa da mulher, em abandonar os meninos na floresta. Hänsel e Gretel, que estavam acordados por causa da fome, ouviram a conversa e inquietaram-se. Hänsel tranquilizou a irmã dizendo-lhe que arranjaria maneira de se salvarem. Enquanto todos dormiam, Hänsel saiu de casa e encheu os bolsos de casaco com seixos. No dia seguinte madrasta deu-lhes dois pedaços de pão duro para o almoço e saíram os quatro para apanhar lenha na floresta. Pelo caminho Hänsel ia deixando os seixos de modo a podê-los seguir no regresso. Quando tinham andado bastante no interior da floresta o lenhador fez uma fogueira e disse aos filhos para se deixarem estar que ele e a mulher iam apanhar lenha e quando acabassem voltariam para os levar. À noite, quando perceberam que o pai e a madrasta não voltariam, Gretel começou a chorar, mas Hänsel tranquilizou-a e disse-lhe para esperar pela lua. Quando a lua apareceu os seixos reluziram de forma que os dois os puderam seguir de regresso. Caminharam a noite toda e ao nascer do sol chegaram a casa do pai. A madrasta ficou desapontada mas o pai ficou feliz por vê-los. Passado pouco tempo houve novamente fome e miséria. Novamente a mulher convenceu o lenhador a abandonar os filhos na floresta. As crianças ouviram a conversa e Hänsel tentou ir lá fora apanhar seixos mas a madrasta tinha fechado a porta à chave. Na manhã seguinte, a madrasta deu dois

pedaços pequenos de pão duro e saíram os quatro para apanhar lenha. Hänsel ia deixando cair migalhas de pão de modo a segui-las no regresso. Quando já tinham andado bastante pela floresta dentro, o lenhador fez uma fogueira e voltou a dizer o mesmo da primeira vez. Tal como da primeira vez, a noite caiu e ninguém apareceu. Gretel inquietou-se e Hänsel disse-lhe para esperar pela lua. A lua apareceu mas, desta vez, se via nada no chão. Os passarinhos tinham comido as migalhas de pão. Hänsel e Gretel caminharam a noite e o dia todo mas não encontraram o caminho de regresso, nem conseguiram sair da floresta, cansados adormeceram. Quando acordaram viram um bonito pássaro branco, seguiram-no até chegarem a uma casinha que era feita de pão e coberta de bolos. Regalados começaram a comer a casa mas subitamente uma velha saiu de dentro da casa. A velha convidou-os a entrar e a comer e arranjou-lhes duas camas para dormirem. A velha era uma bruxa que via mal, mas que tinha um bom faro. A casa era um embuste para atrair crianças que a bruxa cozinhava e comia. No dia seguinte a bruxa encerrou Hänsel numa jaula, depois foi acordar Gretel e ordenou-lhe que levasse comida ao irmão, pois quando engordasse iria comê-lo. Gretel muito chorosa acedeu. Todos os dias a bruxa ordenava a Hänsel que lhe esticasse um dedo para saber se já estava gordo, mas este estendia-lhe um osso. A bruxa como era quase cega não percebia que estava a ser enganada, no entanto depois de algum tempo ficou impaciente e quis comê-lo tal como estava. Ordenou a Gretel que acendesse o forno e quando este estava quente pediu-lhe que entrasse para saber se estava no ponto. Gretel apercebeu-se que a intenção da bruxa era assá-la e respondeu-lhe que não sabia como isso se fazia. A bruxa irritada porque a rapariga era uma incompetente, assomou a cabeça dentro do forno, demonstrando a Gretel como deveria fazer. Gretel empurrou, com toda a força, a bruxa para dentro do forno e fechou a porta. A bruxa gritou e esperneou, mas de nada lhe valeu pois acabou por morrer queimada. Gretel apressou-se a libertar o irmão. Juntos encontraram as riquezas que a velha tinha escondido, apanharam o que puderam carregar e saíram apressadamente daquele lugar. Caminharam até um rio, mas como não puderam passar pediram ajuda a um pato branco. O pato carregou-os à vez para a outra margem do rio. Continuaram a caminhar até a floresta lhes parecer familiar. Finalmente avistaram a sua casa, lá dentro encontrava-se o moleiro desconsolado por ter permitido que a mulher o convencesse a abandonar os filhos. Este quando os viu chegar alegrou-se e os filhos mostraram as riquezas que traziam. Puderam viver felizes juntos pois a madrasta já tinha morrido.

Figura 11 - Genograma de Joãozinho e Margarida (*Hänsel e Gretel*)



Legenda

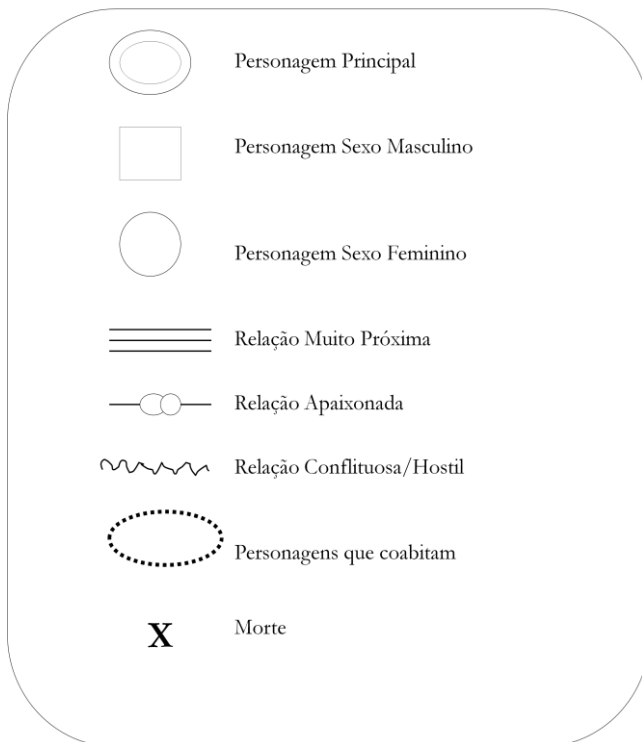
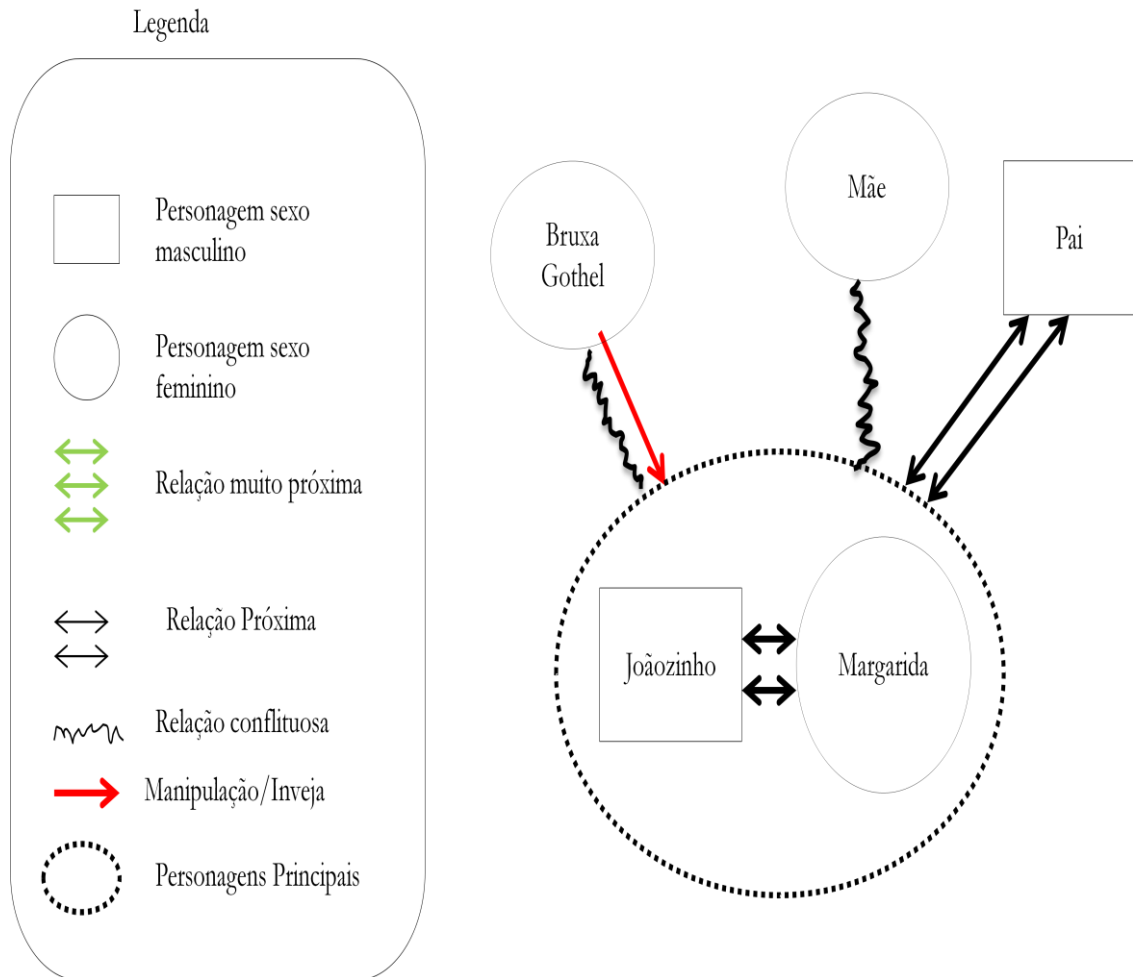


Figura 12 – Ecomapa de Joãozinho e Margarida (*Hänsel e Gretel*)

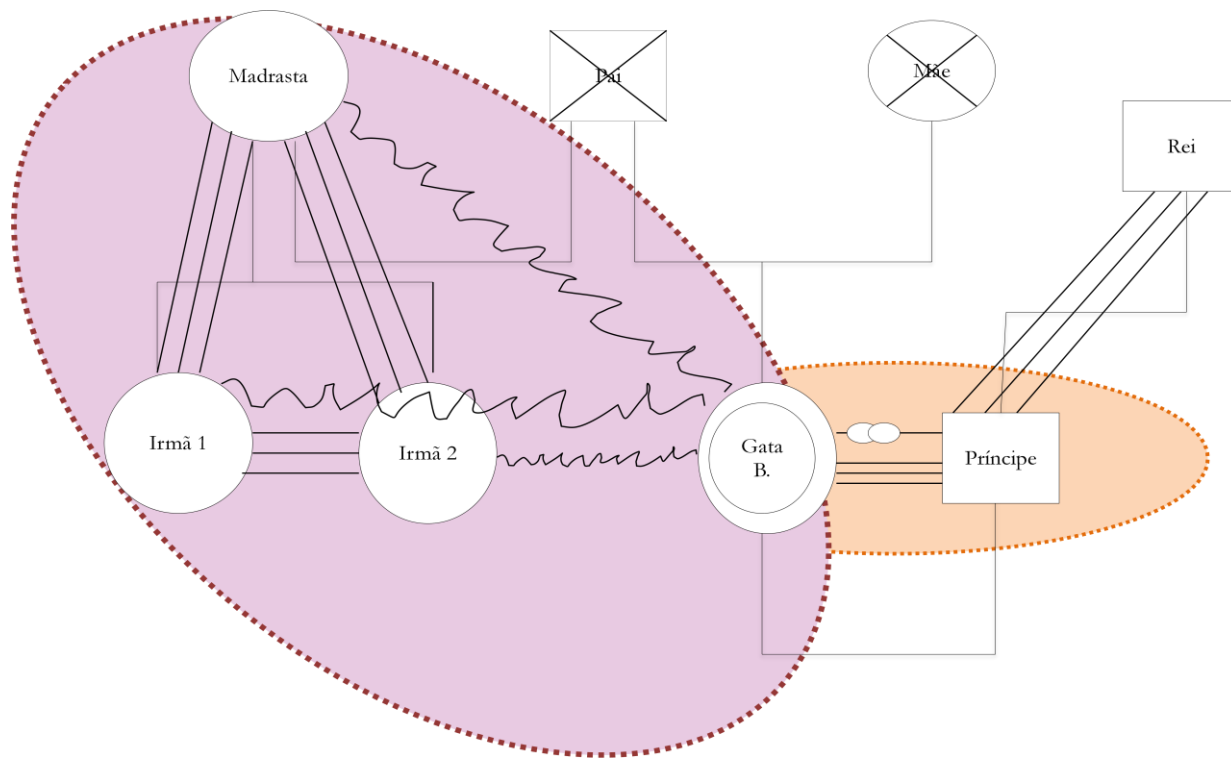


- Gata Borracheira (*Aschenputtel*)

A história de *Aschenputtel* é a história de uma menina filha de um homem rico, que após um ano da morte da sua mãe casa com uma nova mulher trazendo consigo duas filhas de “faces alvas e bonitas mas de corações negros e depravados” (p. 201). As filhas e a madrasta de *Aschenputtel* fizeram dela sua criada, obrigando-a a realizar os mais árduos trabalhos e infligindo-lhe todo o tipo de crueldades imagináveis. Certo dia, o pai de *Aschenputtel* quis ir à feira e perguntou às duas enteadas e à filha o que queria que lhes trouxesse. Enquanto as enteadas pediram pedras preciosas, pérolas e belas roupas, *Aschenputtel* pediu apenas o primeiro ramo que acertasse no chapéu do pai. *Aschenputtel* plantou o ramo na campa da mãe, este cresceu e transformou-se numa

bela árvore, onde todos os dias assomava um passarinho branco que lhe concedia tudo o que desejava. Para que o Príncipe pudesse escolher uma noiva, o Rei convocou todas as donzelas do reino para uma festa que deveria durar três dias. *Aschenputtel* penteou e arranjou as irmãs mas a esperança de ir à festa foi gorada por infundáveis e cruéis tarefas ordenadas pelas irmãs e madrasta. Quando ficou sozinha em casa *Aschenputtel* dirigiu-se à campa da mãe e pediu ao passarinho, que tudo lhe concedia, “um vestido dourado e prateado e chinelas debruadas a ouro e prata” (p. 204). Irreconhecível, *Aschenputtel* dirigiu-se ao palácio para participar na festa. A sua beleza era tal que o príncipe a escolheu para dançar o dia todo. Chegada a noite, *Aschenputtel* quis ir para casa mas o príncipe insistiu em acompanhá-la, por isso ela teve que lhe escapar. O príncipe seguiu-a, no entanto ela escapou-lhe. No segundo dia a história repetiu-se, embora o príncipe a tivesse seguido de tal forma que sabia a casa onde morava, no entanto quando falou com o pai da *Aschenputtel* e entraram em sua casa para procurar a misteriosa donzela, lá dentro só estava *Aschenputtel* irreconhecível com o seu avental cinzento, deitada no borralho. No dia seguinte repetiu-se a mesma história, mas *Aschenputtel* ao fugir do príncipe perde a chinela. Na posse da chinela, o príncipe dirige-se à casa de *Aschenputtel* e pede para que as donzelas da casa calcem a chinela, pois casará com aquela a quem servir. A madrasta e as irmãs ficaram radiantes. A primeira foi para o quarto experimentar a chinela mas o dedo do pé era demasiado grande, então a mãe manda-lhe cortar o dedo. Ela assim faz e a chinela finalmente serviu, mas o príncipe vê a chinela cheia de sangue e descobre o embuste. Chega a vez da segunda irmã mas o calcanhar não cabe na chinela, então a mãe manda-lhe cortar o calcanhar. Ela assim faz e a chinela finalmente serviu, mas o príncipe vê a chinela cheia de sangue, descobre o embuste e exige que *Aschenputtel* experimente a chinela, esta levanta-se do borralho e calça a chinela, esta serve na perfeição. O príncipe olha nos olhos de *Aschenputtel* e reconhece-a, monta-a no cavalo e os dois partiram. As irmãs, com esperança de cair nas suas boas graças, apareceram no casamento de *Aschenputtel*, mas duas pombas arrancam-lhe os olhos condenando-as “à cegueira até ao fim dos seus dias” (p. 208).

Figura 13 - Genograma de Gata Borracheira



Legenda

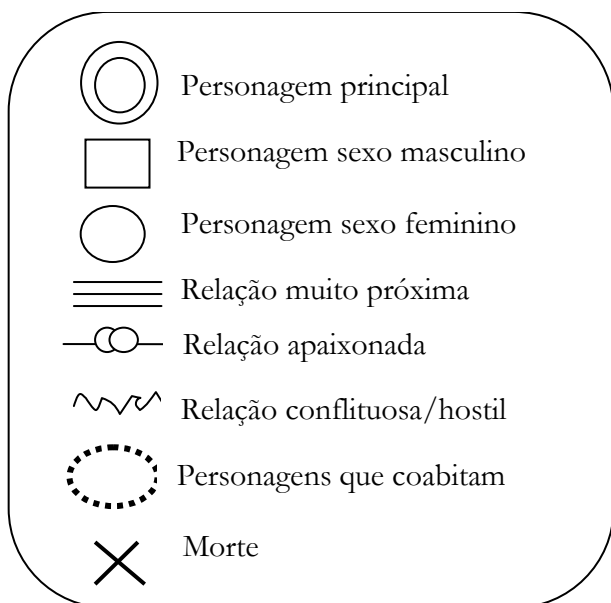
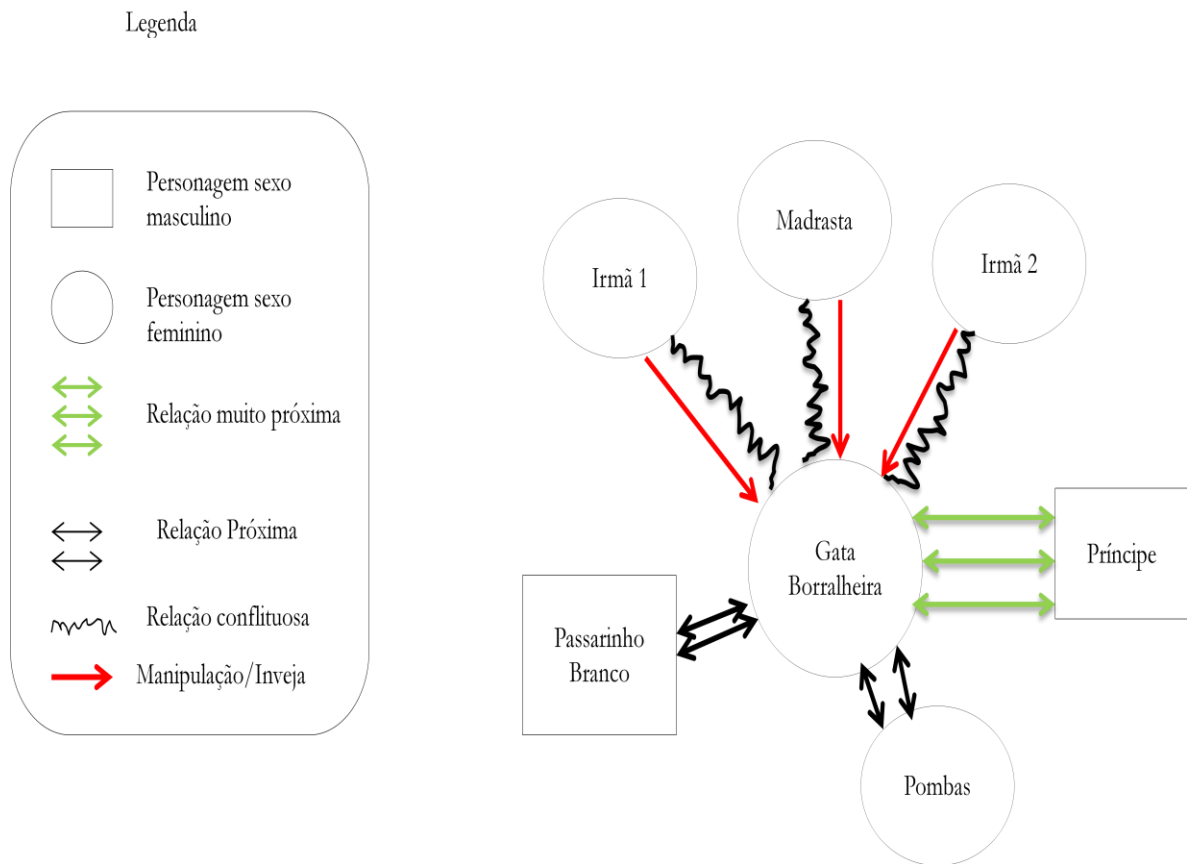


Figura 14 - Ecomapa de Gata Borracheira

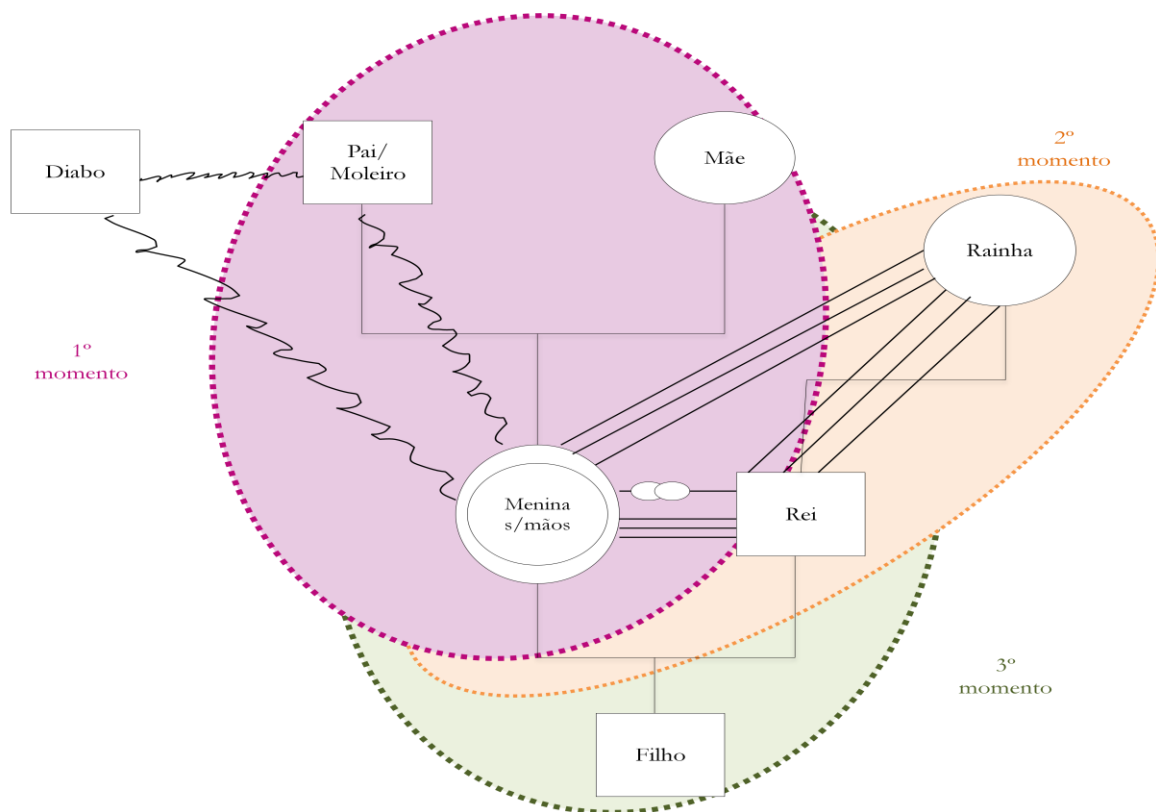


- Menina sem mãos

Um moleiro que apenas tinha o seu moinho e uma macieira nas traseiras foi, certo dia, apanhar lenha na floresta. Apareceu-lhe um homem velho e propôs dar-lhe riquezas em troca do que tinha atrás do seu moinho. O moleiro acertou o acordo pois atrás do moinho só havia uma macieira. Chagado a casa, a sua mulher perguntou-lhe de onde vinha a súbita riqueza e o moleiro contou-lhe o sucedido. A mulher inquietou-se e fez ver ao moleiro que não era à macieira que o homem velho se referia mas à filha que varria o pátio. O moleiro inquietou-se pois percebeu que tinha acabado de fazer um pacto com o Diabo e que este viria buscar a sua filha. A filha do moleiro era bonita e devota e quando o Diabo a veio reclamar esta lavou-se muito bem e desenhou a giz um círculo à sua volta. O Diabo irado disse ao moleiro para esconder a água pois assim pura não teria poder sobre a rapariga. O moleiro assim fez, mas a sua filha chorou muito e as lágrimas lavaram as suas mãos, dessa forma o Diabo continuou a não ter poder sobre a rapariga. Disse então ao moleiro para lhe cortar as mãos pois se não o fizesse iria ele em vez dela. O moleiro, com medo, cortou as mãos à filha, mas esta com as suas lágrimas lavou os cotos e não tendo poder sobre ela, o Diabo. Perdeu o direito a cobrar o contrato. O moleiro agradeceu à filha

o seu sacrifício, mas esta partiu pois não podia ficar mais ali. Caminhou o dia todo sem comer. Chegada a noite, encontrou um jardim real com árvores de fruto, mas não podia alcançá-las por causa do rio. Um anjo apareceu e afastou as águas para a rapariga passar. A rapariga comeu uma pera e foi-se esconder. No dia seguinte o Rei veio ver as suas árvores de fruto e reparou que faltava uma pera. Perguntou o que tinha acontecido e este contou-lhe o que tinha acontecido e que nada tinha feito por medo que fosse um espírito. O Rei montou guarda ao pomar e à meia-noite a rapariga apareceu para comer mais uma pera. O Rei mandou o padre que tinha trazido consigo falar com a rapariga. Ela contou a sua história e o Rei compadeceu-se dela. Levou-a para o palácio, mandou fazer umas mãos de prata e casou com ela. Passado um ano, a Rainha estava no fim da gravidez e o Rei teve de fazer uma viagem, mas pediu à mãe para o informar de tudo por carta. Quando o bebé nasceu a mãe do Rei escreveu como tudo se passou, mas o Diabo, que se queria vingar pelo contrato que não pode cobrar, substituiu a carta dizendo que a rainha tinha dado à luz um monstro. O Rei assustou-se mas escreveu para que tratassem bem da Rainha. O diabo substituiu a carta dizendo para que matassem a Rainha e guardassem a sua língua e os olhos como prova. A mãe do Rei, ao ler a carta, recusou-se a verter sangue inocente, ordenou que matassem um cervo e guardou a língua e os olhos. Depois mandou embora a Rainha e o seu filho. A Rainha caminhou pela floresta, como era muito devota apareceu-lhe um anjo que a conduziu a uma pequena casa. Lá dentro um outro anjo, em forma de donzela, recebeu-a e ajudou-a a cuidar do filho. Pela sua devoção, as mãos voltaram a crescer. O Rei ao regressar da sua viagem quis ver a sua mulher e o seu filho, mas a mãe mostrou-lhe as provas que as suas ordens foram cumpridas. O Rei chorou amargurado pela sua mulher e pelo seu filho, a sua mãe, ao vê-lo amargurado, contou-lhe do ardil e o Rei saiu à procura da sua mulher e do seu filho sob a promessa de não comer nem beber enquanto os não encontrasse. Durante sete anos revirou o mundo à procura da sua Rainha e do seu filho, mas sem os encontrar em parte alguma, chegou à pequena casa na floresta. De dentro da casa saiu o anjo em forma de donzela que lhe perguntou de onde vinha e o Rei contou-lhe da sua busca. O anjo ofereceu-lhe comida e bebida mas o Rei não aceitou, apenas queria descansar. Enquanto descansava foi ao quarto da Rainha e disse-lhe que o seu marido tinha chegado. A Rainha foi ter com o Rei mas este não a reconheceu sem as suas mãos de prata, mas o anjo foi buscá-las e mostrou-lhe. O Rei ficou muito contente por ter encontrado a sua mulher e o seu filho que tinha o nome de Doloroso. Voltaram juntos para o palácio e foram felizes até ao fim dos seus dias.

Figura 15 - Genograma de Menina Sem Mãos



Legenda

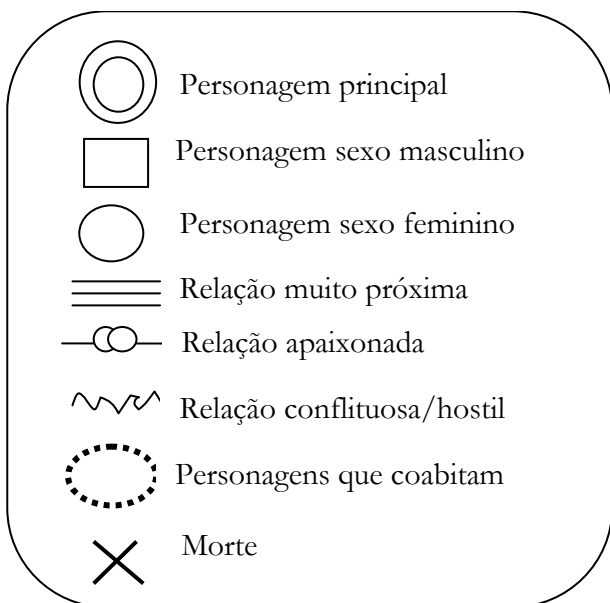
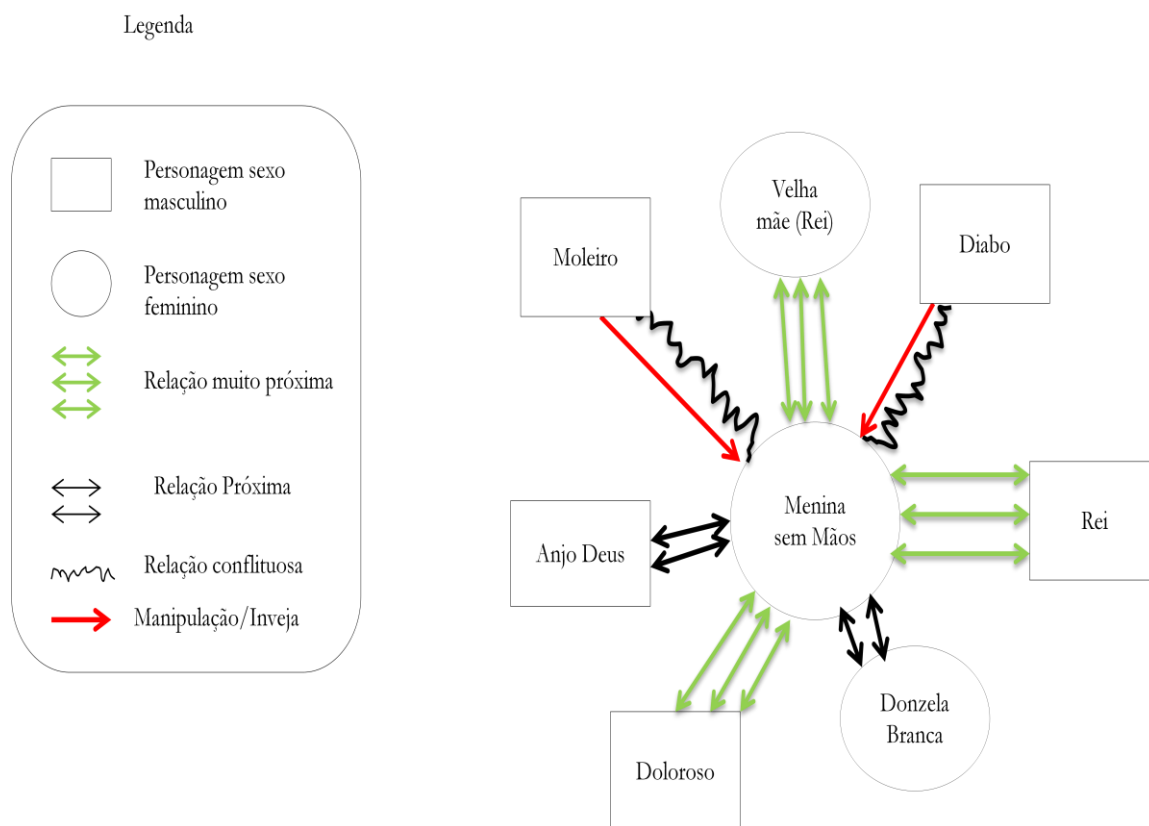


Figura 16 - Ecomapa de Menina Sem Mãos



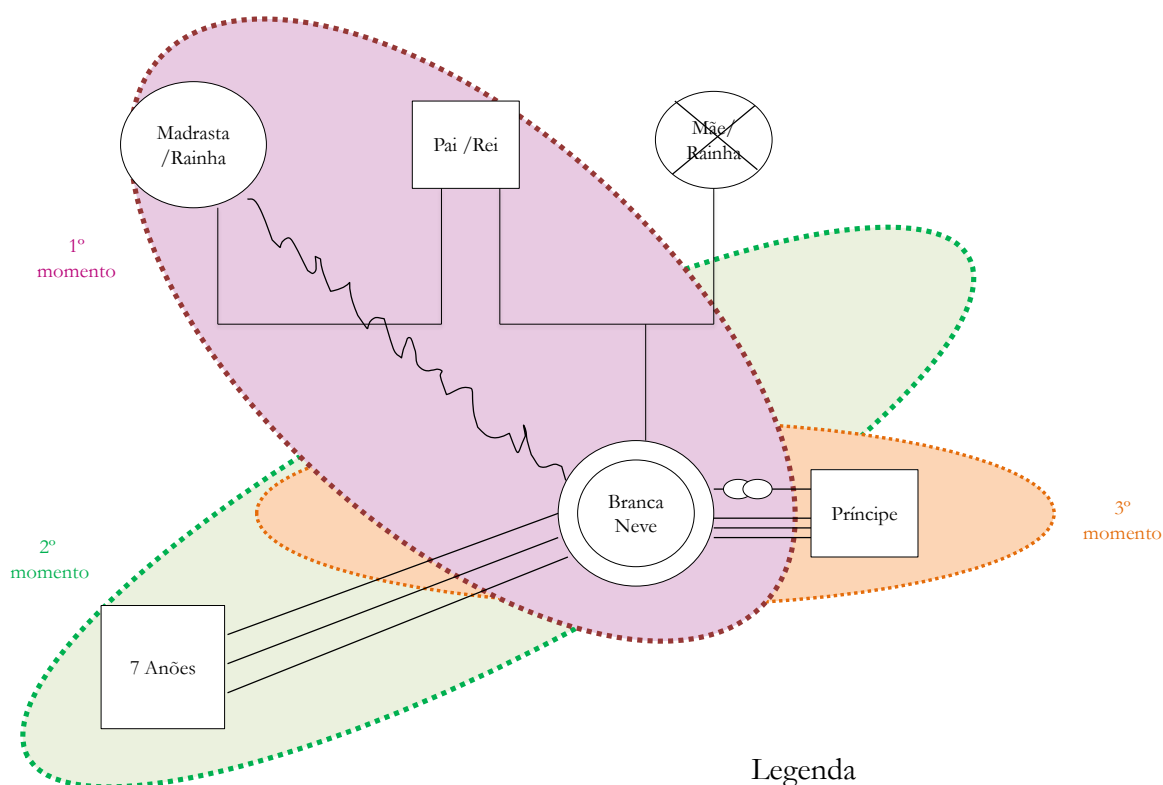
- Branca de Neve

O conto *A Branca de Neve* conta a história de uma Rainha que ao costurar se pica no dedo e caem três gotas de sangue na neve. Ao ver o sangue a Rainha deseja ter uma filha “tão branca como a neve, tão vermelha como o sangue e tão negra como o ébano do caixilho” (p.413). Nascida a menina a Rainha morre. Um ano após a sua morte o Rei casa-se novamente com uma mulher que tinha tanto de beleza como de maldade e arrogância. Este conto inicia-se com a perseguição da Rainha à sua enteada, Branca de Neve, por esta última ser mais bonita. Movida pela inveja a Rainha ordena ao caçador que mate a jovem princesa e que lhe traga o seu pulmão e fígado como prova. No entanto o caçador incapaz de matar tão bela criança ordena-lhe que fuja e ao avistar um javali retira-lhe o pulmão e o fígado de modo a enganar a Rainha sobre a morte da enteada.

A princesa foge para a floresta onde encontra a casa dos Sete Anões. Quando regressam a casa depois do trabalho na mina, encontram Branca de Neve a dormir nas suas camas. Quando Branca de Neve desperta apresentam-se e a princesa explica a sua fuga e, em troca da hospitalidade dos sete anões, Branca de Neve tem de tomar conta da casa, cozinhar, fazer as camas, limpar, costurar e tricotar e manter tudo limpo e asseado.

Entretanto a Rainha descobre que o pulmão e o fígado que tinha comido não pertenciam a Branca de Neve, pois o seu espelho que só dizia verdade, voltou a afirmar que a mais bela do reino era Branca de Neve. Irrada por ter sido enganada decide ser ela própria a matar Branca de Neve. A Rainha disfarça-se de velha bufarinheira e vai até à casa dos sete anões e alicia Branca de Neve a comprar atacadores de espartilho. A rainha malvada apertou o espartilho de Branca de Neve com tanta força que esta ficou sem respirar e caiu no chão como morta. Ao chegarem a casa, os sete anões deparam-se com o cenário da Branca de Neve inconsciente no chão e, ao repararem que o espartilho estava demasiado apertado, cortam os atacadores e Branca de Neve recupera os sentidos. Regressada ao reino, a Rainha rapidamente se apercebe da tentativa falhada de matar a sua enteada ao questionar novamente o seu espelho mágico sobre a mais bela do reino. Frustrada e cada vez mais obcecada com a morte de Branca de Neve volta à carga com um novo plano. Desta vez, a Rainha alicia Branca de Neve com um pente envenenado. Encantada Branca de Neve deixa-se pentear pela velhinha (disfarce da rainha) e cai novamente sem sentidos. De regresso a casa os sete anões reparam no pente enfiado nos cabelos de Branca de Neve e, ao retirarem-no a rapariga retoma os sentidos. Mais um plano falhado e a Rainha ensaia uma nova estratégia infalível. Envenena uma maçã vermelha com o aspeto mais apetitoso que se possa imaginar. Quem a comesse, nem um pedacinho que fosse tinha morte imediata. Engenhosa a Rainha envenenou apenas metade da maçã, a metade branca e a vermelha, a mais apetecível era a fatal. Tentada pelo aspeto suculento da maçã, e após a velhinha ter provado a parte branca e nada lhe ter acontecido, Branca de Neve cede á tentação e trinca um pedacinho da metade vermelha da maçã. Cai de imediato morta no chão, mas com um ar fresco como se estivesse viva. Como permanecia com o mesmo ar jovial de sempre, os sete anões foram incapazes de enterrá-la, resolvendo construir um caixão de vidro com letras douradas que diziam quem era e como se chamava. Colocaram o caixão no cimo da montanha, e todos os dias iam velá-la, bem como os animais transeuntes. Um dia um príncipe que passava pela montanha avista o caixão e dentro dele a bela Branca de Neve e pede aos sete anões que lhe deixem levar o caixão e promete que cuidaria dele como sua amada se tratasse. Os sete anões acederam ao pedido do Príncipe mas quando os criados transportavam o caixão, tropeçaram e abanaram o caixão, o que fez com que o pedacinho de maçã envenenada que estava preso na garganta de Branca de Neve se soltasse. Branca de Neve regressa à vida e casa-se com o Príncipe. Invejosa a Madrasta decide aparecer no casamento mas como castigo enfiaram nos seus pés, umas chinelas de ferro em brasa e, a malvada rainha teve de dançar com as sapatos “de vermelho ardente” (p.423) até cair morta no chão.

Figura 17 - Genograma de Branca de Neve



Legenda

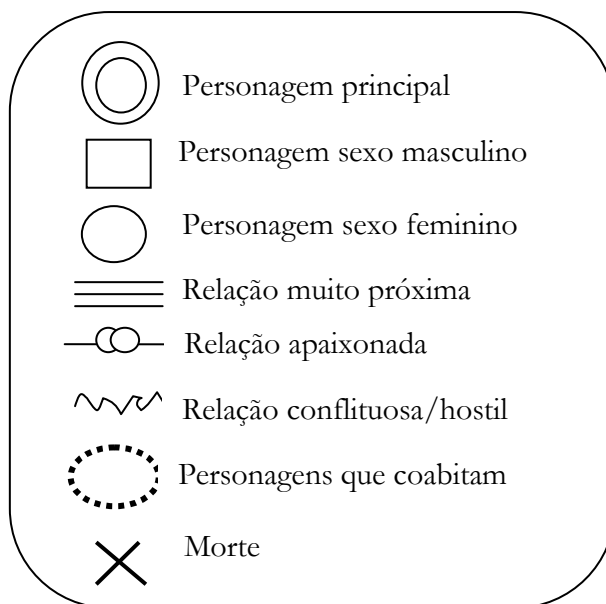


Figura 18 - Ecomapa de Branca de Neve

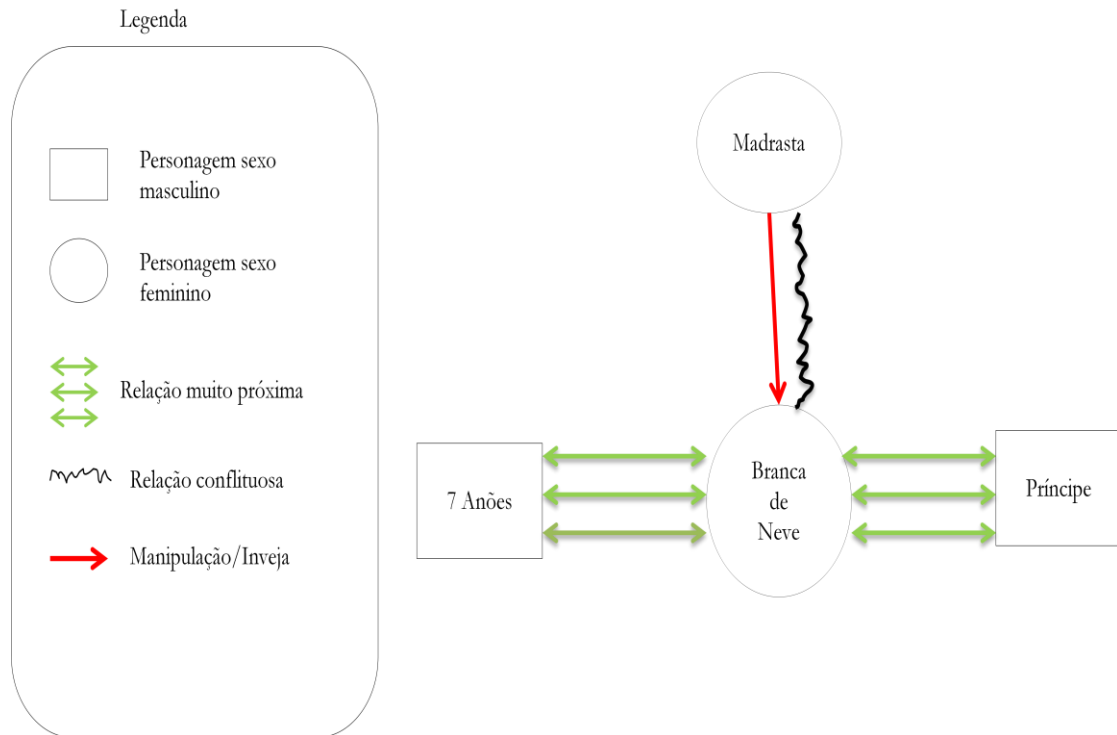


Tabela 1. Resumo dos contos objecto de estudo

Contos	Personagens Principais	Enredo
<i>Doze Irmãos</i>	Mãe; Doze irmãos; Irmã; Rei; Madrasta do Rei	Doze filhos de um rei que decide que os matará caso nasça uma menina. Após o nascimento da menina, os doze irmãos fogem e mais tarde a irmã irá procurá-los. Ao colher 12 lírios brancos da casa onde moravam os 12 irmãos transformam-se em corvos. Como castigo fica 7 anos sem falar e sem sorrir. Um rei casa com a menina e a madrasta do rei convence-o que ela é má e este condena-a à morte. No dia da sua execução, passaram os 7 anos de provação e os irmãos voltam à figura humana. Explicam tudo ao rei que condena a mãe à morte.

<p><i>Irmãozinho e Irmãzinha</i></p>	<p>Irmãozinho; Irmãzinha; Madrasta (Bruxa); Rei</p>	<p>Dois irmãos que eram muito maltratados pela madrasta decidiram fugir para longe. Caminharam juntos pela floresta durante muito tempo e um dia o irmãozinho ao beber água de uma fonte transformou-se em veado. Viveram numa pequena casa durante algum tempo, até que um dia um Rei decide fazer uma caçada. Ao ver a irmãzinha, apaixonou-se de imediato, casaram-se e tiveram uma filha. Mas a madrasta do Rei tinha tanto ódio pela irmãzinha que após o parto sufocou-a e substituiu-a pela sua feia filha. Quando a criada contou ao Rei o feito da sua madrasta, a irmãzinha voltou a viver e a bruxa madrasta morreu na fogueira enquanto a sua feia filha foi devorada por animais selvagens. Quando a bruxa se reduziu a cinzas o veado (irmãozinho) voltou à figura humana.</p>
<p><i>Rapúncia</i></p>	<p>Rapúncia; Bruxa; Príncipe</p>	<p>Aos 12 anos Rapúncia foi levada para o alto de uma torre por uma terrível feiticeira a quem o seu pai prometera num momento de desespero, após ter invadido o jardim da bruxa para roubar rabanetes que eram o desejo da sua mulher grávida. Rapúncia ficou isolada do mundo e quando a bruxa a queria ver, Rapúncia lançava as suas belas tranças loiras para a bruxa subir. Um dia um príncipe ouve o seu canto, apaixonou-se e trepa as tranças de Rapúncia. Promete levá-la consigo mas a bruxa descobre o segredo de Rapúncia, corta-lhe os seus belos cabelos e abandona-a num deserto onde mais tarde dá à luz dois gémeos. O príncipe inconsolável atira-se</p>

		da torre e cega ao cair em cima de espinhos. Cego, o príncipe procura Rapúncia durante anos, encontra-a e com as suas lágrimas de alegria deixa de ser cego. Regressam ao reino com os dois filhos.
<i>Três homenzinhos na Floresta</i>	Menina; Madrasta; Rei; 3 homenzinhos	Um homem viúvo com uma filha e uma mulher viúva com uma filha. Casam-se e a madrasta inferniza a vida da enteada. Um dia rigoroso de inverno manda a enteada para a floresta com um vestido de papel para apanhar morangos. Condenada a morrer gelada, encontra uma casa com três homenzinhos que cuidaram dela e lhe concederam três desejos afortunados. A menina regressa a casa com uma boa fortuna, mas a madrasta volta a enviá-la para um rio gelado. No rio a menina encontra um rei que casa com ela e do qual tem um filho. A madrasta e o filho lançam-na ao rio e, transformada em pata pede ao ajudante de cozinha pra ir ter com o rei e dizer-lhe para brandir a sua espada três vezes por cima dela. A pata transforma-se novamente em mulher e a madrasta foi enfiada num barril cheio de pregos e atirada encosta baixo até à água.
<i>Três Fiadeiras</i>	Mãe; Filha; Príncipe; Rainha (malvada); 3 fiadeiras	Uma rapariga muito preguiçosa que odiava fiar. A mãe bate-lhe e com os gritos aparece uma rainha. A mãe com vergonha diz que a filha chorava por não ter linho para fiar. A rainha leva a rapariga para o palácio e coloca-a num quarto com a promessa de que quando terminasse de fiar todo o linho casaria com o príncipe. Desesperada por não saber fiar, aparecem três fiadeiras que com pena da

		rapariga a ajudam na tarefa, com o acordo que as tratasse por tias. No dia da boda apareceram as três fiadeiras com membros deformados de tanto fiar e o rei com medo, ordenou que a sua bela noiva nunca mais fiasse.
<i>Joãozinho e Margarida</i>	Joãozinho; Margarida; Mãe; Bruxa Göthel	O pai e a madrasta não tinham como providenciar o sustento da casa e a madrasta tomou várias iniciativas para que os enteados morressem á fome n floresta. Um dia enregelados na floresta encontraram uma casa feita de pão e coberta de bolos, esfomeados comeram parte da casa que pertencia a uma bruxa má, que os enjaulou para os comer. Mas Margarida conseguiu libertar-se e empurrou a bruxa para dentro do forno. Voltaram a casa onde foram felizes com o pai pois a madrasta já tinha morrido.
<i>Gata Borralheira</i>	Gata Borralheira; Madrasta; 2 irmãs; Passarinho e Príncipe	A Madrasta proíbe Gata Borralheira de ir ao baile, mas esta vai na mesma com a ajuda do passarinho que a transforma numa princesa. O Príncipe apaixonou-se por ela e casam.
<i>A menina sem mãos</i>	Menina; Moleiro; Diabo; Rei; Rainha (madrasta rei)	Um moleiro certo dia foi apanhar lenha na floresta e um homem (diabo) propôs-lhe uma grande riqueza em troca do que houvesse atrás do seu moinho. O moleiro regressa a casa e contando à sua mulher apercebe-se que tinha “vendido” a sua filha. Tentando não cumprir o acordo com o Diabo, este último ordena-lhe que corte as mãos à sua filha. O contracto com o Diabo foi quebrado mas a menina saiu de casa e esfomeada foi para o jardim de pereiras de um rei. Este compadecido por ela, manda

		fazer-lhe mãos de prata e casa com ela, Quando a menina ia dar á luz, o rei fez uma longa viagem e o Diabo aproveitou-se da sua ida para adulterar as cartas da mãe do rei, ordenando-lhe que matasse a sua mulher e filho. A menina foge com o seu filho para uma casa onde estava um anjo em forma de donzela. O rei ao fim de 7 anos encontra-os e foram felizes para sempre.
<i>Branca de Neve</i>	Branca de Neve; Madrasta; Príncipe e 7 anões	A Madrasta, por inveja da beleza de Branca de Neve, envenena-a com uma maçã, quando esta se encontra a viver na casa dos Sete Anões, mas o Príncipe salva-a quando transporta o seu caixão de vidro e o deixa cair soltando-se o pedaço da maçã envenenada da garganta de Branca de neve.

Depois de conhecermos os contos escritos pelos Irmãos Grimm, propomo-nos compreender a influência dos autores nos mesmos, estudando a sua biografia. Isto porque, nos nove contos acima descritos e abordados, existem vários conflitos, personagens e enredos semelhantes, o que pressupõe que existam denominadores comuns nas histórias produzidas pelos Grimm. O facto das histórias que os irmãos Grimm nos narram nos “Contos da Infância e do Lar” (*Kinder- und Hausmärchen*) estarem traduzidas em mais de 160 línguas significa que já entraram no imaginário colectivo. A sua adaptação aos tempos modernos não seguiu o intuito que os Grimm tinham ao publicá-las. O sentido original da publicação dos contos seria a preservação da tradição oral germânica, no entanto até os próprios Grimm tiveram de adaptar alguns dos seus contos para o público juvenil. A versão original não corresponde ao que esperamos de um livro de contos de fadas, mas são esses contos, drenados da violência dos castigos e dos horrores das provações relatadas, que povoam o imaginário infantil. Pela sua celebridade por todo o mundo e pelo facto de quase todas as crianças já terem contactado um dia com, pelo menos um conto escrito pelos Irmãos Grimm, parece-nos pertinente questionar quem são os homens por detrás destes contos. O que fez com que estes irmãos se tornassem uns dos escritores infantis mais famosos no mundo, capazes de influenciar a vida de milhares de crianças

e se tornarem um marco no universo literário (e mais tarde adaptado para os cinemas)? Ao considerarmos que em todo e qualquer trabalho produzido há sempre um duplo movimento de projecção e identificação, torna-se pertinente aprofundar de que forma a história de vida destes irmãos e, conseqüentemente as suas relações familiares os influenciaram na construção desta obra.

1.3. A Vida de Jacob e Wilhelm Grimm

Jacob Ludwig Carl Grimm nasceu a 4 de Janeiro de 1785 e Wilhelm Carl Grimm nasceu a 24 de Fevereiro de 1786, eram filhos de Philipp Wilhelm Grimm e Dorothea née Zimmer Grimm. Jacob e Wilhelm eram os irmãos mais velhos dos seis filhos sobreviventes dos nove que o casal Grimm teve. O seu pai era filho de um clérigo, tinha formação jurídica e era, por sua vez, o clérigo da cidade berço dos irmãos Grimm, Hanau. A rígida formação do seu pai fazia com que fosse severo na educação dos filhos, pregando uma vida de fé, trabalho escrupuloso e lealdade familiar. A sua mãe, Dorothea, era mais permissiva e dava liberdade aos filhos para explorarem o ambiente que os rodeava. Hanau era uma cidade pequena que tinha como principal ocupação o comércio, isso permitiu aos Grimm explorarem a paisagem campestre.

Em 1791, a família Grimm mudou-se para Steinau, outra cidade pequena dedicada ao comércio, onde o seu pai exerceu a posição de magistrado distrital. A família vivia sem dificuldades numa grande casa contígua ao tribunal. Essa casa sobrevive hoje como museu dedicado aos Grimm. Nela encontram-se os manuscritos dos irmãos e para preservar a sua memória exhibe exposições periódicas de ilustrações contemporâneas dos contos de fadas. Steinau é o ponto de viragem da vida da família Grimm. O seu pai morre em 1796 com 44 anos e a família foi forçada a abandonar a casa governamental que ocupavam, as dificuldades financeiras da família acentuam-se e Dorothea foi forçada a enviar em 1798 Jacob e Wilhelm com 13 e 12 anos respectivamente, para junto da sua tia Henriette Zimmer em Kassel. Foi aí que completaram o liceu e ingressaram em direito na universidade de Marburg, nos anos de 1802 e 1803. Os irmãos partilhavam o mesmo quarto e a mesma cama, dedicando-se ao estudo intenso como forma de lidar com a solidão e a sua medíocre capacidade de socialização. Provaram ser alunos brilhantes, mas os seus esforços debilitaram gravemente a saúde de Wilhelm, que sofria de asma.

O seu professor Friedrich Carl von Savigny impressionado com a vontade de aprender que os Grimm demonstravam, permite-lhes o acesso à sua biblioteca pessoal. Jacob e Wilhelm contactam com poetas românticos como Clemens Brentano e Achim von Arnim. O interesse pelo passado germânico e pela estrutura do alemão antigo é despertado e começam a recolher

contos e histórias. Enquanto que o interesse de Jacob está ligado à pesquisa linguística, Wilhelm transcreve as histórias e os contos num estilo literário agradável.

Em 1808, Dorothea Grimm, morre com 52 anos. Jacob, para poder sustentar os seus irmãos mais novos, trabalha como bibliotecário em Kassel. Wilhelm seguir-lhe-á o exemplo pouco tempo depois.

Em 1812 publicam o primeiro volume dos “Contos da Infância e do Lar”, na altura os Grimm sobreviviam com uma refeição por dia. Dois anos depois é publicado o segundo volume do livro mais conhecido e mais influente alguma vez escrito em língua alemã. Os estudos dos Grimm procegem, tal como a sua recolha de lendas e contos, o que resulta em várias publicações. Em 1825, Wilhelm, o mais extrovertido e sociável dos Grimm, casa com Dorothea Wild, filha de um farmacêutico de Kassel, o casal terá quatro filhos.

Entre 1829 e 1837, Jacob e Wilhelm, trabalharam como bibliotecários e professores na universidade de Göttingen. Em 1837, os irmãos Grimm juntaram-se aos seus colegas em protesto contra a anulação, pelo rei Ernest Augustus de Hanover, da constituição liberal em vigor desde 1833. Como resultado do protesto, todos os professores que nele participaram perderam as suas posições na universidade. Jacob Grimm e dois outros professores foram deportados. Jacob voltou a Kassel e Wilhelm seguiu-o pouco depois. Em 1838, os irmãos começam a trabalhar no colossal dicionário germânico.

Em 1840, o rei da Prússia convidou os Grimm para viverem em Berlim. Jacob tornou-se membro da academia das ciências e professor, Wilhelm também ocupou o cargo de professor. Jacob foi eleito em 1848 para o parlamento nacional de Frankfurt mas não se destacou, a política não era a sua vocação, apesar das suas ideias liberais.

Wilhelm morre em Berlim a 16 de Dezembro de 1859, Jacob também morre em Berlim a 20 de Setembro de 1863.

2. MÉTODO

2.1. Delineamento

No que concerne a concepção metodológica referente à análise dos contos de infância e do lar escritos pelos irmãos Grimm, a mesma inscreve-se na abordagem *Estudo de Caso Único* de natureza *qualitativa* e *exploratória*. Optámos por esta abordagem com o intuito de analisar qual o impacto da parentalidade nas histórias escritas pelos irmãos Grimm. O Estudo de Caso permite que nos centremos numa realidade específica e a analisemos de uma forma mais profunda e intensa. Como vantagens assinalamos o facto de fornecer novas ideias e hipóteses, possibilitar o

estudo de fenómenos raros, permitir a mudança das teorias científicas e permitir conhecer detalhadamente os processos sociais nos seus contextos. Como desvantagens há que referir a impossibilidade de realizar inferências causais válidas, uma vez que existem variáveis externas que não são controladas; os enviesamentos na recolha de dados podem levar a interpretações erróneas; e a impossibilidade de generalizações (i.e. validade externa), uma vez que se trata de um estudo em profundidade de uma realidade específica e que tem em conta os aspectos idiossincrásicos (Shaughnessy, Zechmeister, & Zechmeister, 2006). Deste modo, foi nosso objectivo recolher em primeiro lugar o material necessário, e de seguida, analisá-lo, sob um olhar atento, mas também aberto a novas ideias. Contudo, consideramos que este estudo também se insere na *abordagem biográfica*, de natureza *qualitativa* e *subjectiva*, uma vez que se utilizou o material biográfico dos Irmãos Grimm, de modo a se poder inferir acerca de possíveis relações de causalidade entre as personagens criadas pelos Irmãos Grimm e Jacob e Wilhelm Grimm (Gonçalves, 1994). O método biográfico consiste, fundamentalmente, no resgate minucioso das trajetórias pessoais do sujeito, de modo a apreender as suas vivências subjetivas, mas sempre de forma integrada com as suas condições concretas de existência. Pretende-se, através desta metodologia, apreender o mais detalhadamente possível a história do indivíduo, tentando explicitar "as suas formas de julgar e de se conduzir". O Método Biográfico tem como vantagens, o facto de possibilitar a formulação de hipóteses, e de permitir aceder em profundidade ao universo das relações sociais primárias, mostrando longitudinalmente a evolução das diferentes esferas da vida do indivíduo. Como desvantagens: a possibilidade de enviesamento, não aprofundando as narrativas, por considerar que apenas um relato ou uma fonte constitui informação suficiente; o grau de representatividade, e a não possibilidade de generalizações (Pujadas Muñoz, 1995, cit. por Gonçalves, 1994). De acordo com Gonçalves (1994), "a subjectividade, a singularidade universal do sujeito e a possibilidade de conhecimento do social a partir do individual são marcas distintivas do método biográfico, de natureza heurística, narrativa, interpretativa e contextualística" (p. 111).

Por último, todo o tratamento da informação constante neste estudo será submetido à Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2009), que será descrito pormenorizadamente no Procedimento.

2.2. Procedimento

Partindo da descrição detalhada do procedimento adoptado no presente estudo pretendemos que outros investigadores possam replicar o mesmo. Desta forma, com o intuito de

conferir fidelidade, validade e rigor inerentes à técnica de Análise de Conteúdo, que constitui per si “um conjunto de técnicas de análise de comunicações” (Bardin, 2009, p. 33), este estudo foi dividido em várias etapas. Segundo Bardin (2009), para uma aplicabilidade coerente do método, de acordo com os pressupostos de uma interpretação das mensagens e dos enunciados, a Análise de Conteúdo deve ter como ponto de partida uma organização. As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três pólos: 1) A pré-análise; 2) A exploração do material; e, por fim, 3) O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação (2009, p.121).

A pré-análise, primeira fase desta organização de Análise de Conteúdo objetiva a sistematização para que o analista possa conduzir as operações sucessivas de análise. Assim, num plano inicial, a missão desta primeira fase é, além da escolha dos documentos a serem submetidos à análise, também a formulação de hipóteses para a elaboração de indicadores para a interpretação final. Para tanto, procedeu-se à leitura flutuante do material, de forma a estabelecer contacto com o respectivo material, “(...) deixando-se invadir por impressões e orientações, por analogia à atitude do psicanalista” (Bardin, 2009, p. 122). A elaboração das hipóteses e dos objectivos foi tornando esta leitura mais precisa. Ao constituir-se o corpus, i.e. o conjunto de documentos que serão sujeitos ao respectivo procedimento, deve-se ter em conta, que o mesmo tem de obedecer às Regras de Exaustividade, Representatividade, Homogeneidade e Pertinência. Posteriormente, foram explorados os contos infantis considerados como objecto de estudo, com o objectivo de conhecer cada história e cada personagem, pormenorizadamente. Num segundo momento, designado de fase de Codificação, ou seja de transformação dos dados obtidos, foi realizado a divisão do texto por categorias associadas à temática central, de forma a constituir núcleos de sentido. A análise temática é constituída por três tipos de unidades: unidade de registo (segmento do texto que corresponde a uma determinada categoria da temática em estudo - unidade de significação), unidade de contexto (segmento mais lato de conteúdo, caracterizando a unidade de registo - unidade de compreensão) e unidade de enumeração (número de vezes que é enunciado uma unidade de registo semelhante) (Bardin, 2009). No processo de categorização, o critério utilizado foi o semântico, ou seja, agrupar por categorias temáticas. Deste modo, partindo do constructo Parentalidade criámos um sistema de categorias de forma a caracterizar o mesmo. Em seguida, procedemos à repartição dos elementos. Assim, este procedimento por “*clutches*” (caixas) foi adoptado dado que já tínhamos pré-estabelecido analisar o constructo parentalidade (Bardin, 2009, p.147).

As categorias, *Figuras de Vinculação*, *Competência/Qualidade Parental* e *EstiloParental*, quer das figuras biológicas, quer dos substitutos parentais, devem obedecer às seguintes regras: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objectividade, fidelidade e produtividade. Consideraram-se

como subcategorias, a ausência ou presença da respectiva categoria. Na categoria *Estilo Parental* (das figuras biológicas e dos substitutos parentais), as respectivas subcategorias foram efectuadas segundo a classificação proposta por Baumrind (1991): Permissivo, Autoritário, Democrático ou Negligente. Por último, os respectivos dados foram interpretados, com recurso a um corpus teórico psicanalítico, de forma a melhor compreender o objecto de estudo em questão: os contos infantis dos irmãos Grimm. Em suma, podemos afirmar que a metodologia análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2009), tem como objectivos: 1) ultrapassar a incerteza, de modo a poder-se afirmar que a leitura feita é válida e generalizável) e 2) enriquecer a leitura, através da descoberta de conteúdos que confirmam ou não o que se pretende demonstrar). É neste sentido que a análise de conteúdo tem duas funções, que coexistem: a função heurística, ou seja, enriquece aquilo que foi explorado, levando a querer explorar mais e a função de administração da prova, ou seja, este método confirmará ou infirmará as hipóteses provisórias colocadas (Bardin, 2009).

2.3. Instrumentos

Os instrumentos utilizados no presente trabalho são os contos infantis escritos pelos irmãos Grimm na obra “Contos da Infância e do Lar”: (no original) *Die zwölf Brüder, Brüderchen und Schwesterchen, Rapunzel, Die drei Männlein in Walde, Die drei Spinnerinnen, Hänsel und Gretel, Aschenputtel, Das Mädchen ohne Hände e Schneewittchen.*¹

Os restantes contos infantis escritos pelos Grimm não foram tidos em conta, por não serem relevantes para o presente trabalho, uma vez que, ou não apresentavam narrativas entre pais e filhos, ou não tinham uma história que se considerasse pertinente para as questões de partida do estudo em questão.

Neste trabalho também será analisada a biografia de Jacob e Wilhelm Grimm bem como os autores psicanalíticos que considerámos pertinentes para uma melhor abordagem das temáticas abordadas, de forma a melhor compreender o universo Grimm.

Como instrumento auxiliar, será utilizado o Genograma Familiar, com vista a melhor caracterizar a dinâmica familiar das personagens. O Genograma é uma representação gráfica da estrutura familiar, que permite compreender o sistema familiar. Reúne informações sobre os membros da família, de pelo menos três gerações, assim como de padrões comportamentais, e regras (McGoldrick & Gerson, 1990). O Ecomapa, que também será utilizado como instrumento

¹ Tradução para português: Os Doze Irmãos, Irmãozinho e Irmãzinha, Rapúnzia, Três Homenzinhos na Floresta, As Três Fiadeiras, Joãozinho e Margarida, Gata Borracheira, A Menina sem Mãos e Branca de Neve.

² Este é um quadro síntese de todas as Figuras de Vinculação consideradas existentes nos presentes contos infantis. Não obstante, para efeitos de Análise de Conteúdo, considerámos como Figuras de Vinculação Substitutas, apenas as

auxiliar, é uma representação gráfica das relações dos membros da família, com o seu respectivo meio – pessoas ou estruturas sociais. Desenvolvido por Hartman em 1975, como instrumento auxiliar no trabalho das Assistentes Sociais do serviço público dos E.U.A, com famílias problemáticas, representa o sistema ecológico da família (Nascimento, Rocha, & Hayes, 2005). Deste modo, o círculo e/ou quadrado central representam a personagem principal e os círculos e/ou quadrados em volta representam as outras personagens que se relacionam com a mesma. As linhas que unem os círculos caracterizam depois a ligação, enquanto as setas representam a energia e o fluxo de recursos. A ausência de linhas, por sua vez, representa a ausência de ligação entre as personagens. O Ecomapa representa assim três dimensões das relações da família no seu meio: a força, o impacto e a qualidade das relações. Deste modo, e compreendendo a família como um grupo de pessoas que interagem entre si (i.e. sistema), podemos analisar a rede de relações entre os seus membros, bem como analisar a rede de relações com outros subsistemas (Nascimento, Rocha, & Hayes, 2005). No que concerne os padrões relacionais nas famílias, permite-nos constatar se existe um padrão de proximidade ou por outro lado, de distância emocional.

3. ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS CONTOS DA INFÂNCIA E DO LAR DOS IRMÃOS GRIMM

3.1. Análise de Conteúdo dos Contos Infantis dos Irmãos Grimm

Tabela 2 - Análise de Conteúdo

Constructo	Categorias	Sub-Categorias	Exemplos Contos
Parentalidade	Figuras de Vinculação	Pai Biológico	Joãozinho e Margarida
			Doze irmãos
			Rapúncia
			Menina sem mãos
			Branca de Neve
			Três homenzinhos na floresta
		Mãe Biológica	Irmãozinho e Irmãzinha
			Três fiadeiras
			Doze Irmãos
		Substitutos Paternos não Biológicos por Morte/abandono do Pai biológico e/ou Mãe biológica	Rapúncia
			Branca de Neve
			Três Homenzinhos na floresta
			Gata Borracheira

	Figuras de Vinculação	Substitutos Maternos não Biológicos por Morte/abandono da Mãe biológica e/ou Pai biológico	Branca de Neve
			Gata Borracheira
			Rapúncia
			Joãozinho e Margarida
			Doze irmãos
			Menina sem mãos
			Três homenzinhos na floresta
			Três Fiadeiras
			Irmãozinho e Irmãzinha
Parentalidade	Competências parentais do pai/mãe biológicos	Competentes	–
		Não Competentes	Branca de Neve
	Gata Borracheira		
	Rapúncia		
	Joãozinho e Margarida		
	Doze irmãos		
	Menina sem mãos		
	Três homenzinhos na floresta		
	Três Fiadeiras		
	Irmãozinho e Irmãzinha		
	Competências Parentais dos pais/mães substitutos (as)	Competentes	Menina sem mãos
		Não Competentes	Branca de Neve
			Gata Borracheira
			Doze Irmãos
			Irmãozinho e Irmãzinha
			Rapúncia
			Três fiadeiras
			Joãozinho e Margarida
	Três homenzinhos na floresta		
	Estilo parental dos Pais Biológicos	Permissivo	Joãozinho e Margarida _
Autoritário		Três fiadeiras	
		Menina sem mãos	
Autoritário		Doze irmãos	
Democrático		–	
		Gata Borracheira	
		Rapúncia	
	Três homenzinhos na		

Parentalidade (continuação)	Estilo parental dos Pais Biológicos (cont.)	Negligente	floresta
			Irmãozinho e Irmãzinha
			Branca de Neve
	Estilo Parental dos pais/mães substitutos (as)	Permissivo	–
			Autoritário
		Gata Borracheira	
		Rapúncia	
		Irmãozinho e Irmãzinha	
		Três homenzinhos na floresta	
		Joãozinho e Margarida	
		Democrático	Doze irmãos (Três Fiadeiras) Menina sem mãos
	Negligente		–

3.2. Discussão

Figuras de Vinculação: O Papel das Figuras Parentais Biológicas

O reconhecimento da importância das primeiras relações na vida de um bebé teve sempre um enfoque especial por parte da psicanálise. Já em 1915, Freud no seu artigo “Instintos e suas vicissitudes”, postulava que a criança possui necessidades fisiológicas que devem ser satisfeitas, sobretudo de alimento e conforto, e que o bebé se interessa numa figura humana, especificamente a mãe, por esta ser a fonte da sua satisfação. As primeiras relações estão vinculadas à formulação de que todos os bebés desenvolvem um forte vínculo (*bonding*) com a mãe ou mãe substitua (cuidador primário). De acordo com Klaus e Kennell (1976, cit. por Figueiredo, 2003), o termo *bonding* refere-se à relação única que se estabelece entre o recém-nascido e a mãe, desde os primeiros contactos entre ambos e facilitada pelo sistema hormonal da mãe e pela presença do bebé. No entanto, segundo estes autores, a formação desta relação estaria privilegiada no período logo após o parto, revelando assim a existência de um período sensível. Esta ideia foi desenvolvida na sequência das investigações sobre o *imprinting*, com mamíferos, verificando-se que, se logo após o parto não houvesse nenhum contacto entre a mãe e a cria, a mãe rejeitava a sua cria. No entanto, hoje existem evidências empíricas fortes de que a vinculação se estabelece de forma gradual (MacFarlane, 1979; Robson & Moss, 1970; Stern, 1980; Taylor,

Adams, Doré, Kumar, & Glover, in press, cit. por Figueiredo, 2003). Outros autores (e.g. Robson e Moss, 1970, cit. por Figueiredo, 2003) utilizam a expressão *maternal attachment*, para designarem esta relação especial entre a mãe e o bebé, referindo assim a sua importância não só para o desenvolvimento e bem-estar do bebé, mas também para a futura qualidade dos cuidados maternos. Segundo Cummings e Cummings (2002): “Attachment refers to an affective bond between parents and children” (p. 35). Desta forma, a vinculação refere-se ao laço afectivo entre pais e filhos, e não ao tipo de práticas e estilos parentais (Ainsworth, 1969, cit. por Cummings & Cummings, 2002). A vinculação da mãe ao bebé, processo de adaptação mútua, depende de um conjunto de várias dimensões, de cariz biológico, psicológico e sócio-cultural (Montero & León, 2002, cit. por Figueiredo, 2003). No entanto, de acordo com Figueiredo (2003) o bebé é sentido como uma pessoa estranha pela mãe, até às quatro semanas, altura em que o bebé começa a reconhecer a mãe, e em que o envolvimento materno aumenta, passando a mãe a sentir o bebé como uma pessoa real. O percurso pessoal e profissional de Bowlby, marcado por um particular interesse pelo estudo da qualidade das interações afectivas na família e pela importância das experiências precoces de separação, privação e perda no desenvolvimento psicossocial da criança, em muito contribui para o que hoje se designa de Teoria da Vinculação. Demarcando-se da grelha teórica psicanalítica na qual teve formação, Bowlby teve como principal objectivo analisar o processo de construção de laços afectivos entre criança e mãe e o impacto no desenvolvimento da personalidade da criança quando estes laços são quebrados. Ao longo dos seus trabalhos Bowlby rejeita as explicações psicanalíticas, que defendiam o papel primordial da satisfação das necessidades alimentares no bem-estar psicológico das crianças, salientando vários estudos cujos resultados evidenciam crianças em situação de privação materna que, apesar de satisfeitas as suas necessidades alimentares, apresentam sinais de perturbação psicológica (e.g. letargia emocional ou isolamento social) (Soares, 2007). É também na Etologia que Bowlby encontra muitos dos fundamentos que irão influenciar a sua conceptualização da Teoria da Vinculação. Ao contactar com os trabalhos de K. Lorenz (1935) torna-se ainda mais evidente para Bowlby a importância de variáveis como o conforto com a proximidade com a figura materna e os laços sociais estabelecidos, independentemente de uma gratificação oral, no desenvolvimento da relação afectiva bebé-mãe (Bowlby, 1958; Soares, 2007).

As concepções teóricas de Bowlby encontram a sua fundamentação prática nas experiências de Ainsworth. Os trabalhos de observação de Ainsworth sobre a interacção bebé-mãe em contexto naturalista, conduziram à elaboração do procedimento laboratorial conhecido como Situação Estranha, que constitui um marco importante no desenvolvimento da Teoria da Vinculação pois torna possível a análise das diferenças individuais na organização

comportamental da vinculação. Através deste procedimento, constituído por um conjunto estandardizado de episódios de separação e reunião, Ainsworth et al. (Soares, 2007) identificaram padrões ou categorias que reflectem diferentes reacções comportamentais da criança face à figura de vinculação: Seguro, Inseguro-Evitante, Inseguro-Ambivalente. Segundo a autora, o termo seguro ou inseguro reflecte a percepção da criança sobre a disponibilidade e responsividade da figura de vinculação em situações de ameaça ou perigo, assim como a forma como os seus comportamentos estão organizados em função de tal percepção. O padrão de vinculação seguro caracteriza-se por crianças capazes de explorar o meio, que procuram activamente protecção e conforto quando confrontadas com situações potencialmente ameaçadoras, observando-se por parte da figura de vinculação disponibilidade e capacidade em satisfazer tais necessidades. Estas crianças confiam na sensibilidade dos comportamentos da figura de vinculação, tornando-se conseqüentemente mais confiantes e seguras nas suas interacções com o mundo, como referem

Ainsworth e Bowlby (1991) “the use of the mother as a secure base from which to explore the world and as a haven of safety” (p. 6). No padrão inseguro-evitante encontramos um evitamento do contacto e da procura de proximidade com a figura de vinculação, devido à rejeição e insensibilidade que esta manifesta perante as necessidades da criança. Predominam os comportamentos de exploração do meio como forma de ignorar a presença da figura de vinculação e a necessidade dos seus cuidados. No padrão inseguro-ambivalente, a criança apresenta dificuldades de regulação do afecto e comportamentos de dúvida face à responsividade da figura de vinculação, oscilando entre a procura de proximidade e resistência ao contacto, em resposta normalmente a comportamentos insensíveis ou inconsistentes da figura de vinculação. Estas crianças são hipervigilantes face à presença da figura de vinculação, o que empobrece os seus comportamentos de exploração do meio. Uma vez que a insegurança compromete a exploração do mundo, as crianças inseguras tornam-se menos confiantes nelas próprias e nos outros. A vinculação manifesta-se pelo sentimento de segurança que a figura de vinculação verá proporcionar; pela procura de proximidade com essa figura, em particular em situações de ameaça ou perigo, e pelas reacções de protesto face à separação da figura de vinculação e de alegria perante situações de reaproximação. Segundo Bowlby “proximity seeking (including protest at separation), secure base and safe haven are the three defining features and the three functions of an attachment relationship” (Bowlby, 1958 cit. por Soares, 2007).

Nos contos infantis dos Irmãos Grimm são nos transmitidas mensagens acerca das interacções familiares e, em particular das representações parentais. Indagamos assim qual o papel da figura paterna na obra dos irmãos Grimm? Estarão os pais biológicos omissos? Na obra “Contos da Infância e do Lar (Grimm, 2012), os pais biológicos aparecem como figuras fracas e

negligentes, dominados pelas mulheres, que criam dificuldades incontrolláveis na criança e não a auxiliam a resolvê-las (e.g. Joãozinho e Margarida). Mas por que razão a mãe biológica rejeita as crianças e o pai é frequentemente, fraco, negligente e ineficaz? De acordo com Bettelheim (1975/1976/2011), a razão pela qual a madrasta-mãe é retratada como má e o pai como fraco está intimamente relacionado com as expectativas que a criança tece em torno dos seus pais. Numa imagem típica da família, o pai assume-se como o protector dos filhos, tem o papel primordial de protegê-los de todos os perigos do mundo exterior, assim como aqueles perigos que têm origem nas próprias tendências associativas dos filhos. A mãe, por sua vez, tem como tarefa alimentar e satisfazer as necessidades primárias das crianças permitindo, desta forma, a sua sobrevivência. Não obstante, nos contos de Grimm são as próprias mães as primeiras a falhar nesta tarefa, colocando, inúmeras vezes, a vida da criança em perigo, como no caso de Joãozinho e Margarida, ou de Irmãozinho e Irmãzinha, em que as mães e madrastas insistem em desfazerem-se dos filhos. Se o pai, por sua vez, é fraco e negligente no cumprimento das suas obrigações, então a vida dos seus filhos não corre perigo directamente ainda que a criança abandonada e privada da protecção do pai tenha de se desenvolver sozinha, o melhor que puder. Assim, Branca de Neve, Três homenzinhos na floresta, Joãozinho e Margarida, Rapúncia Doze irmãos tiveram de lutar sozinhos pela sua sobrevivência e foram bem-sucedidos.

Bettelheim (1975/1976/2011) a este propósito refere: “A mais importante e mais difícil tarefa na educação de um filho é ajudá-lo a encontrar um sentido para a vida. Para se conseguir isso são precisas muitas experiências de crescimento” (p.10). Mas, frequentemente, os pais e mães dos heróis dos contos de Grimm não participam na vida e no crescimento dos seus filhos. Numa primeira análise constatamos que nos poucos contos onde existe de facto uma figura parental biológica cuidadora, esta e o respectivo filho não têm a possibilidade de permanecer juntos durante todo o enredo – e.g. Rapúncia, Doze Irmãos e Joãozinho e Margarida). Desta forma, não deixa de ser pertinente a análise das figuras maternas e paternas que figuram nos contos da infância e do lar dos Irmãos Grimm, precisamente por não terem um papel tão importante e relevante na vida dos seus filhos. É assim, relevante compreender não só o seu desenvolvimento enquanto personagens, mas também a influência parental na vida dos seus filhos.

Numa análise aprofundada dos contos acima mencionados, observamos vários aspectos, que serão descritos de seguida.

No que se refere ao conto *Doze irmãos*, os doze rapazes são exilados do pai maléfico e colocados num esconderijo criado pela mãe. A mãe salva-os e impede a sua morte, contradizendo assim a vontade do seu marido. Em *Joãozinho e Margarida*, o pai falha na tentativa de proteger os seus filhos, que são abandonados na floresta à sua sorte pela madrasta. Pai e filhos são assim

afastados. Em *Rapúnzia*, ambos os pais biológicos entregam a sua filha ao cuidado da Bruxa que a encarcera no alto de uma torre desde os seus doze anos de idade. Em *Menina sem mãos*, apesar de no início do conto transparecer um carinho do pai em relação à filha, ambos falham na protecção da criança com receio da punição do Diabo. Em *Gata Borralheira*, a mãe biológica, apesar de preparar a seu filho para a vida adulta (como se denota nas capacidades da jovem em cuidar da casa e alimentar a família), acaba por morrer. Pensamos que a morte da mãe de *Gata Borralheira* pode simbolicamente remeter para o início da autonomização da filha, anteriormente apoiada, e como tal suficientemente segura para explorar o mundo. Como refere Bettelheim (197/1976/20011): “ Os processos interiores da *Gata Borralheira* começam com a sua desolada dor pela morte da mãe, simbolizada pela sua existência no meio das cinzas. Se ela ficasse agarrada a esta situação, nenhuma evolução interior se daria. [...] o choro da *Gata Borralheira* sobre o galho plantado mostra que a memória da falecida mãe se mantém viva; mas, à medida que a árvore cresce, também a mãe interiorizada cresce dentro da *Gata Borralheira*” (p. 394).

A este respeito Ferreira (2002) refere: “O exercício da função maternal no início da vida organiza no bebé a capacidade interior de poder, depois, resolver de modo autónomo as dificuldades e frustrações, resistir a incidentes e perdas no futuro mesmo quando a realidade externa é incómoda e inevitável” (p. 59). Sendo a família o primeiro e o mais importante contexto de crescimento físico e psicológico da criança, e sendo através da família que a criança contacta e se apresenta à vida social, podemos afirmar que a mesma tem como objectivos criar um sentimento de pertença ao grupo e potenciar a individualização/autonomização dos seus membros (Relvas, 1996).

Constatamos, desta forma, que pais e mães, apesar de estarem presentes fisicamente nos contos, não têm um papel activo no desenvolvimento e vida dos seus filhos, seja por acontecimentos exteriores (e.g. rapto), seja por características pessoais. Em relação a estas últimas, Bettelheim (1975/1976/2011) refere que os pais tendem a minimizar ou até mesmo ignorar as angústias das crianças, pela dificuldade que têm em lidar com a sua própria angústia.

Verificamos, desta forma, que apesar das sucessivas separações e desencontros, existe uma preocupação em não deixar as personagens principais dos contos dos Irmãos Grimm sozinhas e desamparadas. Observamos, assim, que quando não há uma figura parental biológica, o personagem principal tem quase sempre o substituto materno e/ou paterno respectivo, como e.g. uma madrasta. No entanto, consideramos que existem outras personagens que pelas suas características pessoais, ou seja, cuidadoras tendem a personificar a imagem de mãe (e.g. *Pássaro branco*, em *Gata Borralheira*; anjo donzela, em *Menina sem Mãos*) ou de pai (e.g. três homenzinhos, em *Três homenzinhos na floresta*; Sete anões em *Branca de Neve*).

Figuras de Vinculação:

Ausência das Figuras Parentais Biológicas e os Substitutos Maternos e/ou Paternos

Os primeiros anos de vida constituem um marco imprescindível no desenvolvimento humano. Alguns psicanalistas (Winnicott, 1990; Malher, 1982; Spitz, 1979 e Bowlby, 1984) estudaram os distúrbios emocionais da vida adulta e relacionaram suas origens aos primeiros anos de vida, bem como, destacaram alguns momentos cruciais da infância e o período em que eles seriam mais prejudiciais.

Freud (1996) não se deteve nesta experiência primitiva, porém, isto não o impediu de falar sobre o assunto. Afirmou que o bebê nasce totalmente dependente dos cuidados maternos, com os quais forma uma unidade absoluta. Freud postulou uma teoria acerca da suposta verdade universal da existência humana – a dependência emocional da mãe – que é compartilhada por outros psicanalistas, como Spitz (1979/1993) e Winnicott (1941/2006). Ambos consideram que o bebê não apresenta condições biológicas para sobreviver sem os cuidados afetivos de outrem. Spitz (1979/1993) afirma que, por essa condição apresentada pelo bebê, este é marcado pelas vivências com o outro, cujas relações iniciais vão influenciar o seu desenvolvimento. Winnicott (1988) acredita que a qualidade desse cuidado recebido é que vai possibilitar à criança o contacto com o outro, com as suas sensações, com o mundo, com a vida. Portanto, é importante ressaltar a influência desse cuidador principal, uma vez que dependendo dessas experiências primárias poderão ocorrer possíveis danos no desenvolvimento da criança. Essa fase de dependência do bebê é denominada por Mahler (1982), de “simbiose mãe-bebê”, na qual são observados fenômenos extremamente complexos no que se refere à interpretação, em termos psicológicos, de tal modo que a compreensão desses fenômenos simbióticos exige a existência de uma fase posterior, a de separação-individuação (Mahler, 1982). Esta fase foi pesquisada pela autora a partir de um estudo sistemático de bebês, o qual possibilitou o “conhecimento acerca do efeito traumático causado pela separação física da mãe e a respectiva influência patogênica sobre o desenvolvimento da personalidade” (Mahler, 1982, p. 14). Uma das hipóteses do estudo de Mahler (1982) é a de que a fase de separação-individuação normal constitui a primeira e decisiva etapa para o desenvolvimento psicossocial da criança, isto é, “o processo de separação criança-mãe é um pré-requisito para a individuação normal” (Mahler, 1982, p. 26). Segundo Mahler (1982, p. 14) “a relação simbiótica com a mãe, em nível de satisfação das necessidades, transforma-se gradualmente em relação objectal”. Essa relação estabelecida entre a mãe e o bebê – relação de objecto – é definida por Laplanche e Pontalis (1992) como o modo de relação do sujeito com o seu mundo, que se caracteriza pelo resultado complexo e total de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasmática dos objectos. Klein

(1957/1991) é quem faz uso desse termo – relação de objecto – para a interacção da mãe com o seu bebé, construída principalmente no primeiro ano de vida, período este de extrema plasticidade do recém-nascido que acaba estabelecendo, desde muito cedo, o modelo básico de como ele se relacionará consigo mesmo e com os outros, durante a sua vida. A autora afirma que esse envolvimento, que inicialmente é centrado no seio materno, é constituído por elementos como amor, ódio, fantasias, ansiedades e defesas, cujas reacções fornecem um suporte, que envolve afectividade e emoção como elemento básico, permitindo à criança explorar o ambiente. Nessa perspectiva, é oportuno destacar a compreensão do afecto expresso na psicanálise, o qual é entendido como qualquer estado afectivo, que pode ser tanto agradável como penoso, e que se manifesta por uma descarga emocional física ou psíquica, imediata ou adiada (Laplanche & Pontalis, 1992). Algumas experiências positivas como o de ser amamentado, acariciado, olhado nos olhos etc., que são vividas entre a díade mãe-bebé, geram neste último, a vivência de um bom seio (gratificador), o que propicia a experiência de algo externo assegurador e tranquilizante. Em contrapartida, os primeiros anos de vida também podem ser marcados por experiências negativas vivenciadas pela criança, de forma frustrante. Estudos (Spitz, 1993; Bowlby, 1981; Winnicott, 1986) apontam os efeitos nocivos sobre a formação da criança quando observada num processo de perda ou separação da mãe na primeira infância. Esse termo é empregado por Winnicott (1986) como uma experiência que passa a ter um novo sentido de continuidade de ser. Para ele, todo o ser humano apresenta uma tendência inata ao amadurecimento, isto é, à integração numa unidade, que, fundamentalmente, é a existência de um ambiente facilitador que fornece os cuidados suficientemente bons. Bowlby (1984, p. 13) faz um alerta sobre a separação da mãe nos primeiros anos de vida, pois, no princípio a criança não tem noção da realidade exterior: o mundo é ela própria, envolvida com suas sensações e emoções. Somente durante os primeiros anos de vida é que ela experiencia o que lhe é próprio, aquilo que lhe é externo, de modo que, passa a ter consciência do "eu". Durante este desenvolvimento a presença da mãe ou de um cuidador substituto é de suma importância para atender às necessidades da criança, pois possibilita que ela diferencie o seu mundo interior do exterior. No início dessa consolidação do “eu”, é preciso que a criança tenha suas necessidades básicas supridas, para que ela desenvolva o sentimento de confiança. Segundo Klein (1971/1991), as experiências de frustração e ansiedade podem gerar no bebé um intenso sentimento de ameaça à sua sobrevivência. Quando a quantidade de frustração é muito intensa, a criança a projecta para fora de si e “transfere” esses conteúdos agressivos, que não os sente como seus, ao seio da mãe, tornando-o um objeto de perseguição, que gera temor à destruição. Nos casos em que a mãe não é capaz de digerir internamente essas reacções do bebé, acaba por causar no bebé a fantasia inconsciente de que ele é o possuidor desses elementos

destrutivos. Nessas condições, a criança sentirá o mundo como um lugar hostil, que não tolera as suas angústias, a sua raiva ou, ela mesma, como um todo. Em contraposição, quando essas frustrações são repetidamente aliviadas por alguém, elas permitem à criança ter noção de uma realidade externa, inicialmente representada pelo seio da mãe. Posteriormente, a criança vai progressivamente percebendo o outro de maneira parcial, primeiramente o seio, o cheiro, a voz, até finalmente formar a noção de uma pessoa total. De modo que, aos poucos, a mãe (ou cuidador substituto) vai fornecendo maior ou menor quantidade de líbido (afecto, desejo, interesse, ansiedade, medo, rejeição), crucial no desenvolvimento do indivíduo. É fundamental considerar que: “mesmo o bom efeito da criação nos primeiros tempos pode ser, em certa medida, anulado através de ulteriores experiências prejudiciais e maléficas, assim como as dificuldades surgidas no começo da vida podem ser mitigadas através de subseqüentes experiências benéficas. Ao mesmo tempo, convém recordar que algumas crianças parecem recordar condições externas desfavoráveis sem grande dano para a sua personalidade e estabilidade mental, ao passo que outras, apesar de um ambiente favorável, manifestam (...) sérias dificuldades” (Klein, 1971, p. 258). Bowlby (1984) afirma que o entendimento acerca da resposta da criança em relação à separação ou perda da figura materna está relacionado com a compreensão do vínculo que a une a essa figura. Desta forma, o autor faz uma ressalva à importância da ligação emocional que se desenvolve entre o bebê e seu “cuidador”, de modo que a criança que tem pais afetivos e vive num ambiente bem estruturado, no qual encontra conforto e protecção, consegue desenvolver um sentimento de segurança e confiança em si mesma e em relação àqueles que convivem com ela. A mãe suficientemente boa, descrita por Winnicott (1941/2006), aquela que não está presa à concepção de boa ou má, desenvolve uma preocupação materna primária, oferecendo ao bebê um ambiente facilitador. Nesta perspectiva, Bowlby (1984) afirma que se uma criança cresce em situação irregular, afastada da vida familiar, pressupõe-se que a sua base de segurança tende a desaparecer, o que pode prejudicar as suas relações com os outros, havendo assim, prejuízos nas demais funções do seu desenvolvimento.) afirma que para uma criança ter um desenvolvimento emocional saudável, ela necessita de um ambiente acolhedor, suficientemente bom e que atenda às suas necessidades básicas, sem que haja invasões nesse processo. Deste modo, Winnicott (1990) considerou como o centro da constituição do si mesmo a relação dual e não o Complexo de Édipo da psicanálise tradicional, uma vez que as necessidades dos lactentes passaram a se diferenciar do desejo. Para ele, o medo de ser devorado e a ansiedade de separação (medo do abandono), as quais não são exclusivas a uma fase particular do desenvolvimento por ocorrerem em todas as idades no inconsciente, deixaram de ser concebidas como produto de supostas forças e mecanismos mentais inatos, e passaram a ser

entendidas como consequência da acção de um factor externo, isto é, a primitiva falha da mãe em fornecer um ambiente suficientemente bom (Winnicott, 1990). O bebé, ao nascer, vivencia uma dependência total, o que torna imprescindível a presença de uma pessoa que atenda às suas necessidades vitais e assuma, desta forma, o papel da figura materna (Winnicott, 1988). Para Freud (1920), o indivíduo nasce com a capacidade de sentir prazer e a vivência que ele tem dessa capacidade é tão importante para o seu desenvolvimento quanto o alimento para a sua sobrevivência. Diante do exposto, pautado no referencial teórico psicanalítico, foi evidenciado que as primeiras experiências de vida e as interações da criança com seu ambiente são fundamentais para o seu desenvolvimento emocional, o que indica a relevância da realização deste estudo centrado na importância das figuras parentais (biológicas ou substitutas) no desenvolvimento bio-psicossocial das crianças.

No presente estudo, focámos também a importância das figuras parentais substitutas nos diferentes personagens que constituem os contos infantis dos Irmãos Grimm. Partindo da premissa de Sá (2010) que os pais e mães dos heróis são frequentemente omissos nas histórias, tentámos perceber por um lado, o porquê das figuras parentais biológicas nos contos de Grimm serem omissas e por outro lado, o motivo pelo qual os substitutos parentais são, na totalidade dos contos analisados, figuras autoritárias, que maltratam, punem e procuram muitas vezes a morte dos enteados (as). Se tivermos em conta a análise biográfica dos irmãos Grimm podemos tentar encontrar algumas justificações: no que concerne à figura parental biológica omissa, consideramos que esta ausência nas histórias (como nos contos *Irmãozinho e Irmãzinha*, e *Branca de Neve*), se prende com o facto da vida dos Irmãos Grimm ter sofrido uma grande reviravolta após a morte do pai. Habitados a uma vida confortável, após a morte paterna, vêm-se numa vida vincada pela fome e pela miséria. Por outro lado, o facto de o pai ser negligente nas histórias dos *Doze irmãos*, *Rapúncia*, *Três homenzinhos na floresta*, *Joãozinho e Margarida*, *Gata Borralheira* e *Menina sem mãos*, deve-se, hipoteticamente, ao facto do pai biológico destes irmãos (Grimm), se dedicar maioritariamente aos irmãos mais novos e ser bastante rigoroso e severo na educação dos mesmos (estilo parental autoritário). Deste modo, nos contos infantis analisados, os substitutos maternos e/ou paternos, que preenchem a função materna e/ou paterna surgem na ausência de uma ou de ambas as figuras parentais, à excepção da *Menina sem Mãos*, *Rapúncia*, *Joãozinho e Margarida* e *Doze irmãos*. Assim, estes substitutos podem ser por exemplo, anjos (e.g. *Menina sem Mãos*), familiares por afinidade, como as madrastas (e.g. *Gata Borralheira*, *Joãozinho e Margarida*, *Irmãozinho e Irmãzinha*, *Três homenzinhos na Floresta* e *Branca de Neve*) ou outras personagens (e.g. três homenzinhos no conto *Três Homenzinhos na Floresta*, um pássaro branco em *Gata Borralheira* ou sete anões em *Branca de Neve*). Nos contos *Branca de Neve*, e em *Gata Borralheira*, ambas as

personagens ficam entregues aos cuidados das suas madrastas. Assim, se por um lado pais e mães não têm a oportunidade de permanecerem juntos, o mesmo não acontece com as madrastas, que perseguem a personagem principal, na tentativa de a aniquilar (e.g. *Branca de Neve*) ou de a simplesmente maltratar e prejudicar (e.g. *Gata Borralheira*). A propósito da frequente presença de uma madrasta má, e da ausência da verdadeira mãe, Bettelheim (1975/1976/2011) refere que a divisão entre a mãe bondosa, que geralmente já faleceu, e a madrasta malvada, tem como objectivo preservar a imagem de uma mãe bondosa, que apesar de não ter sido inteiramente boa, permanece como tal. Exageram-se as boas qualidades da mãe assim como as más qualidades da madrasta. Esta clivagem entre o bom e o mau objecto, permite à criança lidar com sentimentos contraditórios, sem culpa e sem destruir a fantasia da boa mãe idealizada. Como refere Bettelheim (1975/1976/2011): “(...) a típica cisão dos contos de fadas em mãe bondosa (geralmente falecida) e em madrasta maldosa, serve bem a criança. É não só um meio para preservar uma mãe interior, inteiramente boa, quando a verdadeira mãe não o é, como permite a cólera contra esta «madrasta», sem pôr em perigo a boa vontade da verdadeira mãe, que é encarada como uma pessoa diferente” (p. 108). Nesta perspetiva, no conto *Gata Borralheira* podemos pensar no pássaro branco, como um substituto materno da personagem principal, que surge de forma onnipotente e omnipresente com o intuito de ajudar a personagem principal. Também em *Menina sem Mãos*, o anjo em forma de donzela pode ser encarada como um substituto materno, uma vez que é esta figura que protege e cuida da menina e do seu filho, evitando a morte inferida pelo Diabo. É também este anjo que possibilita o reencontro da menina com o seu amado rei. Em *Rapúncia*, identifica-se a Bruxa Göthel, como a sua substituta materna. Esta alimentou-a e criou-a, apesar de no fim a punir e desejar a sua morte. Também, em *Joãozinho e Margarida* a Bruxa a quem pertencia a casa de bolos e pão, pode ser encarada como um mãe substituta que inicialmente alimenta e cuida (faz caminhas de lavado) das crianças. No conto *Irmãozinho e Irmãzinha* não há menção aos pais biológicos, apenas uma madrasta (figura materna substituta) que maltrata e obriga à fuga dos irmãos pela sua sobrevivência. Constatase, deste modo, que na ausência de uma ou de ambas as figuras parentais, os autores introduziram outras personagens que substituem e preenchem estas funções, quer seja pela positiva quer seja pela negativa. Até mesmo *Rapúncia*, personagem principal, que tem presente ambos os pais, mas que é afastada dos mesmos, possui substituta materna, i.e. a Bruxa, que de facto a criou desde os seus doze anos de vida. No entanto, no conto os *Doze irmãos*, apesar de não existirem substitutos parentais para os doze irmãos, podemos identificar uma personagem que ajuda a irmã e que a protege na ausência dos pais e do rei (e.g. a Madrasta do Rei). Podemos, assim, afirmar que os Irmãos Grimm

preocuparam-se em não deixar as suas figuras principais sozinhas e desamparadas sem qualquer prestador de cuidados, mesmo que este seja de má qualidade (e.g. Madrastas).

Pese embora os papéis dos pais e mães nos contos infantis de Grimm aparentem ser pouco ou nada benéficos para o desenvolvimento dos filhos, onde pais e filhos são afastados e como tal impossibilitados de permanecerem juntos, é possível observar que por vezes as personagens principais têm uma segunda oportunidade de reencontro com os seus pais. Por exemplo em *Joãozinho e Margarida*, pai e filhos têm a possibilidade de um reencontro, num movimento de reparação, após os maus momentos ultrapassados pelos filhos. Segundo Klein (1945/1996) a reparação é um mecanismo que facilita a resolução do luto na posição depressiva. Deste modo, a criança ao reparar, reconstrói o objecto perdido, desenvolvendo a capacidade de simbolização e criatividade. Klein (1945/1996) acrescenta ainda que as fantasias de reparação permitem à criança lutar contra a angústia depressiva e contra a culpa. Neste sentido, interpretamos o reencontro das personagens com os seus progenitores como uma forma de reconstrução do objecto (progenitor) que outrora foi perdido e separado, mas que agora se apresenta de forma diferente. Como afirma Klein (1945/1996) “Quando a segurança no mundo interno é gradualmente retomada, e os sentimentos e objetos internos voltam a ganhar vida, os processos de recriação têm início e a esperança surge novamente” (p.50).

Tabela 3: Quadro Síntese da Categoria Figuras de Vinculação²

Contos	Figuras de Vinculação			
	<i>Pai Biológico</i>	<i>Mãe Biológica</i>	<i>Substituto Materno</i>	<i>Substituto Paterno</i>
<i>Doze Irmãos</i>	Rei	Rainha	Madrasta do Rei	—
<i>Irmãozinho e Irmãzinha</i>	—	—	Madrasta	—
<i>Rapúncia</i>	Pai	Mãe	Bruxa	—
<i>Três homenzinhos na</i>	Pai	—	Madrasta	(Três homenzinhos)

² Este é um quadro síntese de todas as Figuras de Vinculação consideradas existentes nos presentes contos infantis. Não obstante, para efeitos de Análise de Conteúdo, considerámos como Figuras de Vinculação Substitutas, apenas as personagens que os Irmãos Grimm definiram como tal, e não as que simbolicamente poderão representar esse papel, as quais se encontram identificadas entre parêntesis.

<i>floresta</i>				na floresta)
<i>Três fiadeiras</i>	—	Mãe	(3 fiadeiras)	—
<i>Joãozinho e Margarida</i>	Pai	—	Madrasta; Bruxa Göthel	—
<i>Gata Borralheira</i>	Pai	—	Madrasta (Pássaro Branco)	—
<i>Menina sem mãos</i>	Moleiro	Mãe	Mãe do Rei (Anjo Donzela)	—
<i>Branca de Neve</i>	—	—	Madrasta	(Sete Anões)

Competências Parentais/Qualidade Parental: O papel dos Pais Biológicos em oposição aos Substitutos Paternos e/ou Maternos

«Quando eu era pequeno... E mergulho fundo na minha infância. A infância, esse grande território de onde todos saímos! Pois donde sou eu? Sou da minha infância. Sou da minha infância como se é de um país...»

(Saint Exupéry, 1957)

Para que a interação dos progenitores com a sua criança se configure enquanto cuidado parental deve ter como consequência engrandecer a probabilidade de sobrevivência dos seus descendentes. Esse processo tem iniciação no momento da fertilização, sendo sequência do comportamento reprodutivo, permanecendo na gestação. Segue com o nascimento e, altera-se ao longo do desenvolvimento tendo em conta as necessidades particulares de cada período e o contexto relacional em que a família se encontra (Brown, 1998; Tokumaru, 1998, citado por Soares, 2007). O comportamento de cuidado parental (materno e paterno) é delimitado como qualquer comportamento dirigido à geração que aumenta a probabilidade de sobrevivência dos filhos. Para Brown, em 1998, o comportamento de cuidados que os progenitores manifestam durante a gestação, segue a partir do nascimento e sofre alterações ao longo do desenvolvimento.

Outra consideração relevante sobre cuidados parentais refere-se ao investimento parental que, de acordo com Brown, em 1998, as mães investem mais recursos e tempo na geração do que os pais, devido à gravidez e à amamentação. Outros autores (Bowlby, 1981/1984; Spitz, 1979/2003) também asseguram que à mãe é atribuída maior responsabilidade de cuidar da criança, e ponderam a possibilidade de haver relação com a predisposição biopsicológica da mãe. Contudo, outros autores sugerem que se o pai tiver oportunidade, e for estimulado a vincular-se com o seu filho, poderá apresentar sensibilidade frente às expectativas deste e assumir o seu papel de cuidador. Segundo Freud (s.d., cit. por Ferreira, 2002), o pai representa o princípio da realidade, o terceiro elemento que se insere na díade mãe-filho, organizando-a. Assim reconhecer o pai é admitir por um lado a relação de não-exclusividade com a mãe e por outro a relação entre os pais. Assim, cada membro da tríade pode assumir a função contentora e de mediação no que diz respeito às tensões existentes, entre os restantes dois elementos. O terceiro, em circunstâncias particulares, fornece assim o suporte necessário ao desenvolvimento desta tríade (Andolfi & Angelo, 1989). Esse comportamento de cuidado parental é discutido por autores como Goetz e Vieira (2009, cit. por Soares, 2007), como situado na fronteira entre o real e o ideal. Os autores consideram que o real é o que se compreende por verdadeiro e está associado às preocupações e às actividades diárias. Por outro lado, o ideal só existe no pensamento e combina qualidades positivas da sua espécie, ajustando-se a um modelo. Mencionam também que o comportamento real de cuidado parental reúne actividades de rotina em que pais e mães interagem, com expectativas idealizadas por ideias referentes ao modelo que mais se aproxima do desejado, do ideal. Antes do bebé nascer, o mesmo já foi sonhado e idealizado. O bebé real contém o *bebé fantasmático* (o bebé dos conflitos inconscientes, fruto da sua ligação com o seu próprio pai - pertence ao mundo pré-primário da psique da mãe e inscreve-se no conflito edipiano), e o *bebé imaginário* (que se desenvolve com o desejo da criança e da gravidez, consequência do imaginário dos pais – é o bebé objecto dos sonhos da mãe) (Sá, 2004). Assim, a satisfação na maternidade, encontra-se condicionada pela vida fantasmática da mãe, e portanto com o encontro ou desencontro entre o bebé real e o bebé imaginado. Mas o bebé real será sempre um bebé “em construção, vivo portanto, aberto às interacções e às trocas que permitem vir a construir-se na relação com os pais” (Sá, 2004, p. 126). A este respeito Winnicott (1986) introduz o conceito de *preocupação maternal primária*, estado psicológico especial que se desenvolve gradualmente durante a gravidez e que permanece até algumas semanas após o nascimento, sendo uma faculdade que permite à mãe identificar-se com as necessidades e estados do recém-nascido. Este autor introduz ainda o conceito de *mãe suficientemente boa*, que será aquela que providencia ao bebé um “ego auxiliar” que lhe permitirá integrar as suas sensações corporais, os estímulos ambientais e as suas

capacidades motoras emergentes. Se o ego auxiliar fornecido pela mãe for insuficiente a criança poderá recorrer a um falso self, ou seja, a um ego auxiliar falso. Assim, a mãe de boa qualidade é interiorizada pelo bebé, e este irá construir toda a sua vida mental com base na representação psíquica da mãe. Também, a mãe de qualidade sente o seu bebé como autónomo, diferente de si, com desejos e características próprias, identificando-se com o seu bebé através da capacidade de alteridade (Ferreira,2002).

Desta forma, uma criança que tem pais afectivos e vive num ambiente bem estruturado, no qual encontra conforto e protecção, consegue desenvolver um sentimento de segurança e confiança em si própria e em relação àqueles que convivem com ela. Por outro lado, se uma criança cresce numa situação irregular (afastada da vida familiar), subentende-se que a sua base de segurança tende a desaparecer, o que pode deteriorar as suas relações com os outros, havendo, assim, prejuízos nas demais funções do seu desenvolvimento (Bowlby, 1981).

Outra consideração a ser feita funda-se no quão essencial é o relacionamento afectuoso do bebé com a mãe ou substituto materno, no qual todos encontrem prazer e satisfação. Ambos precisam de se sentir profundamente identificados um com o outro, sendo imprescindível que a mãe e o pai sintam que a sua personalidade se expande para o filho, interferindo na sua personalidade e na personalidade do bebé. Essa relação é fundamental para a saúde mental de ambos e principalmente do bebé, nos primeiros dias de vida (Bowlby, 1981). Para a formação do vínculo é necessário que os pais estejam presentes (Klaus & Kennel, 1976, cit. por Figueiredo, 2003) e, que essa presença não se restrinja apenas aos cuidados básicos e necessários, devendo igualmente envolver sensibilidade, segurança, interesse, paciência, responsabilidade, preocupação, comprometimento, intimidade e parceria.

Dado que nos contos dos Irmãos Grimm os heróis não têm a possibilidade de ter uma figura parental cuidadora biológica que acompanhe o seu crescimento e desenvolvimento, mas têm quase sempre o respectivo substituto paterno/materno, importa compreender e aprofundar as respectivas competências parentais, ou seja, a sua qualidade enquanto pais. De acordo com Brazelton (1983, cit. por Relvas, 1996) a família inicia-se com o nascimento do primeiro filho. Ao mencionar a família como um factor importante na adaptação do jovem ao contexto sócio-cultural, deve ter-se em consideração quais as suas influências e de que modo esta é constituída. Assim, o grupo familiar não se identifica exclusivamente através de laços biológicos ou legais, mas antes como um conjunto de sujeitos que desenvolvem entre si, de modo sistemático e organizado, interações particulares que lhe concedem individualidade grupal e autonomia (Relvas, 2003). A família estabelece as primeiras relações sociais, bem como os contextos onde sucede a maior parte das aprendizagens iniciais que são elaboradas relativamente às pessoas,

situações e capacidades individuais. Estas aquisições executam uma grande influência na personalidade (Relvas, 2003). A família torna-se relevante para que os conhecimentos que a criança vai alcançando, possam ser ou não produzidos num outro contexto e colabora ainda para a estruturação da personalidade e equilíbrio emocional.

As interacções familiares possibilitam a observação de que as brincadeiras entre pais e filhos são contextos onde as crianças assimilam a descodificação dos sinais sociais e afectivos, a interpretação do impacto das suas manifestações de afecto, a regulação da intensidade e a duração das interacções (Relvas, 2003).

Assim, quando nos referimos a competência parental, referimo-nos à protecção dada pelos pais (ou seus substitutos), face a situações adversas. Por protecção subentende-se a capacidade dos pais em proteger os seus filhos de perigos exteriores, a contenção das angústias dos filhos, a promoção do desenvolvimento e autonomização dos seus filhos.

Consideramos que em todos os contos os pais biológicos são incompetentes, pois não acompanham nem tão pouco participam no desenvolvimento dos seus filhos. Falham na protecção dos mesmos, no afecto e na capacidade de *holding* materno. De acordo com Winnicott (1986), é através do holding que a mãe proporciona ao bebé um estado de fusão, onde a pele se transforma num mediador para a transmissão de sensações variadas como o toque, o cheiro, o calor, e amparo. São estes cuidados parentais que permitirão que a criança se desenvolva, e que passe de um estado de dependência absoluta, para um estado de independência e autonomia, e da não-integração para a integração de um ego forte. Bion (1967/1994) fala-nos na *capacidade de revêrie* da mãe, que consiste na capacidade que a mãe tem em intuir, fantasiar, identificar-se com o bebé, sentido o que ele sente mas que ainda não consegue exprimir em palavras; no fundo, a mãe com boa qualidade materna é capaz de organizar o interior psíquico do bebé, transformando o doloroso em algo suportável. “A capacidade de revêrie da mãe é o órgão receptor da colheita de sensações que o bebé, através do seu consciente, experimenta em relação a si mesmo” (Bion, 1967/1994, p. 134).

No conto das Três Fiadeiras, temos uma mãe agressiva, que acaba por perder a filha para as mãos de uma Rainha. Em Branca de Neve e Três homenzinhos na Floresta temos dois pais que são incapazes de proteger as filhas da inveja e maus-tratos das madrastas. Em Joãozinho e Margarida, o pai falha em protegê-los do destino traçado pela sua mulher. Em última instância, diríamos que são pais que não cuidam, que não protegem, que abandonam os seus filhos.

Podemos assim afirmar que nos presentes contos infantis, a relação entre os filhos e as figuras de vinculação biológicas encontra-se perturbada. Tal facto vai de encontro ao que Ferreira (2002) mencionou acerca da qualidade materna: “(...)Não há mães perfeitas ou sociedades

perfeitas, mas há riscos, sofrimentos, dores desnecessárias e evitáveis” (p. 43-44). Deste modo, a capacidade maternal é uma qualidade ou característica do sexo feminino, é o “traço psicológico da capacidade contentora do corpo feminino” (Ferreira, 2002, p. 65). Organiza-se precocemente e não se pode dissociar da capacidade de amar. A incapacidade maternal revela-se por vezes em mães inteligentes, com consciência de uma ausência de vocação para a maternidade. É a ideia pré-concebida de que se a mulher tem útero logo deve procriar (Ferreira, 2002). É como a autora refere “A consciência das nossas próprias limitações é a atitude mais inteligente de um ser humano, mas ninguém é totalmente inteligente” (p. 67). Mas, incapacidade maternal não é sinónima de dificuldades que possam surgir. Assim, aspectos como fantasias e fantasmas ligados às imagos maternas abandonadas, maltratantes, não contentoras, levam a uma incapacidade materna inconsciente (Ferreira, 2002).

No que concerne aos substitutos paternos e/ou maternos, verificamos que apenas no conto Menina sem Mãos há uma figura materna substitua (e.g. madrasta do rei) de boa qualidade (competente). É uma figura que surge numa etapa sensível para a personagem principal, o nascimento do seu filho. Neste momento, a menina sem mãos encontra-se, sem o rei, e sente-se desamparada e é a madrasta do rei que lhe dá esse amparo (holding). É também uma figura que a protege das ameaças aniquiladoras do Diabo. Considerámos ainda algumas personagens que simbolicamente representam o papel de substitutos maternos/paternos: as três fiadeiras no conto com o mesmo nome, o pássaro branco em Gata Borralheira e o Anjo em forma de Donzela no conto Menina sem Mãos, pois personificam a imagem idealizada e onipotente de boa mãe, e como tal surgem nos momentos mais difíceis, salvando a heroína da história.

Nos restantes contos, os substitutos são de má qualidade. Em relação a Branca de Neve, Gata Borralheira, Irmãozinho e Irmãzinha, Três homenzinhos na Floresta, Joãozinho e Margarida e Doze Irmãos as personagens principais ficaram a cargo de uma madrasta malvada. Nestes seis contos, a madrasta possui características marcantes. Geralmente é soberba e orgulhosa. Engenhosa a ponto de sempre fazer com que o marido ceda aos seus caprichos e ordens, a madrasta quando tem filhas ou filhos é uma mãe cuidadora e carinhosa, mas cruel para o filho ou filha do primeiro casamento do marido. Em alguns momentos, os filhos da madrasta possuem temperamento igual ou pior ao seu, em outros são bondosos e solidários com os meios-irmãos. Em alguns contos, a madrasta, revela-se uma mãe amorosa e cuidadosa, todavia, este amor demarca o perigo da existência da filha do primeiro casamento e justifica as maldades da madrasta. A madrasta dos contos, também, aparece como dissimulada, pois antes de casar-se aparenta ser uma provável boa mãe para a criança órfã, sendo este um dos principais motivos que fazem com que o pai a escolha para desposá-la. Entretanto, logo após o casamento, revela a

mulher má que realmente é e procura em todos os meios que dispõe artimanhas para anular a presença da filha ou filho do primeiro casamento, excluindo-o/a de todo o conforto ou privilégios. Há momentos em que se revela cínica, demonstrando amor e zelo pelos enteados. A bem da verdade, este comportamento serve, apenas, de fachada para esconder o ódio que nutre por eles. Neste contexto, o que chama atenção é a total anulação ou omissão do pai, diante das ações perversas e cruéis da madrasta, levando-nos a pensar em questões como: será a madrasta tão manipuladora e perspicaz a ponto de maltratar a enteada e, por conseguinte, ocultar os maus-tratos do olhar paterno? Ou será o pai, uma personagem acomodada e negligente, que delega na madrasta o poder de cuidar da sua filha sem se preocupar com as consequências?

Persiste nestes contos, a personalidade perversa da madrasta, que cria situações para sobrecarregar a enteada de serviços pesados, humilhantes, afastando-a da sua real condição de princesa-rainha. Noutros momentos, cria estratégias para abandonar ou destruir a enteada. E, nesta cega perseguição ao alvo da sua inveja, a madrasta é desenhada como determinada, chegando a ser insistente, não desistindo até que o seu propósito se concretize. Importa referir que os trabalhos a que a enteada é submetida são tarefas domésticas, provavelmente, para afastar cada vez mais a menina órfã da sua condição especial de beleza, delicadeza e bondade. Eis um dos aspectos mais interessante da figura da madrasta: é representada como uma mulher que compete com outra mulher, geralmente, mais jovem, por sentir inveja. Os sentimentos de aversão às qualidades do outro, juntamente com o desejo obsessivo de possuir o objeto ou características próprias do outro levam a madrasta a planejar esquemas humilhantes e aniquiladores da enteada. Com as protagonistas dos contos, as suas enteadas, a madrasta estabelece uma relação de desprezo e desafeição. A postura adoptada perante estas crianças é sempre desqualificadora; chama-as de preguiçosas, impõe serviços pesados e ludibria-as diversas vezes. Sente um prazer doentio e glorifica-se com o infortúnio das enteadas.

Bettelheim (1975/1976/2011) refere a este propósito que “é o pai ou a mãe narcisista que se sente ameaçado pelo crescimento do filho, porque isso significa que aquele ou aquela está a envelhecer” (Bettelheim, 1975/1976/2011, p. 257). No entanto, como o autor refere, os contos de fadas também tranquilizam as crianças, ao mostrarem-lhes que é possível sobreviver ao ciúme. Sá (2010) também refere que as madrastas podem representar as mães, que ao serem mal-amadas, exigem ser adoradas, destruindo quem não o faz. No entanto, apesar destas madrastas serem de má qualidade, as crianças dos contos de fadas não desejam vingar-se das mesmas (Bettelheim, 1975/1976/2011).

Constatamos assim, que a mãe/o pai suficientemente bons podem não ser a mãe/o

pai biológicos, mas sim os substitutos parentais. O importante é que se adaptem às necessidades do bebê, promovendo a sua autonomia e tolerância à frustração. Contudo, na obra dos irmãos Grimm, regra geral, os substitutos maternos não são suficientemente bons, o que revela um total desamparo destas personagens durante o seu desenvolvimento e uma vida pouco afortunada que, apenas se reverte no momento em que se apaixonam, casam e têm filhos.

Estilo Parental: Os padrões parentais dos Pais Biológicos em oposição ao dos substitutos Paternos e/ou Maternos

Os estudos pioneiros de Diana Baumrind (1971, cit. por Baumrind, 1991) cujo objectivo era avaliarem o impacto das práticas parentais em várias dimensões da vida do indivíduo contribuíram para a formulação de três tipos de estilos parentais que se acreditam serem decisivos no processo de desenvolvimento das crianças – o democrático, o autoritário, o permissivo e o negligente. A autora utiliza uma abordagem configuracional para definir os estilos parentais, argumentando que um determinado aspecto do comportamento parental é dependente da configuração de todos os outros aspectos (Baumrind,1971, cit. por Baumrind, 1991). Apresentando uma parte do trabalho de Diana Baumrind e tendo em conta a importância do mesmo para este estudo, importa descrever e analisar os diferentes estilos parentais, essencialmente quanto ao comportamento parental associado a cada um.

Os pais do tipo permissivo evitam exercer controlo e não encorajam a obediência a padrões externos. Quando estes pais pretendem o cumprimento de um objectivo tentam obter a cooperação da criança através do uso de explicações ou de manipulação, mas não do uso claro do poder que detêm. Estes pais não se apresentam como um agente activo da modificação de comportamento dos filhos, ou como um modelo, mas sim como um recurso que estes podem utilizar. São, portanto, pais que fazem poucas exigências, dando autonomia à criança para tomar as suas próprias decisões (Baumrind,1971, cit. por Baumrind, 1991). As principais características deste estilo são a ausência de normas e regras; a elevada tolerância e aceitação dos impulsos das crianças; o fornecimento excessivo de ajuda e de padrões irrealisticamente baixos; a pouca estimulação da criança (o que faz com que esta não desenvolva capacidade que lhe permita funcionar de forma eficaz); os baixos níveis de exigência que revelam falta de autocontrolo e de autoconfiança podem levar os filhos a sentirem-se excessivamente dependentes e sobreprotegidos (Baumrind,1971, cit. por Baumrind, 1991). Os pais permissivos, apesar de não fazerem uso correcto do poder que detêm, podem tornar-se violentos quando perdem o controlo da situação (Baumrind,1971, cit. por Baumrind, 1991).

Os pais autoritários, ao contrário dos permissivos, recorrem ao controlo tentando modelar o comportamento dos filhos de acordo com os seus padrões de conduta, padrões esses, que são frequentemente absolutos e intransigentes. Estes pais valorizam o respeito pela autoridade e pela ordem, as suas medidas para obter obediência são punitivas e não encorajam a troca de opiniões com os seus filhos, acreditando que as crianças/jovens devem aceitar a palavra dos pais como aquilo que está certo (Baumrind,1971, cit. por Baumrind, 1991). São, portanto, pais que fazem muitas exigências aos filhos, mas restringem a sua autonomia não fomentando a comunicação uma vez que pensam que estes devem aceitar o ponto de vista dos pais sem o questionarem, mantendo assim claro que estão numa posição distinta da dos pais. Podem apontar-se como principais características deste estilo as exigências excessivas, a supressão de conflito, a recusa em ajudar, a monopolização do poder de decisão e a valorização excessiva das regras e das normas. Os pais cujo estilo é autoritativo tendem a exercer um controlo firme mas de forma racional; valorizam tanto a obediência como a autonomia, o que faz com que exerçam um controlo consistente quando há divergências mas não imponham restrições excessivas não recorrendo a práticas punitivas exageradas, como no estilo autoritário. Estes pais encorajam a troca de ideias e partilham a razão de ser das directivas e, quando a criança se recusa a obedecer, solicitam que a criança lhe explique a razão do seu não conformismo (Baumrind,1971, cit. por Baumrind, 1991). Os pais autoritários são exigentes e directivos, no entanto não são responsivos. Raramente solicitam a opinião das crianças ou elogiam-na no adquirir de novas competências. Este estilo parental é fortemente marcado pela afirmação do poder parental e pela hostilidade. Podem ainda recorrer a punições físicas.

Num segundo momento de avaliação, Baumrind (Baumrind,1971, cit. por Baumrind, 1991) integrou um novo estilo parental – o negligente – que revelou os piores resultados de todos os padrões, distinguindo-se pela negativa do padrão autoritário e permissivo. Os pais com estilo negligente não exigem responsabilidade aos filhos mas também não encorajam a sua independência. De um modo geral, são pais frios, inacessíveis, indiferentes, centrados neles próprios, não dando à criança/jovem os estímulos afectivos de que necessita e recorrem a castigos ou pressões para evitar que o filho perturbe o seu comodismo. Os filhos tendem a ser tristes, frustrados, inseguros, desorientados, podendo mais facilmente ter problemas de conduta, como a delinquência (Baumrind,1971, cit. por Baumrind, 1991).

Os pais democráticos são responsivos e exigentes, mas não de forma punitiva. Por responsividade entende-se a intencionalidade dos pais em desenvolver a individualidade, a auto-regulação e assertividade dos seus filhos, através do seu próprio apoio e atenção às necessidades

das crianças. Estes pais procuram ser assertivos, mas não intrusivos, e pretendem que os seus filhos sejam responsáveis, cooperativos e autónomos. São também afectuosos.

Os quatro estilos parentais acima descritos têm necessariamente consequências nas crianças. As crianças com pais que possuem um estilo democrático são mais competentes, responsáveis, cooperantes e alegres. Por outro lado, as crianças com pais que possuem um estilo parental autoritário são mais dependentes, rabugentas e provocadoras. As crianças com pais que possuem um estilo parental permissivo são pouco afirmativas e menos interessadas em conquistar novas realizações. Por último, as crianças com pais que possuem um estilo parental negligente são as menos competentes cognitivamente e socialmente (Baumrind, 1991).

Deste modo, analisando os estilos parentais dos pais biológicos presentes nos contos dos Irmãos Grimm, conclui-se que o pai de *Joãozinho e Margarida* possui um estilo parental permissivo e que a mãe das *Três Fiadeiras*, o pai da *Menina sem Mãos* e dos *Doze Irmãos* possuem um estilo parental autoritário. Nos restantes contos (*Gata Borralheira*, *Rapúnzia*, *Três Homenzinhos na Floresta*, *Irmãozinho e Irmãzinha* e *Branca de Neve*) perdura o estilo parental negligente. Predomina assim, o estilo parental negligente nas figuras biológicas.

Considerámos o estilo parental do pai de *Joãozinho e Margarida* permissivo, uma vez que este apesar de demonstrar um carinho e preocupação pelos seus filhos, não é exigente nem se preocupa com o cumprimento das regras impostas pela sua mulher. Durante o enredo, observamos Joãozinho e Margarida a percorrerem caminhos perigosos a mando de sua madrasta, sem qualquer imposição ou protecção por parte do pai. Sabemos que o pai se preocupa com a vida dos filhos, mas verificamos que este falha até na tentativa de os alimentar. Como afirma Bettelheim (1975/1976/2011): “o pai permanece uma figura vaga e ineficaz através de toda a história” (p.247).

Em relação às figuras biológicas nos contos *Três Fiadeiras*, *Menina sem Mãos* e *Doze Irmãos*, pois são figuras que maltratam, batem (e.g. *três fiadeiras*), mutilam (*menina sem mãos*) e desejam a morte dos seus filhos (e.g. *Doze irmãos*). Fazem muitas exigências aos filhos, mas não comunicam nem fomentam a sua autonomia, o que denota que os filhos estão numa posição distinta da dos pais (hierarquicamente inferiores). São figuras que exigem, manipula, recusam-se a ajudar, e que conduzam a que, nos três contos, os filhos abandonem o lar.

No que diz respeito ao estilo parental dos contos *Gata Borralheira*, *Rapúnzia*, *Três Homenzinhos na Floresta*, *Irmãozinho e Irmãzinha* e *Branca de Neve*, consideramos que perdura o estilo parental negligente, uma vez que a relação entre as personagens principais e os pais é quase inexistente.

Deste modo, na análise aos substitutos maternos e paternos constatamos que predomina um tipo de estilo parental, o autoritário. Em apenas um dos contos, dos nove analisados, constatámos um estilo parental democrático – conto da Menina sem Mãos. A madrasta do rei é carinhosa para a menina. Cuida dela após o nascimento do filho e protege-a do Diabo. É uma figura que satisfaz as necessidades físicas e afectivas da personagem. O único conto que não nos permite aferir sobre o estilo parental dos substitutos parentais é o conto das *Três Fiadeiras*, pois no seu enredo não surge qualquer menção a um substituto materno ou paterno. Contudo, se considerarmos as “três fiadeiras” como substitutas maternas, podemos afirmar que as mesmas se inscrevem no estilo democrático, uma vez que se compadecem da situação da menina e a auxiliam no desempenho das tarefas proferidas pela rainha. São elas que proporcionam o casamento da menina, e são elas que impedem que a menina continue a fiar o resto dos seus dias. Nos restantes contos, observámos o estilo autoritário pois são notórios os maus-tratos proferidos às personagens. A madrasta de Branca de Neve tenta matá-la, a madrasta de Gata Borralheira, escraviza-a e humilha-a, privando-a de ser feliz, a madrasta de irmãozinho e irmãzinha maltrata-os de tal forma que não vêm alternativa se não a fuga pela sua sobrevivência, a Bruxa em Rapúncia, isola-a do mundo e pune-a quando esta se apaixona, abandonando-a num deserto para que morra à fome e à sede, a madrasta dos Três homenzinhos na Floresta, tenta matar a enteada à fome e ao frio, a bruxa de Joãozinho e Margarida tenta comê-los e a madrasta deseja desfazer-se dos enteados e a madrasta do rei em Doze irmãos sufoca a irmã.

Podemos assim afirmar que, regra geral, não há um esforço, por parte dos pais, biológicos e substitutos, em adoptar um comportamento parental adequado às necessidades da criança.

4. DISCUSSÃO

4.1. Considerações Finais

A presente investigação pretendeu aprofundar o imaginário infantil dos contos de fadas, através de um olhar sobre a vida e obra dos Irmãos Grimm. Inferimos sobre possíveis relações de causalidade entre as *Relações Pais - Filhos* das personagens dos contos infantis dos Irmãos Grimm e a própria relação de Jakob e Wilhelm Grimm com os seus pais.

Interessámo-nos fundamentalmente sobre as *funções parentais*: a sua competência, a sua qualidade, e a sua adaptação às necessidades das crianças. Para tal, analisámos atentamente a obra “Contos da Infância e do Lar” de modo a responder ao problema inicialmente colocado - Será que as figuras biológicas (pais) apesar de ausentes, ou de não terem a possibilidade de acompanharem o crescimento e desenvolvimento dos seus filhos, têm impacto na vida dos

mesmos? Considerámos que se, por um lado, o facto de estarem omissos pode aumentar a vulnerabilidade da criança por não poder contar com o seu apoio e protecção, por outro, esta ausência pode conduzir ao desenvolvimento da autonomia e independência dos seus filhos. A este aspecto aferimos também que o facto dos pais nem sempre poderem acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos induz, inevitavelmente, ao confronto com as dificuldades e frustrações, ao mesmo tempo que promove novas conquistas.

Numa análise preliminar verificámos que alguns enredos começam com a morte de um dos pais. Desta forma, constatámos que as mães biológicas, nos contos analisados frequentemente morrem no início da história, ou estão desde logo ausentes (e.g. *Branca de Neve, Gata Borralheira e Irmãozinho e Irmãzinha*). Pensámos assim que, a morte das mães pode, tornar a criança mais vulnerável como revelam os contos mencionados, onde as personagens principais são maltratadas e ostracizadas pelas suas madrastas. Contudo, identificámos, que as personagens dos contos dos Irmãos Grimm não beneficiam de uma relação próxima e duradoura com uma figura biológica cuidadora e afectuosa. Como tal, surge o *substituto parental*, que na ausência do cuidador biológico é responsável pela criança. Os substitutos, assim como as figuras biológicas podem ser de má ou de boa qualidade, tendo mais ou menos competência parental, dependendo da capacidade de protecção dos mesmos. Observámos assim situações de abandono, desprotecção, negligência e maus-tratos, da parte dos cuidadores. Neste último caso, pensamos que as *madrastas* representam o mau objecto, permitindo a idealização e conservação do bom objecto, as mães. Predomina assim um comportamento parental desajustado.

No que diz respeito à Competência Parental, as *mães suficientemente boas*, cuidadoras, atentas, e contentoras das angústias dos filhos, não têm a oportunidade de acompanharem o crescimento e desenvolvimento dos seus filhos, como por exemplo, a mãe de Gata Borralheira que morre durante a sua infância. Este duplo movimento de por um lado haver uma mãe disponível e cuidadora, mas que morre, faz-nos pensar na relação dos irmãos Grimm com a sua mãe, Dorothea Nee Zimmer Grimm. Uma mãe que deixa os filhos ao cuidado de uma tia, uma mãe que não morre fisicamente, mas que está ausente e que pauteia nestas crianças uma experiência abandonica. Perpassa, assim, para os contos dos Irmãos Grimm, a vivência pouco carinhosa e afectuosa com a figura biológica, ou de substituição. Os substitutos parentais, a par das figuras biológicas autoritárias e negligentes, são também figuras de má qualidade, sem competência parental, que abandonam, desprotegem, negligenciam e maltratam. Constituem, assim, um mau objecto, um mau seio de acordo com Klein (1971). Igualmente desajustado é o comportamento (estilo) parental das figuras biológicas e dos substitutos parentais. Predominando o estilo autoritário, mais uma vez estas figuras falham na satisfação das necessidades da criança.

Em suma, constatámos que os Irmãos Grimm realçaram o papel e importância das mães no desenvolvimento e autonomização dos filhos, pela sua ausência, como por exemplo, pela presença das madrastas e a conseqüente idealização das mães e preocuparam-se em não deixar as personagens principais sozinhas e desamparadas, por um lado pela presença dos Substitutos Parentais, e por outro, pela possibilidade de reparação, na medida em que é possível um reencontro das personagens com os seus progenitores, como uma forma de reconstrução do objecto (progenitor) que outrora foi perdido e separado, mas que agora se apresenta de forma diferente – o final feliz:, como por exemplo o reencontro de Joãozinho e Margarida com o pai.

4.2. Limitações e Estudos Futuros

Quanto às limitações encontradas neste estudo, consideramos que a metodologia utilizada para analisar os contos infantis dos Irmãos Grimm, a análise de conteúdo, pode de acordo com Flick (2009), pela sua cariz esquemática, obscurecer a visão dos conteúdos, impedindo o alcance de aspectos mais profundos do texto. Flick (2009) afirma que a falta de neutralidade do investigador pode também ser considerada uma limitação, uma vez que a sensibilidade e a interpretação ao serem inerentemente subjectivas, são factores idiossincráticos. As restantes metodologias adoptadas - Estudo de Caso e Abordagem Biográfica – também possuem limitações metodológicas, já mencionadas neste estudo, como seja a não possibilidade de generalização.

Por outro lado, o facto da obra analisada ser uma tradução do original (alemão para português) é segundo Amorim (2006) uma limitação a este estudo. Isto porque não se deve esquecer a inevitável interferência do tradutor, evidenciada pela manipulação e processos de reescrita. De acordo com este autor, o próprio original não é idêntico a si mesmo (Amorim, 2006), porque é o leitor, a partir do seu olhar, da sua leitura, do seu repertório e conhecimento de mundo quem produz sentido para o texto. E o tradutor no intuito de dizer o mesmo que o original não está distante do texto a ponto de tornar-se invisível na apropriação da língua do outro. Ele é visto no texto quando opta por um vocábulo e não outro, quando leva em consideração as diferenças culturais e faz as alterações necessárias para a compreensão do leitor na cultura de chegada, na visão que tem do autor, da obra e da cultura que traduz (Amorim, 2006).

A par destas limitações, existe outra que consideramos de extrema importância. Esta limitação não é independente das já mencionadas, ela constitui-se como o pano de fundo (*background*) de toda e qualquer investigação ao universo dos Grimm, seja qual for o campo de

investigação escolhido. Os Irmãos Grimm recolheram os contos de várias fontes orais, as quais tinham herdado esses contos como forma de manifestação cultural. É-nos, deste modo, impossível garantir um acesso directo ao sentido original de cada conto. Esta impossibilidade não deve constituir uma barreira intransponível para a nossa análise, mas deve impor-se como balizamento do alcance das análises efectuadas. Queremos com isto dizer que a validade do nosso estudo não fica afectada pela impossibilidade de acesso aos conteúdos, que nos contos, são exclusivos dos Irmãos Grimm ou aos conteúdos que se perdem na tradição oral. Tendo como base estas limitações, reconhecemos que o âmbito do nosso estudo reporta-se apenas e exclusivamente a nove contos presentes na obra traduzida para português intitulada “Contos da Infância e do Lar”.

Por outro lado, o facto de terem sido apenas analisados nove contos da obra “Contos de Infância e do Lar” dos Irmãos Grimm, constitui-se como uma limitação para este estudo em dois momentos. Em primeiro lugar, seria despropositado no âmbito deste trabalho analisar os 63 contos que constituem o volume I da tradução portuguesa dada a extensão que esta dissertação implicaria. Em segundo lugar, nem todos os contos presentes no Volume I da Obra “Contos da Infância e do Lar”, apresentam enredos significativos para o constructo escolhido para este estudo - Parentalidade.

No que se refere aos estudos futuros, identifica-se a importância de se desenvolverem mais estudos nesta área, procurando investigar mais profundamente a importância dos contos infantis (de fadas) no imaginário infantil. Sugere-se que para tal seja realizado um estudo comparativo onde se analisem as diferenças e similitudes entre as diferentes adaptações aos contos originais dos irmãos Grimm (e.g. os contos de Perrault, surgidos 100 anos depois, os contos de Hans Christian Andersen e a adaptação cinematográfica protagonizada por Walt Disney). Outro estudo igualmente pertinente seria a análise psicológica do confronto com o horror e a violência, presente nos contos originais dos Irmãos Grimm (que foram eliminados e revistos na obra analisada devido à sua adaptação ao público infantil) e a sua transmutação para o paradigma contemporâneo. Também de extrema pertinência, seria um estudo empírico, onde se analisasse, através do C.A.T. (*Child Apperception Test*) e o desenho, as representações que as crianças fazem sobre os contos infantis analisados. Por fim, poder-se-á alargar a amostra e utilizar como metodologia o Inquérito ou Questionário, de forma a comparar as diferentes perspectivas face ao universo literário dos Irmãos Grimm.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991), An ethological approach to personality development. *American Psychologist*. (Nº 46, pp. 331-341). Retrieved from EBSCOhost
- Amorim, L. M. (2006). *Tradução e Adaptação*. São Paulo: UNESP.
- Andolfi, M., Angelo, C. (1989). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas (Tradução do original em Italiano Tempo e Mito nella Psicoterapia Familiare).
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* (4ª ed.). Lisboa: Edições 70 (Tradução do original em Francês L'Analyse de Contenu. France: Presses Universitaires, 1977).
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. In *The Journal of Early Adolescence*, (Vol. 11:1, pp. 56-95).
- Bettelheim, B. (2011). *Psicanálise dos contos de fadas* (13ª ed.). Lisboa: Bertrand Editora (Tradução do original em Inglês The Uses of Enchantment, 1975, 1976).
- Bion, W. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA (Tradução do original em Inglês Second Thoughts, 1967).
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados maternos e saúde mental* (1ª ed.). Brasil: Livraria Martins Fontes Editora LTDA (Tradução do original em Inglês Child Care and Growth of love. Londres: Penguin Books Ltd, 1976).
- Bowlby, J. (1984). *Apego e perda: Apego - A Natureza do Vínculo* (Vol. 1). São Paulo: Martins Fontes
- Cummings, E., Cummings, J. (2002). Parenting and attachment. In M. Bornstein (Ed), *Handbook of parenting: practical issues in parenting* (2ª ed., Vol. 2, pp. 35-58). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ferreira, T. (2002). *Em defesa da criança: teoria e prática clínica psicanalítica da infância*. (2ª ed.). Lisboa: Assírio e Alvim.

- Figueiredo, B. (2003). Vinculação materna: Contributo para a compreensão das dimensões envolvidas no processo inicial de vinculação da mãe ao bebé. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 3(3), 521-539. Retrieved from EBSCOhost.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3ª ed). São Paulo: Artmed.
(Obra original publicada em 1995)
- Franz, M.L.V. (1990). *A Interpretação dos Contos de Fadas*. São Paulo: Paulus
- Freud, S. (1915). *Instincts and their Vicissitudes*. PEP Archive. Retrieved form EBSCOhost
- Freud, S. (1996). Além do Princípio de Prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*.(vol.18, pp. 11-75). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).
- Gonçalves, J. (1994, Novembro). *A abordagem biográfica: questões de estudo*. Comunicação apresentada no VII Colóquio Nacional da AIPELF/AFIRSE (reimpressão em A. Estrela & J. Ferreira (Eds.), *Métodos e técnicas de investigação científica em educação*: (pp. 91-114). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Grimm, I. (2012). *Contos da Infância e do Lar* (Vol.1). Lisboa: Círculo de Leitores –Temas e Debates. (Tradução do original em Alemão Kinder- und Hausmärchen cujo primeiro volume foi publicado em 1812)
- Klein, M. (1971). *O sentimento de solidão*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1991). Inveja e Gratidão. In *Obras Completas de Melanie Klein: Inveja e Gratidão e outros Trabalhos* (3ªed, Vol.3, pp. 70-79). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1957).
- Klein M. (1996) *Amor culpa e reparação*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1945).
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1992). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

- Mahler, M. S. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mahler, M. S. (1993). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1979).
- McGoldrick, M., & Gerson, R. (1990). *Génogrammes et entretien familial*. Paris: ESF Editeurs.
- Nascimento, L. C., Rocha, S. M., & Hayes, V. E. (2005). Contribuições do genograma e do ecomapa para o estudo de famílias em enfermagem pediátrica. *Texto & Contexto Enfermagem*. (Nº14, Vol.2, pp. 280-286).
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sá, E. (2004). *A maternidade e o bebé* (2ª ed.). Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2010). *Sindicato da bondade*. Lisboa: Salamandra.
- Shaughnessy, J., Zechmeister, E., & Zechmeister, J. (2006). *Research methods in psychology*. New York: McGraw-Hill International Edition.
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e Avaliação* (pp. 15-45). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Spitz, R. A. (1993). *O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anómalo das relações objetivas* (3ª ed. Brasileira). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1979).
- Winnicott, D. (1986). The theory of the parent-infant relationship. In P. Buckley (Ed.), *Essential papers on object relations* (pp. 233-253). New York: New York University Press.
- Winnicott, D. (1988). Communication between infant and mother, and mother and infant, compared and contrasted. In C. Winnicott & R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Babies and their mothers* (pp.89-103). London: Free Association Books Ltd.

Winnicott, D. W. (2006). Saber e aprender. In: *Os bebês e suas mães*. (pp.13-18).São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1941).

Winnicott, D. W. (1990). *A Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago